



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

SUZANA ALVES DE SOUSA

**FOTOGRAFIAS E NARRATIVAS DA MODERNIDADE: O COTIDIANO EM
SOUSA-PB (1920-1960)**

CAMPINA GRANDE - PB

2025

SUZANA ALVES DE SOUSA

**FOTOGRAFIAS E NARRATIVAS DA MODERNIDADE: O COTIDIANO EM SOUSA-
PB (1920-1960)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em História.

Orientador: Prof. Severino Cabral Filho, Dr.

CAMPINA GRANDE - PB

2025

S729f

Sousa, Suzana Alves.

Fotografias e narrativas da modernidade: o cotidiano em Sousa – PB (1920-1960) / Suzana Alves Sousa – Campina Grande, 2025.

151 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação: Prof. Dr. Severino Cabral Filho."

Referências.

1. História da Cidade de Sousa. 2. Fotografias. 3. Modernidade. 4. Cotidiano Urbano. I. Cabral Filho, Severino. II. Título.

CDU 94(813.3)(043)

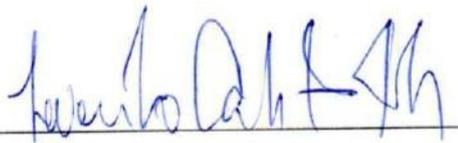
SUZANA ALVES DE SOUSA

**FOTOGRAFIAS E NARRATIVAS DA MODERNIDADE: O cotidiano em Sousa-
PB (1920-1960)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, pertencente à linha de pesquisa História, Cultura e Cidade e área de concentração História, Cultura e Sociedade como requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Aprovado (a) em: 21/ Março / 2025

BANCA EXAMINADORA



Prof. Severino Cabral Filho, Dr.

Orientador(a)

Documento assinado digitalmente

gov.br

IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA

Data: 14/04/2025 16:33:01-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Iranilson Buriti de Oliveira, Dr.

Instituição PPGH/UFCEG

Documento assinado digitalmente

gov.br

ELIO CHAVES FLORES

Data: 16/04/2025 13:16:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Elio Chaves Flores, Dr.

Instituição PPGH/UFPB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Às 10h do dia 21 de março de 2025, na sala videoconferência de Google Meet, organizada pelo Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, ocorreu a Defesa Pública da Dissertação de Mestrado do discente SUZANA ALVEZ DE SOUSA, intitulada "FOTOGRAFIAS E NARRATIVAS DA MODERNIDADE: O COTIDIANO EM SOUSA-PB (1920-1960)". Após a apresentação, a Banca Examinadora, composta pelos professores doutores Severino Cabral Filho - Orientador(a), Iranilson Buriti de Oliveira - Examinador(a) Interno(a) e Elio Chaves Flores - Examinador(a) Externo(a), realizou as arguições. Em seguida, reuniu-se para a deliberação e decidiu atribuir ao candidato o conceito "APROVADO". Assinam a presente ata, para os devidos efeitos legais, o Secretário do PPGH, Yaggo Fernando Xavier de Aquino, e a Coordenadora do PPGH, Michelly Pereira de Sousa Cordão.

Parecer: A dissertação de Mestrado de SUZANA ALVES DE SOUZA foi considerada meritória, considerando o seu acerto em termos teóricos e metodológicos, além de significar uma importante contribuição à Linha de Pesquisa História, Cultura e Cidade, a qual se vincula.

Lista de Presença

Orientador(a)	Severino Cabral Filho	PPGH/UFCG	
Examinador(a) Interno(a)	Iranilson Buriti de Oliveira	PPGH/UFCG	Documento assinado digitalmente IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA Data: 24/03/2025 12:05:03-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Examinador(a) Externo(a)	Elio Chaves Flores	PPGH/UFPB	
Secretário	Yaggo Fernando X. de Aquino	PPGH/UFCG	

Campina Grande, 21 de março de 2025.

Documento assinado digitalmente
 SEVERINO CABRAL FILHO
Data: 24/03/2025 11:26:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 ELIO CHAVES FLORES
Data: 26/03/2025 07:16:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 MICHELLY PEREIRA DE SOUSA CORDAO
Data: 26/03/2025 15:20:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 YAGGO FERNANDO XAVIER DE AQUINO
Data: 26/03/2025 16:10:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

DEDICATÓRIA

A minha querida irmã Naiara Alves, cujo apoio constante e incentivo foram essenciais para a realização desta jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Certa vez o apóstolo Paulo escrevendo aos Colossenses afirmou: *Tudo o que fizerem, seja em palavra seja em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai*¹. Seguindo essa recomendação gostaria de agradecer ao meu bom Deus por mais uma etapa da minha vida que estou concluindo. Sem sua graça e misericórdia, nada disso seria possível.

Sou grata a toda a minha família, que, ao longo de minha trajetória até aqui, sempre me ajudou e me apoiou, sem vocês isso não seria possível. O mestrado foi um grande desafio para mim, não apenas no aspecto acadêmico, mas também por me levar a uma nova cidade, até então desconhecida. Foi assim que conheci Campina Grande e me apaixonei por ela – uma cidade linda, cheia de pessoas receptivas e amorosas. Manifesta-se imensa gratidão à minha irmã, Naiara Alves, que, já cursando o mestrado em Campina Grande, ofereceu total apoio para que fosse possível me juntar a ela. Juntas vivemos um dos melhores anos de nossas vidas, repletos de experiências e aprendizados. Também agradeço aos amigos e irmãos que fizemos nessa cidade, que, mesmo em pouco tempo de convivência, oravam por nós e celebravam nossas conquistas.

Expresso minha profunda gratidão à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) por, mais uma vez, me proporcionar a oportunidade de crescer profissionalmente. Sou também imensamente grata aos professores, pelo comprometimento e dedicação, e aos colegas e amigos que fiz ao longo dessa jornada. Em especial, agradeço a António, Edneide, Elis e Erasmo, cuja companhia foi fundamental nesse processo. Aos companheiros amigos e profissionais na cidade de Sousa que se dispuseram a ajudar com as fontes necessárias para a construção desta pesquisa, meus sinceros agradecimentos.

Sou profundamente grata à banca examinadora (Elio Chaves Flores, Iranilson Buriti de Oliveira) pelo tempo dedicado à leitura e avaliação desta pesquisa, com um agradecimento especial ao meu orientador, Severino Cabral Filho, pelo apoio e dedicação.

¹ Colossenses 3.17

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a cidade de Sousa por meio de fotografias produzidas entre as décadas de 1920 e 1960 que estão compiladas no livro *Além do Rio* (2011). A pesquisa busca compreender como essas imagens retratam o cotidiano urbano e constroem narrativas sobre modernidade e desenvolvimento. Para isso, utilizamos os conceitos de Iconografia e Iconologia, conforme Boris Kossoy (2001), e recorremos às produções de cronistas e memorialistas para contextualizar as fotografias. A chegada do trem, da luz elétrica, dos automóveis e a construção do açude de São Gonçalo foram marcos que impulsionaram a representação da cidade como "moderna" e "civilizada". Nesse contexto, jornais e revistas desempenharam um papel central na difusão dessas narrativas. Assim, ao analisar as fotografias de Sousa, buscamos compreender como a modernização impactou sua identidade social e urbana, entre permanências e rupturas.

Palavras-chave: História da cidade; Fotografia; Modernidade; Cotidiano.

ABSTRACT

The present study aims to examine the city of Sousa through photographs taken between the 1920s and 1960s, which are compiled in the book *Além do Rio* (2011). The research seeks to understand how these images portray urban daily life and construct narratives about modernity and development. For this, we use the concepts of Iconography and Iconology, as proposed by Boris Kossoy (2001), and rely on the works of chroniclers and memoirists to contextualize the photographs. The arrival of the train, electric lighting, automobiles, and the construction of the São Gonçalo Dam were milestones that boosted the representation of the city as 'modern' and 'civilized'. In this context, newspapers and magazines played a central role in disseminating these narratives. Thus, by analyzing the photographs of Sousa, we seek to understand how modernization impacted its social and urban identity, between continuities and ruptures.

Keywords: City history; Photography; Modernity; Everyday.

LISTA DE FIGURAS/IMAGENS

Figura 1 - Rua João Rocha	42
Figura 2 - Rua Getúlio Vargas.....	43
Figura 3 - Praça Bento Freire	48
Figura 4 - Rua Deputado José Mariz	51
Figura 5 - Rua Cel. José Gomes de Sá	53
Figura 6 - Rua Galdino Formiga.....	55
Figura 7 - Rua Capitão Manoel Gadelha	56
Figura 8 - Rua Coronel José Vicente.....	58
Figura 9 - Rua Coronel José Vicente.....	60
Figura 10 - Inauguração da Estação Ferroviária.....	70
Figura 11 - Rua Padre Correia de Sá	73
Figura 12 - Fotografia de uma jovem sousense - Era Nova	74
Figura 13 - Recorte: Estação Ferroviária.....	76
Figura 14 - Recorte: Estação Ferroviária.....	78
Figura 15 - Primeiro automóvel em Sousa	82
Figura 16 - Primeiro automóvel em Sousa	83
Figura 17 - Primeiras bicicletas	85
Figura 18 - Primeira moto da Cidade	87
Figura 19 - Rua Presidente João Pessoa	88
Figura 20 - Rua Nabor Meira	90
Figura 21 - Rua Coronel José Vicente.....	94
Figura 22 - Localização das feiras populares	94
Figura 23 - Praça e Rua Almeida Barreto - O coreto	100
Figura 24 - Praça Bento Freire	102
Figura 25 - Praça Bento Freire	102
Figura 26 - Travessa Ananias Gadelha.....	106
Figura 27 - Bairro Guanabara.....	107
Figura 28 - Mapa do Estado da Parahyba - IFOCS	112
Figura 29 - São Gonçalo na revista Ilustração Brasileira.....	113
Figura 30 - Rua 16.....	116
Figura 31 - "As Grandes realizações da Inspectoria de Sêccas"	119

Figura 32 - Inauguração do açude de São Gonçalo	120
Figura 33 - Visita do Presidente Getúlio Vargas a São Gonçalo.....	126
Figura 34 - Rua João Gualberto.....	127
Figura 35 - Rua João Gualberto.....	129
Figura 36 - "Administração Felino Gadelha"	130
Figura 37 - Largo do Bom Jesus.....	131
Figura 38 - Recorte: Largo do Bom Jesus	132
Figura 39 - Felinto Gadelha.....	138

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

CAENE	Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste
DOP	Departamento Oficial de Propaganda
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IBAM	Instituto Brasileiro de Administração Municipal
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
OPA	Operação Pan-Americana
OPDC	Departamento de Propaganda e Difusão Cultural
SANBRA	Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 A ação fotográfica na Paraíba	16
1.2 A fotografia como Fonte Histórica	21
2 “SOUSA, O CORAÇÃO DA PARAÍBA”: ELEMENTOS DO MODERNO	32
2.1 Sousa e os tramas do moderno	41
3 VIDA COTIDIANA EM SOUSA: MEIOS DE TRANSPORTE E URBANIZAÇÃO .	64
3.1 A chegada dos automóveis em Sousa	69
3.1.1 A “boa aparência” e os artigos de moda da sociedade sousense	70
3.1.2 A chegada do trem: o “mensageiro do progresso”	75
3.1.3 Automóveis: entre “besta-fera” e poses	81
3.2 Entre carros de bois e as feiras livres	89
3.2.1 O melhoramento da “feição da cidade”	96
3.2.2 As praças e o embelezamento da cidade	99
4 A ÁGUA CHEGOU EM SOUSA: A CONSTRUÇÃO DO AÇUDE DE SÃO GONÇALO	110
4.1 São Gonçalo e as “realizações da Inspetoria contra as secas”	111
4.2 Sousa e o abastecimento do “precioso líquido”	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
APÊNDICE A - Mapa das fotografias	141
APÊNDICE B - Fontes Utilizadas	145
REFERÊNCIAS	146

1 INTRODUÇÃO

A cidade onde nasci, cresci e compartilho as mais belas experiências de vida com a minha família é o objeto de pesquisa que este trabalho pretende estudar. Nos meus últimos 27 anos, lembro claramente de percorrer determinados estabelecimentos da cidade e me deparar com certas fotografias da urbe, em especial nos primeiros anos do século XX. Fotografias da chegada do trem, ou do primeiro carro da cidade, ou a imagem da praça central de Sousa. Aquilo era fascinante pois a imagem despertava aquele sentido de curiosidade sobre a história da cidade.

Ao começar a frequentar a biblioteca da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) do campus de Cajazeiras encontrei um livro de fotografia, *Além do Rio*², logo fiquei encantada com as inúmeras fotografias da cidade e fiquei imaginando como eram aquelas ruas antigamente e quanta coisa havia mudado. Mas somente com a possibilidade do ingresso no mestrado que resolvi investir na análise dessas imagens enquanto fonte histórica para pensar a cidade de Sousa nas décadas iniciais do referido século, partindo da chegada do trem na cidade. Dessa forma, o recorte temporal se estende de 1920 - 1960.

A cidade sempre foi o palco preferido dos fotógrafos. E é por meio dessas imagens que podemos observar as transformações que esses espaços tiveram ao longo do tempo. Essas imagens nos levam a viajar na imaginação sobre a vida cotidiana, - usos e costumes da época, moda e vivências.

Podemos afirmar que o presente trabalho tem como objeto de pesquisa a Cidade de Sousa, na Paraíba, por meio das fotografias produzidas entre os anos de 1920 - 1960. Mediante essa fonte histórica percebemos a importância da fotografia em trazer o cotidiano da cidade para os registros históricos. Compreendemos que essas imagens eternizaram as vivências e o ordinário da vida de crianças, homens trabalhadores e de mulheres no sertão da Paraíba. Desde modo, entendemos a riqueza da fonte imagética para a nossa pesquisa.

Nossa investigação pretende abordar não apenas os aspectos cotidianos dessa sociedade sertaneja, mas também a introdução de elementos até então considerados modernizantes. Dessa forma, discorreremos sobre como essas imagens permitem compreendermos os discursos modernizantes (progresso e desenvolvimento) que faziam parte dessa sociedade, alimentadas pela elite local e estadual, que faziam usos de meios de comunicação como jornais e revistas.

² FERRAZ, Augusto. **Além do rio**: uma fotografia da paisagem urbana - Sousa - Paraíba. AGT Produções, 2011.

Investigaremos fotografias que registram a chegada de símbolos modernizantes, buscando observar como a cidade recebeu a introdução dessas novas ferramentas. Entre elas, destacam-se o embelezamento urbano, como a construção de praças, o alargamento e a organização das ruas. Nosso objetivo é compreender as novas dinâmicas geradas por essas transformações e os discursos que as acompanham. Para isso, o diálogo com jornais e cronistas auxilia na compreensão dos anseios e narrativas que permeiam essas mudanças.

Conseqüentemente, observamos que as fotografias também nos direcionaram a vislumbrar o cotidiano da vida sertaneja. Isso porque o olhar fotográfico eterniza as dinâmicas sociais. Nessas imagens a presença do cidadão da urbe permite ao pesquisador perceber as relações sociais, o homem comum, seus usos e costumes, condições sociais, entre outros aspectos.

Perceba que a fotografia pode dar inúmeros caminhos para trilharmos um estudo em volta do nosso objeto de pesquisa, a cidade de Sousa. Assim, esta investigação propõe um análise sobre a cidade de sousense, no período de 1920 a 1960, por meio das fotografias, com o objetivo de identificar elementos que nos auxiliam a compreender os discursos e narrativas construídos ao longo desses anos, atrelados à concepção de modernidade e desenvolvimento. Além disso, busca-se analisar as dinâmicas sociais, observando como o olhar fotográfico incorpora a presença do homem comum aos registros históricos.

A cidade de Sousa, localizada a 430 quilômetros da capital paraibana, é conhecida no alto Sertão como uma das maiores cidades da região. Com uma população estimada de 70 mil habitantes, a cidade é conhecida pela sua riqueza paleontológica³ que atrai turistas, alunos e pesquisadores para a região.

Nos anos de 1920/1930 a cidade de Sousa detinha muitas características que se assemelhavam à vida rural. Entretanto, neste período a população, que vivia uma vida ainda pacata, começou a testemunhar a introdução de elementos considerados 'modernos'. Com a chegada do trem e dos automóveis, a cidade começa a ganhar novas dinâmicas. No entanto, entre 1940 e 1960 a cidade já exibia traços urbanos, distantes da realidade rural. Ainda mais, com o advento dos anos é introduzido luz elétrica, urbanização e, já no final dos anos de 1950 água encanada. (Sousa, 2011. Silva Filho, 1999)

Mas porque estudar Sousa neste período? Como observamos, é nas primeiras décadas do século XX, que a cidade se vê diante de várias transformações. Desde a transição dos aspectos rurais e sociais para a introdução de elementos urbanos modernizantes. A cidade passa

³ Um dos lugares mais visitados da região é o Vale dos Dinossauros conhecido pelas pegadas do período da Pré-História, alguns chegam a 120 milhões de anos.

por novas infraestruturas, agora o contato com o que acontece no mundo é mais fácil, através de notícias e informações. Além de novas possibilidades, a cidade ganhava traços de “civilidade” e “progresso”.

Tendo isso em vista, procuramos observar como a fotografia pode nos apresentar sobre como se deu a introdução desses elementos e como as novas dinâmicas foram recebidas, especialmente pela elite da cidade, que utilizou ferramentas de comunicação para expressar suas expectativas e frustrações. Quais são as narrativas construídas em volta dessas mudanças, presente nesses meios de comunicação? A imagem também nos permite perceber as transformações da cidade e o cotidiano. Dessa maneira, ela possibilita questionarmos sobre como se dava as vivências no município de Sousa durante esse recorte.

Falar sobre a modernidade no sertão paraibano é um grande desafio. Devemos considerar que a modernidade presente nessa sociedade não pode ser comparada às cidades europeias e às grandes metrópoles do Brasil, como Rio de Janeiro, Recife e João Pessoa. Contudo, levamos em consideração o que foi afirmado pelo historiador Gervácio Aranha (2023), que afirma que, embora seja impossível pensar as experiências dessas cidades nos mesmos termos dos ritmos sociais das grandes metrópoles, podemos analisá-las por meio da introdução desses elementos no cotidiano. Ou seja, o impacto provocado pela presença desses equipamentos.

Com isso, ao pensarmos na modernidade da cidade de Sousa, temos em mente que uma simples introdução de elementos como carro, trem, luz elétrica e água encanada possibilita que essa cidade seja vista como moderna e civilizada. Essas narrativas estão presentes nessa sociedade. Como veremos ao longo do texto, diversas edições de jornais e revistas destacam a chegada da modernidade ao sertão paraibano sempre que um novo elemento é introduzido.

A Paraíba nos primeiros anos do século XX é marcada por oligarquias. Caracterizada pela troca de favores, esse sistema perdurou até os anos de 1930. Essa esquematização era conhecida como “Política dos Governadores”, pois consistia na relação entre os presidentes da república, os governadores e os coronéis das cidades. Grande parte dessas transformações e a introdução de novos elementos na paisagem urbana sertaneja se dá pelas obras que passam a ser desenvolvidas na região.

Segundo nos é apresentado pelo Arthur Guimarães (2008), o Epitácio Pessoa ao chegar na presidência da República focou suas atividades nas questões mais graves do país. Com isso, ele convoca a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) e passa a chamar de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS). Ele beneficiou os grupos que apoiavam seu governo e direcionou recursos significativos para as regiões afetadas pela seca, como resultado, muitos

estados do Nordeste tiveram inúmeras obras desenvolvidas nessas regiões. Entre os benefícios proporcionados, destacam-se a construção de açudes e estradas.

Porém, com o fim do seu governo essas obras só chegaram a ser concluídas ou ampliadas com a administração que sucedeu após os anos de 1930, com o governo de Getúlio Vargas. O ministro José Américo de Almeida passou a ser visto como o continuador das obras inicialmente projetadas por Eptácio Pessoa. No período pós-1930, muitos açudes foram inaugurados, como o de São Gonçalo, além da construção de estradas de rodagem e outras infraestruturas. Os meios de comunicação sempre fizeram referência a esses novos empreendimentos desenvolvidos no estado como obras modernizantes, por meio das quais a população experimentaria novos “ares de civilidade”⁴.

Deste modo, podemos observar que o cenário político e social, tanto do país quanto do estado, contribui para compreendermos como se deu a introdução desses elementos na sociedade sousense. A informação passou a circular de maneira mais fluida com a chegada do trem à cidade, assim como as estradas ampliaram a circulação de mercadorias, contribuindo para o crescimento econômico.

De 1930 para os anos de 1950-1960 muitas coisas mudaram. Evidentemente que novas estruturas foram desenvolvidas e articuladas. Segundo a pesquisadora Rafaela Dário (2012), as ideias modernistas presentes neste período na cidade de Sousa estão ligadas ao contexto em que o Brasil estava passando.

Durante o governo de Juscelino Kubitschek (JK), a propaganda nacional-desenvolvimentista de “50 anos em 5”, parece contagiar o país. JK acreditava que no seu governo “o país se modernizaria, superando o atraso e carimbando seu passaporte para o futuro” (Lira, Feldhues, 2018, p. 152). Brasília é o modelo desse ideal de desenvolvimento, porém diante dessas concepções o Nordeste passava por dificuldades com a estiagem e a fome.

Economicamente a região sul do país crescia, enquanto o Nordeste passava por dificuldades. O caminho encontrado para tentar mudar a situação foi a industrialização.

A “Operação Nordeste” deu base para que o discurso de combate à fome no Brasil convergisse para o ideário de modernidade ora em destaque, fixando-se numa região específica com maior força. Sua campanha promocional recebeu boa acolhida em parte significativa da imprensa nacional e o desenvolver de suas atividades culminou na criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em 1960. (Lira, Feldhues, 2018, p. 159)

⁴ Ver: Nordeste, Canaan. A UNIÃO. Parahyba, 18 de fevereiro de 1923.

Seguindo a lógica governamental de desenvolvimento, Sousa parece ter implementado algumas infraestruturas alinhadas a essas ideias. Segundo Dário (2012), a cidade chegou aos anos 1950 carente de muitas infraestruturas. No entanto, ao final da década de 1950, novas dinâmicas começaram a se desenvolver na cidade, e com isso, as conquistas alcançadas nesse período passaram a refletir os aspectos desenvolvimentistas do governo nacional. O governo de Felinto Gadelha (1955-1959), representou esses interesses, já que foi nesse período que novos elementos foram conquistados, como a água encanada, a luz pública, entre outros elementos.

1.1 A ação fotográfica na Paraíba

A história da fotografia na Paraíba ainda é pouco explorada pelos pesquisadores, porém, já podemos encontrar obras bastante significativas que apontam algumas narrativas necessárias para compreendermos um pouco do uso da fotografia no território paraibano. É importante afirmar que ao tratarmos sobre essas questões ligadas à fotografia queremos elucidar o contexto na qual a fotografia se estabelece na cidade de Sousa, tendo em vista a importância desse instrumento na compreensão sobre o objeto da pesquisa que é a cidade em si.

Como já observamos, a fotografia foi utilizada pela elite sousense na construção de um discurso e na representação do moderno. A fotografia na cidade de Sousa permite olharmos para essa sociedade e ver suas transformações e o seu cotidiano, isso porque a ação do fotógrafo acaba eternizando o sujeito comum, suas ações, vestimentas e relações sociais, permitindo-nos vislumbrar as dinâmicas que existiam nessa sociedade. Porém, ela também nos aponta para as representações que são afirmadas com os discursos vigentes dessa sociedade.

Essa ferramenta modernizante chega às terras paraibanas. E para tratarmos do tema é necessário destacar que uma das obras mais completas que temos sobre a fotografia na Paraíba é do Bertrand Lira (1997), o autor faz uma pesquisa acadêmica sobre a história da fotografia no estado da Paraíba. Através desse trabalho podemos compreender que os primeiros fotógrafos que por aqui passaram vinham das regiões vizinhas, como a capital de Pernambuco, em busca de novos clientes, especialmente a elite local.

Esses fotógrafos geralmente eram solicitados em ocasiões especiais, como casamentos, batizados e etc.

Apenas uma ínfima parcela da população (uma elite econômica) dedicou-se ao hobby da fotografia, sobretudo num estado como a Paraíba onde os resultados desses avanços chegavam com um certo atraso. As fotografias que supriam os álbuns de família foram, até meados do século XIX, feitas por

fotógrafos profissionais que eram convocados em momentos muito especiais. (Lira, 1997, p. 99).

Ainda é destacado, pelo autor, a importância das ferrovias para os retratistas que passaram a ter um meio de transporte mais rápido e seguro no deslocamento para outras localidades mais distantes. Nos primeiros anos do século XX os fotógrafos que se destacaram aqui na Paraíba foram Pedro Tavares, Walfredo Rodriguez e Frederico Falcão.

Pedro Tavares, se destacou como retratista. Ele tinha o dever de documentar os acontecimentos relacionados ao Palácio, suas produções estavam presentes no jornal oficial do Governo, *A União*. Frederico Falcão destacou-se pelo retoque e a fotopintura⁵. A técnica da fotopintura se popularizou muito, era uma habilidade bastante útil não só para a correção das falhas comuns ao processo fotográfico como também em realçar e dar maior realismo às imagens.

Walfredo Rodriguez ficou conhecido como fotógrafo e pintor. Deixou uma grande contribuição na memória iconográfica da cidade, ele tinha uma preocupação com a história da cidade de Parahyba⁶. Segundo Lira, existia algumas inquietações quanto a produção de suas obras, tanto do cinema quanto a da fotografia, entre elas seria a impossibilidade de reter o tempo e sua ação sobre as pessoas e as coisas, dessa forma, ele via a necessidade de registrar tudo aquilo que poderia desaparecer com o progresso, como os costumes típicos da região e a arquitetura da cidade da Parahyba, que foram herdadas ainda do período colonial.⁷

É em 1915 que as obras contra as secas têm início, porém, só ganharam maiores contribuições em 1919, com Epitácio Pessoa na presidência da República. Nesse contexto, em 1922, Walfredo Rodriguez viaja por várias vezes ao interior da Paraíba para registrar o andamento dessas obras, que se estendiam até o sul do Ceará. Como fotógrafo contratado do Governo do Estado suas obras aparecem nas publicações da *Era Nova*, que procurava documentar os rastros da modernidade na Paraíba.

Bertrand Lira afirma que, assim como Paris foi documentada enquanto estava em desaparecimento, a paisagem urbana da cidade da Parahyba⁸ foi corroborada pelo acompanhamento da imprensa local, neste caso a revista *Era Nova* tem um grande papel neste cenário.

⁵ Fotografia pintada a mão. Fusão entre o retrato, a fotografia e a pintura.

⁶ Atual João Pessoa.

⁷ LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba**: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950). João Pessoa, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1997, p.75.

⁸ Entre as décadas de 1920 e 1950.

Mauro Koury (1998), discorrendo sobre as fotografias da cidade da Paraíba, criadas por Walfredo Rodriguez, afirma que suas produções estão ligadas a dois recortes: de um lado, o traçado urbano e atualização; de outro, os aspectos pitorescos da cidade. Esses trabalhos, que pretendiam documentar os melhoramentos que atingiram a cidade, estavam quase sempre ligados às demandas que eram exigidos dos fotógrafos contratados. Como a maioria dos fotógrafos estavam ligados ao estado era seu dever apresentar os melhoramentos da cidade a partir da ação governamental. Entretanto, é defendido por Koury que isso não significava que o fotógrafo não estava concordando com esse ideário, já que nas crônicas de Rodriguez existe uma visão ligada à ideia de progresso e modernização que é respaldado em suas produções.

Dessa forma, por meio da fotografia entendemos que a “cidade é de alguns” como afirma Koury:

A cidade pertence a alguns. A história da cidade é a história desses alguns que compõem a sociedade, como políticos, comerciantes, industriais, intelectuais, profissionais liberais e religiosos. O restante é cenário, faz parte da paisagem humanizada pelos personagens centrais que detém o poder ou o patrimônio local. (Koury, 1998, p. 163).

Não podemos deixar de observar que as fotografias produzidas da capital, pelo Walfredo, têm a ausência do homem comum. Por conseguinte, é notável que a cidade é apresentada como se estivesse desabitada, logo, entendemos que ela pode ser proposital como se a presença dos cidadãos comuns causasse depreciação das imagens.

Ou seja, quando o fotógrafo ou a imprensa fazia uso das fotografias para representar a pobreza ou a burguesia, ele as colocava em favor dos seus discursos. Nas quais estavam relacionadas com políticas sanitaristas, reformas urbanas e da disciplina no trabalho.

É importante destacar que a fotografia é resultado de discursos e representações que se evidenciam nas produções intelectuais da cidade. Isso fica evidente com a produção da imprensa, através dos jornais e revistas da época. Desse modo, podemos embasar nossa leitura da imagem pelo que a sociedade da época está produzindo como notícia e manifestação por meio da linguagem escrita.

Na Paraíba a imprensa também teve um papel importante no registro das transformações no espaço urbano. A construção de estradas de ferro, as obras contra as secas e a reforma urbana foram acompanhadas pela imprensa que fizeram uso da fotografia para a ilustração e documentação dessas transformações. Os meios de comunicação, como a revista *Era Nova*, foi um espaço utilizado pela elite paraibana na exibição de discursos de progresso e modernidade que marcou os anos 1920.

Bertrand Lira (1997), desenvolve uma análise sobre o uso da revista *Era Nova* e a fotografia na consolidação de seus discursos sobre a modernidade e progresso. O autor destaca o interesse do Estado pelos meios de comunicação, que geralmente não possuíam condições suficientes para se manter. Ao investir nesses meios, o Estado garantia que seus interesses fossem valorizados. Logo, a imprensa na Paraíba, era dominada pelos interesses econômicos e políticos.

Percebe-se isso, quando em 1919 é dado início às obras contra as secas e construções de açudes, barragens e estradas, a Revista *Era Nova* reflete a empolgação da elite paraibana. Lira ainda destaca que quando a periferia era apresentada nessas fotografias era como indicativo de que esses espaços necessitavam ser integrados ao processo de urbanização e modernização.

Quem traz, dentro da historiografia, uma grande contribuição para a história da fotografia no Estado da Paraíba é Maria Barreto (1996), apresentando como os grupos elitistas fizeram dos meios de comunicação, em especial a revista *Era Nova*, para seus devidos fins.

Como explica Barreto, o jornal *A União* e a revista *Era Nova* se destacam, entre outras publicações, na cidade da Parahyba nos primeiros anos do século XX. Grande parte das publicações dessas revistas propunha-se ser o porta-voz dos grupos intelectuais da capital, que por sua vez, se preocupavam cada vez mais com a imagem da cidade tendo em vista a projeção da Parahyba para o país, que foi causada com Epitácio Pessoa como presidente da República.

Com a publicação da revista *Era Nova* passa a existir uma preocupação com a fotografia de imprensa. Barreto defende que:

Essa publicação deu um novo impulso à fotografia de imprensa na Parahyba, utilizando também padrões empresariais modernos para a época. Possuía 23 colaboradores e 52 correspondentes espalhados pelo interior do estado. Sua impressão era feita na imprensa oficial, utilizando o recurso da tricromia para a impressão das fotografias, molduras e frisos. A utilização de se assemelhar ao objeto referente. (Barreto, 1996, p. 138).

A revista apresentava um dualismo entre o antigo e o tradicional que é observado pela autora como o de natureza linguística e outro de natureza fotográfica. Em várias ocasiões, como defende Barreto ao referenciar Barthes, a fotografia “orienta a interpretação, impedindo a proliferação dos sentidos conotados, exercendo o controle sobre os significados da imagem numa função elucidativa, porém seletiva.” (1996, p. 140).

Os fotógrafos viajantes que buscam em suas aventuras capturar as transformações nesses espaços e aquilo que era considerado como “pitoresco”. Assim, o que era valorizado pela burguesia tinha seu devido destaque, em contraponto, a pobreza é representada de outra

maneira, evidenciando o que era considerado interessante ou curioso, notoriamente por meio dos seus interesses. Ou seja, “a modernização não permite outro lugar à pobreza senão o da sua definição como ‘pitoresco’.”

Na reforma urbana que aconteceu na cidade de Campina Grande a fotografia também se fez presente, quem traz esse contexto é o pesquisador Cabral Filho (2007), na sua tese o mesmo aborda o uso da fotografia em Campina Grande. Neste caso, a fotografia foi invocada nessa cidade com o objetivo de documentar essas transformações. As imagens apresentadas pelo autor mostram fotografias que foram publicadas nos jornais que relatam praças, prédios que se destacavam em meio ao cenário ainda tradicional, novos padrões de beleza e etc.

Observe o que ele chega a afirmar:

As imagens produzidas especificamente para documentar essas transformações se prestaram ao atendimento de demandas de administrações públicas que, prontamente, delas fizeram uso político: para além do seu caráter informativo, testemunhas tidas e havidas como incontestáveis dos acontecimentos em curso, elas foram úteis para o que podemos chamar hoje de espetacularização midiática. (Cabral Filho, 2007, p. 24).

Essas imagens também foram usadas para meios políticos e de interesses das elites locais. A cidade que possuísse tais símbolos certamente era vista como moderna, ou até mesmo digna do termo “civilizada”. Com isso, várias transformações nas cidades podem ser observadas nesses períodos, em diferentes cidades no território brasileiro.

As reformas urbanas verificadas entre nós, no início do século XX, foram fartamente documentadas através de imagens fotográficas. Não foram poucos os álbuns oficialmente produzidos para esse fim. Cidades como Recife e São Paulo produziram os seus. A remodelação do Rio de Janeiro sob a administração Pereira Passos (que teve em Augusto Malta o fotógrafo oficial da sua gestão) serviu de cenário para um sem número de fotografias: trata-se do desejo de destruir espaços urbanos vinculados à idéia de atraso e incivilidade e, através da mediação da pretensa realidade fotográfica, dar vazão à utopia de cidades modernizadas porque saneadas moral e esteticamente. (Cabral Filho, 2007, p. 24).

Além de trabalharem como retratistas nas cidades, esses fotógrafos eram contratados pelas empresas para documentar seus empreendimentos. No Brasil, inúmeros fotógrafos retratam as mudanças nesses espaços, é o caso das instalações das ferrovias, que foram documentadas em todo o País. Essas imagens, que eram patrocinadas por empresas particulares e pelo capital público, proporcionaram um imaginário estereotipado da realidade. Dessa forma, “sua finalidade era dar a ver o avanço da modernidade no Brasil. Por isso mesmo, a sequência das imagens animava uma narrativa imaginária do progresso do país” (Borges, 2008, p. 107).

Um dos fotógrafos que ficou conhecido por documentar as transformações urbanas no Rio de Janeiro, é o alagoano, Augusto Malta (1864-1957). Foi contratado como fotógrafo oficial da Diretoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura do Distrito Federal, sua tarefa era registrar imagens de todas as ruas que seriam reestruturadas com o projeto que ficou conhecido como “bota-abaixo”. Em 1905, foi contratado pela *The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company Limited*, conhecida como Light, onde produziu fotografias sobre as atividades modernizadoras da empresa na cidade especialmente no transporte coletivo, com a implantação dos bondes elétricos, e na iluminação pública. O retratista também deixou um material bastante significativo sobre o cotidiano da cidade, capturando eventos oficiais da prefeitura, mas também, eventos festivos como o carnaval.

É importante investigar essas fontes que publicaram essas fotografias para observar quais eram seus interesses e seus discursos. Tendo em vista que quase todas as fotografias produzidas no início do século XX, apresentam algum evento ligado aos discursos de progresso e civilizatórios, até as imagens de famílias que majoritariamente são das elites locais das cidades. Esse padrão é observado em todo o estado. Ou seja, quais cenários foram “silenciados”, o que não foi apresentado nessas produções imagéticas de maneira intencional. Tendo em vista, os discursos de grupos elitistas que eram favorecidos, com relações econômicas e políticas.

1.2 A fotografia como Fonte Histórica

Os fotógrafos exploraram de inúmeras formas as paisagens urbanas, muitos exploram as imagens panorâmicas, nelas é possível visualizar todo o espaço de maneira mais distanciada. No Brasil quem fez uso dessa ferramenta foi Marc Ferrez, que se tornou conhecido por produzir panorâmicas das cidades, como o do Rio de Janeiro e de registrar as transformações urbanas desta cidade. Grande parte de suas produções imagéticas foram consumidas no exterior através das exposições, evento que se tornou bastante popular no Brasil e no exterior durante o final do século XIX e início do século XX.

Maria Inez Turazzi (1995), apresenta as exposições que aconteceram principalmente no século XIX, como uma ferramenta política que o império utilizou na construção de uma nação “civilizada”. Assim, essas exposições faziam parte do plano político para mostrar as “novidades” que o Brasil tinha, desde seus recursos naturais, até mesmo os tipos considerados exóticos como os indígenas e as passagens naturais.

A apresentação de um país cuja economia se dava pela produção do café, tinha a intenção de se colocar para outros países seu desenvolvimento econômico e atrair novos consumidores. Dessa forma, Turazzi coloca essas exposições como caracterizadoras da modernidade pois ela assume um lugar de espetáculo na sociedade. Essas “exposições exibem a ‘riqueza das nações’ e esta era identificada com a pujança dos recursos naturais ainda disponíveis e com os frutos do trabalho humano, cada vez mais mecanizado” (Turazzi, 1995, p. 17).

Entre interesses econômicos, identitários e políticos, outro ponto é enfatizado por Turazzi, as transações de informações e técnicas entre os fotógrafos nesses eventos. Era um espaço de trocas de ideias, mercadorias e informações.

É no meio desse turbilhão de acontecimentos, costumes, interesses nacionais e internacionais que perpassa pelas esferas políticas e econômicas que a fotografia ganha mais espaço na sociedade brasileira, de tal forma que as cidades persistem e são retratadas e eternizadas pelas lentes da imagem fotográfica. Porém, é necessário enfatizar que essas representações nem sempre seguiam um modelo estático, pois diante dos interesses sociais essas imagens podem seguir uma dinâmica própria.

No Brasil os primeiros trabalhos sobre a fotografia e a cidade são da década de 1970 por Boris Kossoy (1978). Sua tese de mestrado foi sobre o fotógrafo *Militão Augusto de Azevedo e a documentação fotográfica de São Paulo (1862-1887)*.⁹ É também neste período que surge a necessidade de investir na valorização dos acervos fotográficos.

Telma Carvalho (1999), trabalha com as fotografias de 1930 da cidade de São Paulo com o objetivo de resgatar as produções fotográficas analisando a memória da cidade retratada pelos fotógrafos. Em suma, o trabalho apresenta que nenhuma dessas produções foram criadas de maneira neutra, ou seja, é chamada a nossa atenção para o contexto político e social em que essas imagens são produzidas. Em vista disso, é apresentado pela autora as distintas formas de olhar a cidade por meio da fotografia.

Como por exemplo, a Seção de Iconografia, onde o órgão municipal era responsável pelo registro das obras desenvolvidas pelo município, na qual tinha um fotógrafo para essa finalidade. A Light, que era uma empresa canadense para a implantação da energia elétrica, fez uso da fotografia como meio de comprovar as atividades que eram desenvolvidas e documentar sua atuação. Dessarte, é apresentado pela autora um terceiro elemento, o jornal O Estado de S.

⁹ No site Brasileira Fotográfica existe uma matéria sobre o Militão Augusto de Azevedo: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=militao-augusto-de-azevedo>

Paulo, que possui um vasto acervo iconográfico, pela sua função jornalística conseguiu arquivar tais imagens.

Muitos fotógrafos viajantes passaram pelo Brasil entre o século XIX e o início do século XX. Esses viajantes passaram pelo País diante de dois tipos de viagem, a do deslocamento no espaço geográfico e a do imaginário. Maria Borges (2008), afirma que durante o império de D. Pedro II, muitos fotógrafos acompanharam suas expedições, com o propósito de pesquisar a flora, a fauna e as riquezas minerais. Para além disso, outras viagens ficaram conhecidas, como aquelas que foram usadas para reforçar o imaginário dos europeus.

Muitos desses fotógrafos se orientavam pelas imagens que se tinha sobre o “paraíso”. Dessa forma, se representava o Brasil, muitas das vezes, por meio de visões estereotipadas e exóticas através de um olhar eurocêntrico. Como por exemplo, os povos originários e os escravizados, culturas marginalizadas são representadas por esses viajantes de maneira bastante fantasiosa.

Observe o que afirma a autora Borges:

A combinação entre espelho rústico/selvagem e espelho paradisíaco, que deu origem ao imaginário europeu, aplicada, durante a idade média, as regiões do litoral do oceano Índico, foi posteriormente transplantada para as águas e terras do Atlântico e do pacífico pela cartografia contemporânea das grandes navegações. Na segunda metade do século XIX, o pretense realismo da fotografia ainda transmite fragmentos dessas fantasias sobre o Novo Mundo. No imaginário dos anos oitocentos, essa herança cultural às vezes se mesclava com alguns signos de visão romântica sobre os índios, presente não apenas entre os europeus, desde o Iluminismo, mas também narrada no romance *O Guarani*, de José de Alencar, e posteriormente cantada na ópera de Carlos Gomes. (Borges, 2008, p. 105)

Como esclarece Borges entre os séculos XIX, e início do século XX, a fotografia foi usada para representar as classes sociais, com isso, passou a usar o texto junto com a imagem com o objetivo de formar opiniões dos leitores de jornais. A autora, menciona o jornalista americano Jacob-August, que descobre o poder da fotografia no ato da persuasão. Dessa forma, seu olhar partia de dois blocos, os pobres e os ricos nos Estados Unidos. A imagem dos pobres trazia à tona o tema de sociedade de massa, ao mesmo tempo, a imagem de “trabalhadores italianos, chineses, judeus, irlandeses etc., sobretudo dos desempregados eram guiadas por uma interpretação moralista e reformista, saída do olhar xenófobo de médicos e juristas de fins do século XIX, as representações fotográficas da burguesia pautavam-se por valores positivos, como a beleza plástica, a felicidade, a união da família, o lazer etc.” (2008, p. 68).

A escolha da fotografia para analisar a cidade de Sousa se justifica pela diversidade de usos dessa fonte, o que possibilita o estudo desse período histórico da cidade. Observamos que durante esse recorte o número de fotografias da cidade possibilita ao pesquisador estudar Sousa por meio da produção imagética. Com isso, compreendemos ser necessário apresentar o valor histórico do uso da fotografia no fazer historiográfico e suas possibilidades.

Quando nos dispomos a estudar o processo da escrita da história entendemos que nem sempre se considerou a fotografia como fonte, tendo em vista, que por muito tempo entende-se que somente o documento escrito seria válido. Porém, com a escola dos Annales com o Lucien Febvre a concepção de documento histórico é expandida. Logo, essa fonte passou a ser trabalhada com outro extremo, atribuindo a ela uma cópia do real, como uma prova irrefutável. Porém, essa afirmação foi refutada ao longo dos anos por pesquisadores que afirmam a possibilidade da manipulação desse produto como qualquer outro. Le Goff (2013) afirma que o documento/monumento deve ser criticado como qualquer outro e que ele é produto de uma sociedade que diante de suas relações de forças fabricou aquele produto, só assim o historiador poderá fazer uso dela por meios científicos.

Quem propõe esse debate muito bem é Miriam Moreira Leite (1993) onde a mesma refuta a concepção de que “uma imagem vale mais que mil palavras”. Porém, ela é categórica ao dizer que o historiador deve tratar a fotografia da mesma forma que outra prova qualquer. A imagem carrega consigo aspecto do real, assim, a autora chama a nossa atenção para a importância da leitura da imagem ser acompanhada por textos verbais, como o seu vínculo com a memória. Observe o que ela afirma:

A utilização de fotografias como documentação histórica pode ser realizada da mesma maneira: - uma série de imagens que reunidas ou justapostas podem sugerir aspectos ou ângulos de uma atmosfera ou de um ambiente. A ambiguidade de sua leitura é então ampliada, mas, ainda aqui, ela reproduz aspectos do real. Pode, contudo, procurar atingir uma sistematização maior, através da seriação de imagens e de sua análise semiótica. (Leite, 1993, p. 36).

Como evidencia Miriam Moreira Leite diante do levantamento do que está posto na imagem é preciso deduzir o que *não se vê*. Com isso, é necessário partir para um trabalho analítico, onde existe uma articulação entre o conteúdo interno e o externo das fotos para conseguir uma leitura apropriada dessas imagens.

Ana Maria Mauad (1996) também contribui com a leitura da fotografia enquanto fonte, afirmando que a imagem é um texto e por isso é necessário que perguntas sejam feitas a esse documento, desse modo, deve ser problematizada essa fonte, tendo em vista, que a fotografia

comporta uma visão de mundo. Quem as produziu escolheu aquela imagem para ser eternizada para o mundo e o futuro.

Logo, é necessário afirmar que essa fonte deve ser estudada e analisada através de critérios metodológicos que levantem análises sobre a fonte histórica, seguindo os discursos e métodos usados na escrita historiográfica. Mauad propõe essa discussão quando afirma que a produção imagética não pode ser considerada neutra, tendo em vista as inúmeras escolhas que são feitas antes do ato fotográfico. Observe o que ela diz:

Portanto, o segundo passo é compreender que entre o objeto e a sua representação fotográfica interpõe-se uma série de ações convencionalizadas, tanto cultural como historicamente. Afinal de contas, existe uma diferença bastante significativa entre uma *carte de visite* e um instantâneo fotográfico de hoje. Por fim, há que se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz ‘clic’. (Mauad, 1996, p. 4).

Fazendo referência a Fabris¹⁰, Mauad afirma que ao estudar a fotografia como fonte devemos levar em consideração três elementos: *O autor, o texto e o leitor*. O fotógrafo aqui é o autor, ou seja, deve levar em consideração se ele é amador, profissional, seu controle das técnicas e estética das imagens. Além disso, é o autor que escolhe o ângulo da câmera, a busca por ângulos que favorecem os clientes e etc. O leitor é quem dá significado a uma imagem, por meio de outros textos sociais ele compreende a mensagem e lê a imagem através de regras já estipuladas pela cultura em que está inserida.

Deve-se considerar que a fotografia apresenta inúmeras facetas que levaram a sua produção. Não podemos deixar de analisar o contexto que ela está inserida, nem mesmo o público ao qual ela foi destinada, tendo em vista, que diz muito sobre a mensagem que foi produzida. Soma-se a isso, a seletividade da fotografia, haja vista que a câmera fotográfica estabelece seus limites de enquadramento e o congelamento do instante do ‘clique’ impossibilitando ao leitor ver a passagem do tempo e as mudanças que ocorrem posteriormente a esse ato fotográfico.

Roland Barthes (1984) afirma que toda a fotografia apresenta algum objeto ou alguém, mas o questionamento apresentado é: entre todos os objetos do mundo, porque escolher fotografar aquele em especial? ou aquele momento em específico, logo, essas questões já nos fazem observar essa imagem através de um olhar analítico. Ele apresenta três práticas dentro

¹⁰ FABRIS, Annateresa. **Usos e funções da fotografia no século XIX**, São Paulo, Edusp, 1992.

do objeto fotográfico, entre os quais estão o *Operador*, *Spectator* e *Spectrum*. O *Operador* é o próprio fotógrafo ele é responsável pelo enquadramento da imagem é ele quem limita e coloca em evidência o que ele quer destacar na fotografia. *Spectator* é aquele que consome a imagem, seja por meio de jornais, álbuns, revistas ou livros. Já o *Spectrum* se refere aquele que é o alvo da imagem, aquele que é fotografado, que segundo o autor seria uma espécie do “retorno do morto”.

A fotografia apresenta uma relação muito íntima com a morte. Essa observação é bem explicitada na obra de Barthes *A câmara clara*, onde ele afirma que a foto apresenta o “isso foi”. Tendo em vista, que a imagem é um prelúdio de um futuro inevitável, a morte. Ou seja, ao observarmos qualquer fotografia ela denuncia uma catástrofe, mesmo que as pessoas apresentadas em uma imagem estejam vivas, o instante em que foi registrado pela fotografia se foi, desde os objetos usados como roupas e adornos, ou a ação do tempo como o envelhecimento.¹¹

Entre as principais fontes que serão trabalhadas durante essa pesquisa, o livro *Além do Rio*¹² ganha um espaço bastante significativo, tendo em vista, que boa parte das fotografias que serão trabalhadas nessa dissertação foram retiradas desse acervo. Como mencionado anteriormente, o acesso a essas fotografias se deu ainda na graduação, assim sendo, observou-se a relevância histórica que essas imagens possuíam para a historiografia da cidade.

No decorrer da escrita, foi feita uma seleção de fotografias que mais se adaptava aos interesses da pesquisa e que poderia se enquadrar aos discursos que seriam desenvolvidos em torno da cidade. Durante a investigação fizemos uso de uma tabela para selecionar as fotografias e a partir desse ponto descrever as imagens, o contexto, detalhar os enquadramentos e objetos/pessoas que são expostas nas figuras. Todo esse percurso foi essencial para compreendermos os caminhos que precisavam ser traçados.

Entendemos que o simples fato de existir um livro que propõe apresentar fotos da cidade já é motivo de refletirmos sobre essa ação, isso porque, o próprio editor fez uma seleção das imagens, logo, essa ação de forma alguma é neutra. O editor certamente teve critérios para incluir determinadas fotografias no livro, ilustrações que compõem a história da cidade, ícones raros ou diferentes, entre outras questões. Da mesma forma, a exclusão de alguma delas, seja pela nitidez ou outros fatores.

¹¹ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

¹² FERRAZ, Augusto. *Além do rio: uma fotografia da paisagem urbana - Sousa - Paraíba*. AGT Produções, 2011.

Devemos levar em consideração os recortes da própria imagem, é possível que o editor tenha enquadrado a fotografia de uma maneira diferente do original, direcionando o olhar do leitor para determinados aspectos. Dentro do próprio livro é possível observar que algumas imagens ganham um certo destaque, haja vista que algumas dessas fotografias tomam toda a página, outras tem o espaço dividido com outros retratos. Enquanto pesquisadores devemos analisar todos esses fatores que compõem a fonte, para construirmos o saber historiográfico levando em consideração todas as condições que as formam.

É importante destacar que as imagens geralmente vêm acompanhada de uma breve descrição sobre o que se trata a fotografia apresentando consigo alguns dados referente a imagem como o nome da rua e a data. Logo, entendemos que o olhar do leitor que as observa também é direcionado com essas informações preliminares.

A cidade de Sousa cresceu às margens do Rio do Peixe e com o passar dos anos expandiu tanto que trilhou seus caminhos ultrapassando os limites do afluente. Por isso, o livro se intitula *Além do Rio*¹³, ou seja, a cidade cresceu tanto que se desenvolveu para além do rio. O próprio idealizador do livro Augusto Ferraz, nas primeiras páginas do livro, explica, através de um texto, a ideia por trás do título. Dessa forma, o título conduz ao leitor a perceber, por meio das imagens, como ao longo dos anos a cidade de Sousa expandiu, cresceu e trilhou seu caminho.

Através do livro *Além do Rio* encontramos uma breve informação dos fotógrafos que passaram por Sousa. Marcilio Mariz Melo afirma que em 1909, em uma viagem ao Rio de Janeiro, o Júlio Marques de Melo adquiriu um equipamento fotográfico que possibilitou o mesmo registrar alguns eventos de Sousa. Depois seu filho Eladio Melo, continuou essa ação formando um grande acervo na cidade. Segundo Marcílio, alguns fotógrafos amadores fizeram uso da fotografia para registrar a figura humana, sem muito interesse no cenário urbano. É importante mencionar que ambos, Julio e Eladio Melo, foram prefeitos da cidade de Sousa. Conquanto, entendemos que a fotografia, em seus primeiros momentos, não era um instrumento de fácil acesso, logo, até mesmo o olhar fotográfico da cidade parte das intenções e interesses de um seletto grupo que tinha em mãos essa ferramenta.

Ao depararmos com essas imagens e com o processo da escrita conseguimos delimitar o período a ser estudado. Observamos que os primeiros símbolos de modernidade que chegaram à cidade se deram logo nas primeiras décadas do século XX. Logo nesses primeiros anos a fotografia já se faz presente nesses eventos, mesmo que de maneira pontual, em algumas ocasiões. Assim sendo, essa demanda cresce ao longo dos anos, acompanhada de narrativas

¹³ FERRAZ, Augusto. **Além do rio**: uma fotografia da paisagem urbana - Sousa - Paraíba. AGT Produções, 2011.

modernistas. O recorte temporal se dá entre os anos de 1920-1960 onde é possível estudar a urbe sousense.

Observarmos que a maioria das fotografias tiradas, dentro do nosso recorte temporal, são das principais ruas da cidade. Dificilmente as imagens presentes no livro *Além do Rio* são de ruas afastadas do centro da cidade, quando isso acontece parece ser apenas excepcional. Diante desse detalhe, fica difícil afirmar se esse fenômeno acontece por parte do editor do livro, que acaba escolhendo quais fotos irão compor o acervo, ou se os fotógrafos da cidade representaram a urbe apenas pelas principais ruas.

Com o objetivo de oferecer uma melhor visualização dos locais onde as fotografias foram capturadas na cidade, elaboramos um mapa que indica esses pontos. O mapa está anexado na seção **Apêndice A**, facilitando a identificação e localização das imagens pelo leitor. Nem todas as fotografias foram pontuadas nesse mapa, isso porque buscamos mostrar apenas aquelas que retratam a região urbana da cidade¹⁴.

A fotografia nos auxilia grandemente no processo de estudo da cidade, nessa pesquisa, ela se torna a nossa principal fonte histórica para estudar e investigar os discursos que ganhavam notoriedade nessa sociedade. Por meio da produção imagética e os meios de comunicação podemos ter um vislumbre das narrativas que invadiam aquela urbe, ainda atrelada, nas primeiras décadas, a uma vida rural.

Todo esse percurso de investigação e pesquisa nos leva ao que Carlos Ginzburg (1989) descreve como o Paradigma Indiciário, ou seja, mediante os vestígios que podemos decifrar as diferentes camadas de uma fonte. É por meio de leituras, análises e de um olhar mais treinado que podemos trazer à superfície aquilo que por muito tempo foi silenciado ou negligenciado, para além da mensagem que se queria passar. Com isso, o historiador não deve se limitar no campo da pesquisa e investigação, podendo se apoderar de outros elementos como “Faro, golpe de vista, intuição” (1989, p. 179).

É necessário dizer que as fotografias aqui apresentadas serão analisadas a partir dos conceitos de Iconografia e Iconologia. Segundo o que descreve Boris Kossoy (2001), quando referencia Panofsky, a iconografia tem seu sentido descritivo, isto é, ela tem a intenção de “detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem”. Já a iconologia seria o “caminho da busca do significado do conteúdo”, ou seja, a análise dessas imagens (2001, p. 107). Portanto, seguindo essas concepções podemos abordar as fotografias através de uma

¹⁴ As imagens de São Gonçalo, que são trabalhadas no último capítulo, também não foram ilustradas no mapa.

estratégia metodológica que permita a atribuição de significados na tentativa de nos aproximarmos dos discursos e representações do passado dessa cidade.

É necessário enfatizar que esta pesquisa se enquadra na proposta estabelecida pela Linha 1 do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG. A linha de pesquisa, intitulada *História, Cultura e Cidade*, propõe uma investigação sobre a urbe por meio de diferentes aspectos, tais como o cotidiano, o advento de equipamentos modernos, entre outros elementos. Além disso, essa investigação sobre a cidade se dá por meio de diferentes perspectivas teórico-metodológicas, utilizando diversas fontes, como a própria fotografia. Com isso, a pesquisa também se aproxima da linha de pesquisa do programa de pós graduação na qual está vinculada.

Ademais, vale ressaltar que durante nossa pesquisa por fontes que contribuíssem com o estudo da cidade, durante esse recorte temporal, encontramos algumas narrativas de vivências que tanto nos auxiliaram. Através da biblioteca municipal, dissertações e conversas com demais pesquisadores encontramos diferentes fontes que nos ajudassem a conversar com essas fotografias. Logo, nos deparamos com alguns memorialistas que de maneira saudosista relatam suas vivências na cidade.

Acreditamos que essas produções podem nos auxiliar na interpretação dessas imagens e na maior contribuição da análise do contexto histórico da época. É mediante as pistas apresentadas pelas fotografias que podemos dialogar com outros indícios, neste caso aos memorialistas e cronistas. Uma leitura atenta pode nos revelar detalhes, indícios bem como aspectos daquela realidade que propomos estudar.

Um trabalho bem conhecido na cidade é da memorialista Julieta Pordeus Gadelha intitulado *Antes que ninguém conte*¹⁵. Essa obra carrega relatos sobre toda a história da cidade com uma riqueza de detalhes. Gadelha aborda narrativas sobre a chegada do automóvel, a iluminação, o trem, abastecimento de água, entre outros episódios. Contamos também com os escritos do memorialista Deusdedit leitão que descreve suas vivências na cidade¹⁶. O mesmo foi um dos responsáveis por criar a revista *Letras do Sertão*.

Outra obra que nos ajudou na pesquisa do tema foi a do cronista Gastão de Medeiros Forte, *Minha terra, Minha gente*¹⁷. Sem dúvida, suas crônicas nos auxiliaram no estudo da cidade, relacionando essas experiências com as análises das fotografias apresentadas. Acrescenta-se também a obra *A Barragem* de Ignez Mariz¹⁸, que nos ajudou a perceber os

¹⁵ GADELHA, Julieta Pordeus. **Antes que ninguém conte**. João Pessoa: A UNIÃO, 1986.

¹⁶ LEITÃO, Deusdedit. **Inventário do Tempo: Memórias**. João Pessoa: Edições Empório dos Livros, 2000.

¹⁷ FORTE, Gastão de Medeiros. **Minha terra, minha gente**. S/L: s/e, 1979.

¹⁸ MARIZ, Ignez. **A barragem**: romance. 2. ed. João Pessoa: A União, 1994.

desdobramentos sociais que se sucederam com a construção da barragem de São Gonçalo. Esse romance tem um contexto histórico social que descreve o cenário do sertão paraibano de seca e de crítica social.

Através das leituras e pesquisas entendemos a importância dos jornais e revistas para as leituras das imagens. Com o acesso a esses jornais observamos as narrativas que ganhavam cada vez mais espaço no imaginário da elite sousense, com isso, entendemos que seria de grande proveito apresentar esses relatos, como forma de dialogar com a fotografia, nos apresentando outras possibilidades para se pensar essa cidade e seus desdobramentos.

Os intelectuais, tanto da cidade de Sousa, quanto do Estado da Paraíba vão apresentar os interesses em construir um Estado cada vez mais desenvolvido e moderno e com os meios de comunicação, essas ideias são claramente expostas. Destarte, o jornal *A União*, serviu de norte para compreendermos as demandas locais, suas narrativas e discursos¹⁹.

Entre os meios de comunicação, a revista *Letras do Sertão*, produzida pela elite intelectual da cidade sousense, nos ajudará a entender os discursos que permeavam a cidade de Sousa durante a década de 1950 e 1960. Seus discursos, políticos, intelectuais e populares apontam para uma legitimação de suas condutas e reafirmavam discursos modernizantes.

O trabalho em questão se dispõe a apresentar a seguinte estrutura. No primeiro momento, abordaremos sobre “*Sousa, o coração da Paraíba*”: *Elementos do moderno*. Neste capítulo propomos uma discussão teórica sobre modernidade bem como uma apresentação da cidade de Sousa durante as primeiras décadas do século XX. Elucidamos as tramas do moderno na cidade, observando como aconteceu a recepção à chegada dos símbolos modernizantes da época.

Para tanto, o pensamento do Marshall Berman (1986) nos ajudará a refletir sobre essas questões, pois, segundo o autor, a vida moderna apresenta muitos quesitos que o homem dessa sociedade precisa lidar. Entre elas, está a experiência vital de “tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida — que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje”. Essas experiências, segundo Berman, se configuram como modernidade. Assim, “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (1986, p. 15).

¹⁹ No site do jornal *A União* é possível encontrar alguns exemplares do jornal no arquivo digital. Disponível em: https://auniaio.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao. Acesso em: 22 de fevereiro de 2025.

No segundo ponto, *Vida cotidiana em Sousa: Meios de transportes e urbanização*, procuramos apresentar as experiências da cotidianidade dos cidadãos, como a chegada dos automóveis passam a fazer parte deste cotidiano bem como observar a forma como a elite sousense se associa a esses elementos. Além disso, mostramos que com a urbanização a cidade se vê diante do duelo entre o tradicional e o moderno, logo, a cidade se mostra com novas transformações entre praças e embelezamento.

A água chegou em Sousa: a construção do açude de São Gonçalo, como é intitulado o último capítulo, sugere uma análise dos impactos da seca no sertão e a construção do açude de São Gonçalo evidenciando os discursos que estão atrelados a esse fenômeno como o de bem-estar e sanitização. Além disso, mostraremos os impactos que causaram na população e como se dava o abastecimento de água da cidade.

Acreditamos que diante de tais abordagens podemos chegar a uma análise historiográfica que permita pensar a cidade e seus desdobramentos ao longo das décadas propostas. Com a análise da fonte imagética podemos vislumbrar os aspectos sociais que faziam parte do cotidiano da “cidade sorriso” durante esse período. Refletindo sobre seus discursos e narrativas que circulavam na cidade, em especial pela elite sousense, a qual fazia uso de meios de comunicação e da própria fotografia na afirmação de seus discursos.

2 “SOUSA, O CORAÇÃO DA PARAÍBA”: ELEMENTOS DO MODERNO

Com a revolução industrial acontece uma grande contribuição para a formação de grandes centros urbanos, isso porque se torna comum o deslocamento de pessoas que viviam nos espaços rurais para as cidades, que cada vez mais se constituíam neste período. Logo, a vida cotidiana se modifica com o advento da revolução industrial. A Europa é o grande palco desses acontecimentos onde a efervescência desses eventos dinamiza o viver nesta sociedade estruturando e potencializando essas vivências. Durante o século XIX houve uma grande contribuição para a formação das “cidades modernas”, entre esses fatores está a reconstrução da cidade de Paris.

Por intermédio de um discurso pró modernidade o imperador francês Napoleão III²⁰ reconstruiu Paris no século XIX. Juntamente com o Barão Georges-Eugène Haussmann, nomeado chefe do departamento do Sena por Napoleão III em 1853, transformaram Paris em uma metrópole que seria colocada como modelo a ser seguido pelo mundo todo. A cidade foi reconstruída com o apelo ao espetáculo, a construção apresentava os monumentos de forma grandiosa, porém, ela apresentava a sua funcionalidade tendo em vista que as obras sanitárias foram apresentadas com o objetivo de “higienizar” a cidade.

Jones Colins (2017) afirma que Napoleão III, de forma messiânica, planejou Paris como uma luz esplendorosa da era moderna. Haussmann reconstrói Paris promovendo ruas largas, com o objetivo de trazer ar e luz. Além disso, desenvolveu uma logística em evidenciar determinados prédios da cidade como por exemplo as estações ferroviárias, desse modo, colocam em destaque determinadas construções arquitetônicas que embelezam a cidade. E destacado por Colins a preocupação que Haussmann tinha com os espaços verdes da cidade que tinham como função a ventilação, o “pulmão do organismo urbano”. Com isso, a consequência de tamanha faceta é a destruição daquilo que não se enquadra no padrão estabelecido, negligenciando até mesmo os resquícios do passado/história.

A cidade propõe esses encontros e desencontros, por meio de mudanças nos espaços urbanos a vida de muitos é afetada, ou seja, por um lado pessoas podem ser beneficiadas com tais transformações, mas outras podem sofrer consequências negativas através de mudanças repentinas ou deslocamentos de suas moradias, por exemplo. Quase sempre essas mudanças são atreladas a discussões de modernidade, bem estar e higienização. Normalmente a elite é

²⁰ Foi imperador entre 1852 e 1870.

beneficiada com tais transformações, pois seus interesses são priorizados. Podemos observar que sempre que esses discursos estão presentes existe um interesse em eternizar essas transformações, neste caso a fotografia é usada como instrumento modernizador que evidencia as mudanças nos espaços, servindo, na maioria das vezes, como meio de propaganda.

É necessário ter em mente que a criação da máquina fotográfica tem um papel importante neste cenário e também é conhecida como símbolo de modernidade e apreciada a princípio pela elite. Boris Kossoy (2012) afirma que com o advento da Revolução Industrial houve um grande crescimento nas transformações econômicas que colaboraram para a criação de invenções, como a máquina fotográfica, que farão parte da história moderna.

E como todo trabalho modernizador tem-se o empenho de se mostrar o antes e o depois da condição da cidade. Entra-se o papel do fotógrafo em registrar essas mudanças, como forma de eternizar. É o caso do fotógrafo Charles Marville que, como fotógrafo oficial da cidade de Paris, documenta as transformações ocorridas nesses espaços em consequência das obras orquestradas por Haussmann.

A fotografia foi útil à necessidade da sociedade em acompanhar as transformações que começaram a se estabelecer em decorrência das grandes evoluções econômicas que se intensificaram na sociedade. Rouillé (2009) afirma que não basta a ligação com a sociedade industrial para que a prática da fotografia seja considerada moderna, ou seja, ela não é “intrinsecamente” moderna. Isso porque, segundo o autor, a fotografia foi a resposta para todas as necessidades que surgiam na sociedade movida pela tecnologia, ritmos e novos desdobramentos em decorrência a uma sociedade industrial. Com isso, se a fotografia for considerada como moderna é graças ao carácter “imagem-máquina”. Ela toma o lugar do homem e passa a produzir o que até o momento era feito por mãos humanas. Fica claro assim, que para o autor, a fotografia tem a capacidade de criar o real.

No decorrer do século XIX, as mudanças, presentes no espaço urbano, são inúmeras. É neste cenário de transformação que a fotografia é utilizada como instrumento de eternização para essas mudanças. Os registros fotográficos das cidades em suas transformações expressam, como afirma Mondenard (1999), o anseio dos fotógrafos pela modernidade. As transformações das cidades são rápidas e logo a fotografia é posta como a única ferramenta capaz de eternizar tais transições. Muitos perceberam que estavam vivendo um mundo de transição e com isso recorreram ao registro fotográfico. Assim, muitos tem a cidade como cenário, ou seja, a fotografia é urbana.

Porém, Rouillé declara que a fotografia vê a cidade como um cenário de poder, logo, não se pode ignorar que essas produções imagéticas visavam apresentar imagens que exibissem

os “monumentos que o fixam no passado, e as grandes obras urbanas que os projetam no futuro”. Como a imagem tinha sua relação com o poder, o autor apresenta uma crítica a composição fotográfica que exibiam homens operários que mesmo parados estavam ausentes da fotografia, tendo em vista, que a “cidade é um palco sem autores”. Os homens “comuns” são quase inexistentes nessas obras considerando a grande demanda pela exposição dos espetáculos da cidade e seus feitores, entre os quais se destacavam os “grandes homens”. (2009, p. 45).

Rapidamente, os fotógrafos passaram a ser convidados pelos representantes dessas cidades com o objetivo de eternizar as mudanças urbanas, assim como, os símbolos de modernidade que se faziam presentes. Era uma forma de se constituir enquanto espaço modernizador. Dessa maneira, podemos perceber que muitos fotógrafos se instalaram nas grandes cidades, pois crescia o número de turismo cultural, e esses profissionais viram uma oportunidade com essas transformações. Mondenard, afirma que o fotógrafo está em qualquer lugar para acompanhar qualquer acontecimento importante, logo, cada episódio da vida cotidiana pode ser registrado por meio da fotografia.

O Brasil viu na fotografia uma ferramenta para reafirmar “seu grandioso” destino. Mesmo com o fim da monarquia a fotografia ainda parece ser utilizada para fins políticos e econômicos. Portanto, com o fim da monarquia a preocupação da elite brasileira é em construir uma identidade própria, se desvinculando de um imaginário construído através de sua relação com a monarquia portuguesa.

No Brasil o uso da máquina fotográfica teve um aspecto semelhante ao europeu. Como afirma Turazzi (1995) as fotografias produzidas no Brasil geralmente estavam vinculadas a um processo de afirmação de uma identidade nacional, logo, elas tinham um público alvo e seu conteúdo passava pelas transformações urbanas, paisagem e estradas de ferro. Alguns fotógrafos foram contratados pela corte com o objetivo de promover obras públicas como estradas, assim como expedições e as riquezas nacionais. Dessa forma, muitos fotógrafos acabaram registrando as modificações urbanas que ocorreram no território brasileiro em especial no final do século XIX e início do século XX não apenas em grandes capitais, mas em várias localidades, a fotografia foi um instrumento para marcar a presença dos símbolos de modernidade, eternizar memórias, elaborar discursos e transformações nos espaços urbanos.

No Brasil, as reformas aplicadas por Barão Haussmann em Paris são motivos de inspiração para novas empreitadas nesse território. No Rio de Janeiro várias reformas urbanas são iniciadas a partir dessas ideias modernizantes. O engenheiro e prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, nomeado pelo então presidente da República Rodrigues Alves, ficou responsável por essas mudanças no espaço urbano. Pereira Passos esteve em Paris e

consequentemente teve contato com as reformas urbanas aplicadas por Haussmann e assim essas ideias tiveram grandes influências em sua vida. Logo, ele aplicou esse modelo a ser seguido nas reformas que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro.

Com os discursos presentes no início do século XX, o processo sanitário e higienista fica sob a responsabilidade de Oswaldo Cruz. Diante de tais transformações foi instituída uma série de leis a serem seguidas: entre esses decretos estava a ordem de demolição de todos os imóveis que estavam presentes nas localidades onde seria executado novas obras públicas, essa medida passou a ser conhecida como “bota abaixo”. Logo, as obras realizadas no Rio passam a ser modelos para todo o Brasil, uma espécie de padrão a ser seguido (Benchimol, 1992).

É necessário ter em mente que com o início da República em 1889, inicia uma corrida para que o Brasil fosse construído enquanto país moderno. Isso fruto de concepções ideológicas presentes na sociedade com o advento da República. Mary Del Priore (2017) afirma que as palavras mais usadas na primeira metade do século XX foram ciência, progresso e modernidade. Segundo a autora, a expectativa de um mundo desenvolvido chegava até as pessoas que não podiam ter acesso a esses “milagres”.

Como defende Carvalho (1987) o Brasil apresentava um aglomerado de pensamentos ideológicos entre o fim do Império e o início da República, que em sua grande maioria vinha da Europa. Entre essas ideias estão o Liberalismo, Positivismo, Socialismo, Anarquismo, entre outras vertentes ideológicas. Por consequência, todos esses fatores sucessivos contribuíram na projeção de reformas urbanas que passaram a ser aplicadas em todo o país, isso fez com que governantes aplicassem nas cidades modelos de reformas que eram provenientes de ideais higienistas, modernizantes e “civilizatórios”.

As reformas urbanas também chegaram ao Nordeste. Todas essas transformações urbanas que surgem no início do século XX transformaram cidades no Brasil todo, na Paraíba esse fenômeno não é diferente, cidades como Parahyba²¹ e Campina Grande se destacaram com essas reformas urbanas e se tornaram modelo para outras cidades em todo Estado.

A capital Paraibana foi tomada pelo ideário de transformação e melhoria no desenvolvimento da vida material da cidade. O pesquisador Silva Filho (1999) afirma que, na Parahyba, havia uma expectativa em adquirir melhores condições de vida, acesso às novidades, como a vacina e a eletricidade, bem como o melhoramento da cidade. Diante disso, observa-se uma receptividade a esses elementos modernizantes, que, com o incentivo dos governantes, passam a ser perseguidos.

²¹ Atual João Pessoa.

Fábio Gutemberg Sousa (2006) apresenta que as reformas na cidade de Campina Grande, entre os anos de 1930 e 1945, foram marcadas pelas tensões locais. Segundo o referido autor o Brasil estava sendo invadido por ideais higienistas e um olhar de modernidade que levaram muitos intelectuais no Brasil a buscar os arquitetos e urbanistas para transformar a cidade, em especial os centros desses espaços, ambiente que se aproximasse dos discursos modernizadores. Dessa forma, Campina Grande não ficará de fora das cidades que adotaram as reformas urbanas. Desde o início dos anos 1930 começa a se perceber o interesse das elites campinenses em embelezar a cidade. Com isso, a construção de um Grande Hotel, praças, entre as demais obras, evidencia os interesses dessas elites locais, ainda mais porque essas reformas são exploradas não em qualquer espaço, mas em localidades onde a presença da burguesia era primordial.

As mudanças ocorridas no espaço urbano de Campina Grande (e em várias outras cidades e capitais brasileiras nas três primeiras décadas do século XX) nas administrações de Vergniaud Wanderley faziam parte desse conjunto de valores, que vinha há décadas sendo experimentado no continente europeu, onde em grande parte contrapunha-se aos valores e práticas associados ao Antigo Regime. No Brasil, associados a um republicanismo militar e golpista, assumem uma dimensão bastante singular, fortemente autoritária, envolvendo uma complexa teia de relações políticas, econômicas e sociais. (Sousa, 2006, p. 77-78).

Com isso, acontece o deslocamento da população para outras áreas, até mesmo a própria elite tem que se adaptar às novas demandas que se concretizam quando se escolhe transformar os espaços urbanos.

Assim, a elite, que cada vez mais vê as transformações na cidade com a concretização do moderno, encoraja o investimento nessas novas mudanças.

De fato, a cidade é cheia de símbolos, imaginário e discursos. A forma como ela foi projetada ao longo do tempo, seus “heróis”, ou até mesmo de que ponto cresceu aquela cidade, isso acaba dizendo muito sobre ela. Brescianni (1988) descreve a cidade como “um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas”.

Mas é necessário observar o que a historiografia pode nos ajudar a compreender o que é modernidade. Esse termo vem sendo debatido a bastante tempo dentro da historiografia. Krishan Kumar (1997) defende que o termo modernidade pode ser compreendido como uma expressão que abrange todas as mudanças que criaram o mundo moderno, seja por um viés intelectual, social ou político. A partir da renascença podemos ter uma nova visão historiográfica que se desvincula da história sagrada, predominante na idade média, e que passa

a colocar a história secular em primeiro plano. Mas a modernidade só vai conseguir se desenvolver mediante a desvinculação do pensamento cristão, que limitava o pensamento/interesse pelo presente, pois se acreditava que o futuro era obra da providência e não resultado da ação do humano.

Afirma, ainda, o autor que a modernidade passou a significar o rompimento completo com o passado. Uma concepção sobre a ideia de um novo começo, não buscava mais no passado esclarecimento e instrução pois foi abolido o poder do passado. Nesta perspectiva, a Revolução Francesa é colocada como a responsável por levar o mundo a uma nova era da história. Defendiam, assim, que a modernidade mostraria um mundo marcado por uma continuidade ininterrupta de novas coisas. Nesse sentido, com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, ficou claro para o mundo que uma sociedade moderna seria, inevitavelmente, uma sociedade industrial. Com isso, Krishan Kumar ainda enfatiza que é impossível pensar no mundo moderno e não associar a aço, vapor e velocidade.

Já o sociólogo Anthony Giddens define modernidade como um “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (1991, p. 8). Anthony Giddens acrescenta, em uma outra obra, que a modernidade tem o poder de alterar a vida comum e social de cada indivíduo. As ideias de Giddens sugerem que esse indivíduo, que está sendo bombardeado por novas informações, ideologias e concepções de sua realidade, não é neutro. Isso é bem colocado quando o autor defende que “o eu” não é uma entidade passiva, definida por influências externas. Ou seja, “independente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas consequências e implicações.” (2002, p. 9). Dessa forma, podemos analisar quais são os meios de difusão dessas ideias, quais os interesses das elites da urbe. Quais são as contribuições que esses grupos operam na divulgação de suas ideias e noções sobre o mundo.

Dentro de uma sociedade moderna uma das características que se destaca, segundo Giddens, é seu extremo dinamismo, ou seja, seu *ritmo* de mudança não para. Logo, a dimensão e profundidade do seu impacto são maiores, a vida e as práticas sociais são diretamente afetadas. À vista disso, que novas condutas são agregadas a essa nova realidade? Que símbolos e compartimentos são evidenciados e colocados como modernos? De que maneira esses indivíduos se colocam nesses espaços sociais e como ocorre sua sociabilização?

Como Marshall Berman afirmou, ser moderno é “encontrar-se em um ambiente que promove aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que

somos” (1986, p. 15). Berman ao descrever os traços da modernidade no início do século XX, afirma que não havia ambiguidades, isso porque a tradição, para uma sociedade moderna era associada a escravidão, enquanto a modernidade representava um ideário de liberdade.

Na visão de Rezende (1993), essa oposição que se tem entre o moderno e o antigo, o novo e o velho vem do século XVI, onde o moderno se opõe ao medieval. Dessa forma, com o advento do capitalismo e os ideais de progresso essa definição fica mais esclarecida. Rezende, ao referenciar Lefebvre, afirma que a arte foi um grande instrumento usado para se pensar nessa nova sociedade que emergia de novas dinâmicas oriundas da modernidade. Deste modo, o termo modernidade ganha novos significados que evoluem de acordo com a velocidade das mudanças que impactam a vida em sociedade.

Sintetizando Rezende diz que:

A modernidade e todas as suas possíveis derivações tem sua materialidade que atinge o cotidiano da sociedade e modifica as relações sociais. As suas repercussões, a sua penetração nos múltiplos espaços do fazer político, social, económico dizem muito das relações de poder existentes. Efetivamente, é um processo contraditório, cria conflitos, destrói valores, inventa concepções de mundo e de vida. (Rezende, 1993, p. 18).

Essas dualidades de pensamentos e ações são evidenciadas por meios culturais e artísticos. Essas iniciativas fazem manifestar os conflitos existentes em uma sociedade cujos interesses de alguns grupos passam a ser priorizados. Todas essas demandas passam a ser retratadas por fontes literárias e artísticas, na qual, podemos emergir nesta trama social.

Com isso, diante do novo que começa a fazer parte do cotidiano desses indivíduos, dão palco as produções artísticas culturais. Grandes obras retratam os dilemas vividos pelos homens com as tramas da vida moderna. É o exemplo da obra *Ulisses*²² de James Joyce, o autor aborda as dubiedades da vida moderna.

Outra obra bastante conhecida é *Os miseráveis*²³ de Victor Hugo onde nos é apresentada uma minuciosa descrição sobre a Paris do século XIX. Hugo coloca suas opiniões pessoais de maneira clara sobre as mudanças que estavam acontecendo na França desde a Revolução Francesa de 1889 e os impactos na vida dos personagens. *O cortiço*²⁴ de Aluísio Azevedo é uma das grandes obras da literatura Brasileira onde são apresentados personagens que lidam

²² JOYCE, James. **Ulisses** (romance). Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

²³ PEZZI, Nathália Santos. Les Miserables: Victor Hugo e o cotidiano do século XIX. **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 10, n°. 1, 2019.

²⁴ AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço** (romance). São Paulo: Martins Editora, s/d.

com a pobreza urbana e seus desdobramentos. Trabalhadores pobres amontoados em uma habitação coletiva.

Entre tantas obras que poderíamos mencionar, o trabalho de Lima Barreto se destaca durante um período histórico de transformações sociais que assolava o Rio de Janeiro, no final do Século XIX e início do XX. É expressa em suas obras o desejo que surgia nessas sociedades do novo e da expansão das cidades urbanas. Assim, se torna evidente as transformações no espaço social e o contato com a modernidade que passaram a fazer parte do cotidiano dessas pessoas. O anseio por uma cidade moderna fazia com que se buscasse fugir do espaço urbano que era sujo e inseguro. É o Lima Barreto que, diante desse cenário, resolve escrever e opinar sobre as transformações que atingiram o Rio de Janeiro neste período.

Autores como estes se disponibilizaram a retratar essas mudanças sociais e culturais que se desenvolviam nessas sociedades e os seus problemas urbanos em decorrência da expansão Industrial e o advento da modernidade.

Discutir a modernidade no Nordeste brasileiro representa um grande desafio. As obras literárias que foram desenvolvidas no início do século XX carregam características sobre a região nordestina que a representa através de imagens de seca, miséria e pobreza. A Segunda Geração Modernista tem como característica o regionalismo, realismo social e enfoque na condição humana. Há exemplos de literatos como José Lins do Rego, Graciliano Ramos (*Vidas Secas* - 1938) e Rachel de Queiroz (*O Quinze* - 1930). Segundo o autor Leitão Júnior, estas obras retratavam o homem comum como um herói romanesco e, juntamente com o contexto vivido pelo país na década de 1930, contribuíram para a construção do imaginário sobre o Nordeste. Para a elite intelectual do país, era necessário superar as desigualdades das diversas regiões do Brasil para assim conseguirem o pleno desenvolvimento da nação. Observe o que o autor diz:

Todo esse panorama literário regionalista nordestino engendrou e consagrou um imaginário do atual Nordeste enquanto “região problema”, o que, na Era Vargas (1930-1945), repercutiu em projetos de modernização territorial, sob os pressupostos de modernização dos sertões, donde os sertões nordestinos configuravam-se como modelos típicos para as intervenções estatais. (Leitão Júnior, 2012, p. 44)

Dessa forma, o autor menciona o José Lins do Rego que mesmo descrevendo em suas narrativas o ambiente rural mostra que a “modernidade não resulta tanto das transformações do tecido urbano das cidades, mas sim da incorporação de valores urbanos (...) aos sistemas e modelos produtivos dos engenhos, culminando na mudança paradigmática em favor da

industrialização da produção de açúcar a partir das usinas”. Isto é, o sertão é demonstrado nesses enredos como “espaço rural, arcaico, construído sobre os pressupostos ainda coloniais, que precisavam ser atualizados e modernizados” (2012, p.51).

Em suma, a imagem criada do Nordeste, nas obras literárias deste período, constitui uma narrativa na qual esse espaço geográfico precisava superar suas limitações e migrar para um cenário de civilidade/modernização. Com a introdução desses elementos modernizantes a cidade ganhava novos contornos e passavam a ser percebidas como modernas.

O pesquisador Gervácio Aranha (2001) descreve que a experiência nortista de modernidade se expressa mais pela presença desses elementos considerados modernizantes, do que pelos intensos ritmos sociais. O que nos faz perceber muitas narrativas sobre determinadas regiões e cidade através de termos que a descrevem como desenvolvidas e modernas, mesmo que aquela região ainda caminhe a passos arrastados. Aranha afirma que “os letrados locais tendem a construir a imagem de cidade moderna para experiências urbanas ainda não efetivamente modernas, chegando ao ponto, em alguns casos, de chamarem de ‘Metrópole’ a uma determinada cidade, só porque já conta com algumas “marcas” do mundo ‘civilizado” (2001, p. 260, 261).

Por isso, é importante perceber os discursos e interesses envolvidos em torno de tais afirmações, especialmente por parte da elite souse e do Estado, por meio de jornais e revistas que demonstram anseios e declarações relacionadas à modernidade e à civilidade. Ou seja, essas narrativas geralmente estão atreladas a interesses específicos, ademais, expressam ideários políticos e ideológicos. A simples presença de elementos considerados, neste contexto social, como modernos podem ser utilizados por determinados grupos na consolidação de uma imagem/imaginário local. Essas narrativas, mesmo apresentando os problemas da região, como a seca e a fome, atrelam a redenção social à chegada de instrumentos capazes de promover a modernização da cidade e região.

Essa perspectiva é melhor desenvolvida por Pierre Bourdieu que afirma que “os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social” (1989, p. 10). Isso porque, são capazes de produzir uma ordem social, ou integração, fazendo sentido ao mundo social. Segundo ele, a tradição Marxista acredita que esses símbolos estão relacionados aos interesses das classes dominantes. Tais símbolos podem contribuir para uma legitimação ou imposição das dominações de uma classe sobre outra, através de uma função política. Com isso, o autor descreve o poder simbólico, ou seja, o poder de constituir imagem/visão de mundo sem necessariamente usar a força.

2.1 Sousa e os tramas do moderno

No início do século XX, as mudanças econômicas e urbanas das cidades, em especial no interior do estado, ainda eram bastante limitadas. Porém, com o advento da República, algumas alterações no cenário econômico e político da região começam a ter destaque nas localidades mais afastadas do litoral. Essas transformações são perceptíveis ao longo das décadas, onde o cenário da cidade apresenta novas mutações.

Nas primeiras décadas do referido século, algumas mudanças na vida material da população já são apresentadas nas sociedades interioranas. Cidades como Cajazeiras, Pombal e Sousa viram-se em transformações urbanas oriundas de uma modernidade que já invadia a capital da Paraíba. Silva Filho (1999) afirma que no início do referido século Cajazeiras se destaca com o cultivo do comércio do algodão o que acarreta no melhoramento das condições materiais da cidade.

Muitos foram aqueles que participaram dessas empreitadas com o algodão, sertão adentro, resultando daí o desenvolvimento do perfil material da cidade, gerando circulação de dinheiro e o estabelecimento e desenvolvimento de casas de comércio, bem como melhoria do beneficiamento dessa cultura com a instalação da Usina Santa Cecília. Como consequência, o algodão gerenciado por pessoas com Cel. Joaquim Peba, Cel Sabino Rolim e o Major Galdino Pires trouxe à cidade ares de progresso, estimulando alterações na feição urbana. As feiras, que eram realizadas desde o século XIX na pequena “urbe”, nos períodos de safra da pluma branca, foram acompanhadas de animada projeção. Com o algodão, a riqueza chegava a Cajazeiras, definitivamente. (Silva Filho, 1999, p. 292).

O anúncio de novos tempos já fazia parte do cotidiano das pessoas nesta cidade, como evidencia o autor. As transformações sociais já deixam transparecer nesta localidade, desde a chegada do trem, que se tornou um marco da modernidade, reformas higienistas e etc.

Segundo o Silva Filho, “o algodão sempre colocou a Paraíba, segundo o entendimento oficial, numa posição vantajosa entre os produtores de algodão em todo o mundo.” (1999, p. 239). É necessário ter em mente que a elite agrária se beneficiava com tais mudanças da urbe, haja vista, que todos esses benefícios ajudavam no comércio, no desenvolvimento econômico e industrial da cidade.

Essa posição de elite agrária permitia, aos mesmos, ocuparem as principais posições sociais, filantrópicas e culturais, no sentido de controlarem com grande peso a sociedade política da época. Apesar de suas distensões internas

e influências de seus horizontes políticos, tudo faziam com o intuito de predominar sobre a sociedade civil e política. (Silva Filho, 1999, p. 239).

Rivaldo Amador de Sousa (2011) afirma que a economia da cidade de Sousa, durante esse período, era movida pela comercialização do algodão. O impulso para as grandes transformações sociais e econômicas no início do século XX é o interesse econômico, a necessidade de captação do algodão produzido no sertão. A cidade de Sousa mantinha contato com outros centros econômicos como Campina Grande, na Paraíba, e Mossoró no Rio Grande do Norte.

A existência de fotografias dos armazéns nos auxilia a compreendermos sobre como se davam as dinâmicas econômicas e sociais dessa cidade. Em uma das fotografias apresentadas no livro *Além do Rio*, podemos observar a fábrica beneficiamento de Algodão Santa Tereza²⁵, atente aos detalhes:

Figura 1 - Rua João Rocha



Fonte: *Além do Rio* (1930, p. 70)

No primeiro momento a fotografia parece ser apenas de um dia normal das fábricas de algodão, porém, se nos atentarmos às pessoas que estão dispostas na fotografia logo iremos observar que as pessoas estão posando para a fotografia. Todos estão encarando a máquina fotográfica, alguns estão em cima do muro, outros estão no meio da estrada e duas pessoas estão segurando um fardo de algodão, já embalado para o transporte, o que parece ser um homem, que coloca uma das mãos na cintura, e uma criança, possivelmente menina. A foto eterniza esse momento de descontração, indicando que estão encenando também essa ação, já que todos ali notam a presença da câmera e fazem uma pose. O grande número de homens na cena nos

²⁵ Segundo Gadelha: “A Usina Santa Tereza chegou em 1924, gerenciada por Dr. Galvão, e que, mais tarde desativada, serviu de quartel para a 2ª companhia do 23º BC de Fortaleza, aqui sediada, nas agitações de 1930. Ela voltou a funcionar com o nome Pires & Barros, de Lindolfo Pires Ferreira e Ulisses Apolônio Barros, depois passou a B.D. Pires & Braga, de Dócil e Augusto Braga, hoje Cocepa” (1986, p. 13).

possibilita interpretar a presença predominantemente masculina no ambiente fabril, ou seja, no mercado de trabalho.

Observe um número bastante significativo de fardos de algodão na frente da fábrica, bem como o número de animais que seriam utilizados como transporte das cargas. Dessa maneira, ao observarmos a presença de animais com algumas cargas em outras fotografias podemos cogitar a grande chance de ser algodão, pois era isso que movimentava a economia da cidade e região, tendo em vista que muitas pessoas saíam de localidades distantes do centro da cidade para a comercialização do “ouro branco”. Observe por exemplo que nessa fotografia tem algumas frases destacadas nos muros entre elas estão escritas “Vendei ou beneficiae aqui vossos algodões” no lado esquerdo da imagem, já na parede ao lado direito da imagem a seguinte inscrição “Compras a dinheiro de qualquer qualidade de algodão em caroço”.

É impossível falar sobre venda e compra de algodão e não lembrar do documentário produzido por Vladimir Carvalho “*O País de São Saruê*”²⁶, nessa obra é possível observar a vida de muitos sertanejos e a luta pela sobrevivência, onde muitos se valem da venda do algodão para o sustento. Com a primeira parte do documentário produzido ainda na década de 1960, os produtores mostram como o ciclo de riqueza e desenvolvimento econômico não se davam para todos, pois o pobre sertanejo se via em caminhos de fome e miséria, preso ao qual se assemelha a um sistema feudal. Ou seja, o algodão movimentava a economia, mas também denuncia os meios de condições das pessoas que andavam longas caminhadas carregando cargas de algodão em troca de poucos trocados.

As marcas desses empreendimentos estão por toda parte na cidade, desde em fotografias que eternizam a presença de bois de cargas até aparição dos armazéns de algodão, como é o caso da fotografia abaixo, onde é possível observar à esquerda os armazéns da Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro - SANBRA²⁷, que foi instalado na década de 1930.

Figura 2 - Rua Getúlio Vargas

²⁶ CARVALHO, Vladimir. *O País de São Saruê*. Brasília, UNB, 1986.

²⁷ Segundo Gadelha: “Em 1936 foi inaugurada a agência de SANBRA, sendo o seu primeiro gerente Antonio Bioca, um dos fundadores do ‘13’ de Campina Grande” (1986, p. 138).



Fonte: *Além do Rio* (1940, p. 56)

Nesta fotografia o homem parado nos chama a atenção, sua postura parece bastante concentrada atentando para o movimento do automóvel, não podemos afirmar sua função ou o porquê estava frente aos portões dos Armazéns, mas suas vestimentas são apresentáveis de acordo com a etiqueta da época, desde a gravata até a presença de um cinto. Podemos levar em consideração que ele pode ser um fiscal, ou funcionário da empresa, tendo em vista que ele está perto dos portões de entrada, quem sabe desenvolvendo alguma função de vigilância ou algo parecido.

O automóvel em movimento chama nossa atenção, a fotografia tirada nesse exato momento nos possibilita afirmar que essa fotografia foi pensada para ser produzida nesse instante, isso porque a câmera está posicionada no centro da rua, possibilitando capturar todo esse cenário, em especial o deslocamento do carro.

Sabe-se que durante a década de 1920 já existia uma preocupação com a seca que assolava os sertões. Logo, algumas medidas governamentais foram tomadas com o intuito de mudar essa realidade. Entre elas estão as Obras Contra as Secas, a construção do açude de São Gonçalo²⁸ e também a construção da estrada de rodagem.

Em algumas reportagens do jornal *União* é possível ter acesso a discursos que descrevem o andamento dessas obras que se davam no sertão é a expectativa que se tinha com o advento dessa nova empreitada. Em uma reportagem do jornal *União* o comentarista faz a seguinte observação:

²⁸ Especialmente no último capítulo abordaremos sobre as Obras contra as Secas e a construção do açude de São Gonçalo.

Dentro em pouco será encelada a construção de estradas de ferros no interior do Estado, tendo já sido previamente estudados os planos para tal fim por engenheiros competentes a conhecedores das nossas necessidades palpitantes. Effectuado que seja o projecto a que nos referimos, podemos antemão assegurar que a Parahyba, assim como todo o nordeste da República, entrará na sua Phase de evolução economica-financeira, para a glória dos seus filhos e dynamismo de suas forças crebatistas.

A propósito do mesmo .. esteve em vista honrem em visita nesta redação o sr. Major Salustino Ribeiro da Silva, ... das obras contra as secas, que nos veio especialmente ministrar informações a respeito dos grandes trabalhos que estão realizado no alto sertão Paraybano

S. S. coopera como ... da estrada de rodagem de Cajazeiras a Souza, que quando completa terá uma extensão de 48 kilometros ...²⁹

O jornal *A União* apresenta uma matéria sobre o andamento das obras que se sucedem no sertão. Observe o anseio para o desenvolvimento dos empreendimentos nessa região interiorana, e a forma como o comentarista associa essas obras ao desenvolvimento econômico do Estado. Ele afirma que a Paraíba entrará em uma face de evolução econômica e financeira. Com isso, não podemos negar o interesse político e econômico nessa região.

Tanto a construção de estradas de rodagem como da estação ferroviária e do açude de São Gonçalo são um indicativo de uma sociedade que visava cada vez mais o lucro econômico e a facilidade de transporte de mercadoria e recursos. Nessa mesma reportagem é possível observar a esperança que se tinha de que os problemas das secas fossem resolvidos ainda na vigência do governo Epitácio Pessoa³⁰.

A preocupação com a economia é a produção de algodão era real, isso porque os próprios jornais já apresentavam essa narrativa. Lembre-se que ela movia a economia da cidade e era de grande interesse da elite local e estadual. Observe essa reportagem do jornal dá *A União* de 1932:

Com a defficiencia dos invernos neste município, tem sido notavel a diffrença de safra de algodão e lavoura de cereais, tornando-se quasi improficua qualquer iniciativa administrativa.

A colheita de algodão de 1929 que attingiu a 18 mil fardos em 1930 baixou para 12 mil fardos em 1931 para 7 mil estabelecendo graves imprevisoes na vida economica do município.³¹

²⁹ Ver: Os serviços das obras contra as sêccas na Parayba. A UNIÃO. João Pessoa, 22 de fevereiro de 1920.

³⁰ Ver: Os serviços das obras contra as sêccas na Parayba. A UNIÃO. João Pessoa, 22 de fevereiro de 1920.

³¹ Ver: Prefeitura Municipal de Souza. Relatório do 2º semestre de 1931 do município de Souza, apresentada pelo dr. Raimundo Pires Braga, prefeito de Sousa, ao sr. Interventor Federal neste Estado. A UNIÃO. Parahyba, 21 de fevereiro de 1932, p. 10.

Logo, a seca era também uma preocupação que demandava a economia do município, a busca pela solução era de interesse público, pois abrangia os aspectos sociais, políticos e financeiros.

Observe que “os discursos que defendiam a implantação do transporte ferroviário na Paraíba convergiam para a resolução de alguns problemas como a seca, a distância, a pobreza” (Sousa, 2011, p. 42). Essas transformações modernizantes não eram separadas dos interesses políticos e econômicos.

Diante do que já foi exposto, é necessário diferenciar algumas questões: a modernidade que é experimentada nas grandes cidades/capitais não se iguala com a mesma escala das vivências das cidades menores. Neste caso, os espaços urbanos no interior do Sertão paraibano experimentaram essas relações entre o novo e o moderno de maneira particular. Ou seja, mesmo que essas novas experiências não se assemelhem ao frenesi dos grandes centros econômicos elas ainda passam pela experiência do contato com o novo e com os símbolos de modernidade que introduzem neste cotidiano novos costumes e valores. (Aranha, 2001, p. 254, 255)

Observe o que diz Rivaldo Amador de Sousa:

Alguns elementos são comuns entre os grandes e pequenos centros urbanos, embora no que concerne a ideia de modernidade há de se afirmar que há uma grande diferença. É notável que exista uma disparidade e que é possível considerar esse afastamento e especialmente suas peculiaridades, todavia sem desconsiderar que possivelmente existe entre ambas. (Sousa, 2011, p. 21).

A imagem do Sertão foi difundida pela elite republicana como atrasada e sem progresso. Essa ideia é bem colocada por Silva e Carneiro, ao afirmar que “a consciência política republicana representava pra si e para a sociedade a imagem do Sertão como um mundo romântico e, ainda, incógnito” (2009, p. 3). Dessa forma, o Sertão era representado como um lugar distante da ordem e do progresso, conhecido pela seca e a fome associada à tradição e ao retrocesso. Quanto ao homem sertanejo, “os discursos dos governadores comumente falavam dos vadios, bandidos e da gente brava que habitavam os sertões” (2009, p. 6).

As transições neste cenário deixam-se eternizar quando a própria população, atrelada a um sentimento saudosista, perpetua a imagem da cidade que aos poucos se modifica com o passar dos anos bem como com o advento da modernidade que tanto é aclamada. Esse passado é eternizado pelos cronistas, que narram os acontecimentos vividos na juventude e conseqüentemente as transformações na cidade, logo o seu cotidiano é marcado nessas narrativas.

O cronista bancário Gastão de Medeiros Forte escreveu uma obra intitulada *Minha terra, minha gente*. Nesta obra o autor relembra algumas histórias vividas por ele durante a infância. Escrita no ano de 1979 permite que o leitor conheça a cidade a partir de suas vivências, logo, entendemos que essa fonte possibilita conhecermos um pouco da cidade entre os anos de 1930 e 1940.

Durante as páginas deste livro somos levados a conhecer a vida cotidiana de Sousa durante essas décadas. Essa cidade é apresentada pelos olhos de um saudosista que relembra os dias de sua infância evidenciando memórias que se eternizam pela sua escrita. São inúmeros os relatos que levam o leitor a contristar-se com alguns contos, entre eles relatos de sofrimentos e dificuldades.

O cronista não deixa de mencionar uma realidade comum do povo sertanejo como a seca, em especial durante um período conhecido por anos de grandes secas no Sertão paraibano. Para mais, o autor menciona histórias que ele viveu em torno da praça da matriz, os carros de bois tão comuns na cidade, os passeios que teve neste transporte quando o carreiro era amigo e os deixavam subir na carroceria, a curiosidade dos meninos em conhecer o trem “Maria Fumaça”, as noites sousenses iluminadas pelo motor e as lavadeiras da cidade que invadiam o Rio do Peixe.

Em uma dessas histórias o Cronista menciona o coreto. Durante essa narrativa ele destaca a importância da praça da matriz no cotidiano da cidade³², era lá que as pessoas se reuniam para o lazer e as comemorações religiosas. O autor declara ainda, a saudade que sentiu do coreto que existia na praça. Relembrando algumas situações ele descreve as memórias que construiu em torno da construção.

O coreto foi construído pelo prefeito João Alvino Gomes de Sá e inaugurado no dia 7 de setembro de 1921³³. Lugar de trocas e lazer. O mesmo, fez parte da vida do autor e de muitos cidadãos sousenses, porém em algum momento esse monumento deu lugar a um novo cenário de transformação, e mesmo que essa mudança apresentasse características mais inovadoras o autor enfatiza que “apesar do atual cenário de luxo e beleza, eu fico com você, coreto” (Forte, 1979, p. 12). É uma declaração de amor, as suas memórias e identidade foram forjadas neste cenário o apego emocional é compreendido e enfatizado durante toda a narrativa.

O cronista Gastão de Medeiros Forte coloca o progresso como precursor da destruição daquele ambiente tão aclamado.

³² Ainda hoje a praça é conhecida por ser o ponto central de encontros e sociabilização da cidade.

³³ GADELHA, Julieta Pordeus. **Antes que ninguém conte**. João Pessoa: A UNIÃO, 1986, p. 102.

Até que um dia vi, surpreso e revoltado, quando o progresso chegou. Uma máquina pesada, dirigida por um homem, que para mim mais parecia um carrasco, vinha com ordens expressas para fazer sua demolição. Era manhã de inverno, até o céu chorava, uma neblina caía fazendo mais triste ainda o ambiente. Os meus olhos estarecidos assistiam a devastação. Primeiro foram sacrificados os ficus. A cada árvore caída e arrastada, eu sentia algo desprender-se dentro de mim, assistia aquele espetáculo macabro em silêncio, mas com o coração partido de pena e saudade. Era uma saudade louca que invadia meus sentidos, e o coreto dos meus amores pouco a pouco fenecia, ia desaparecendo do cenário do pátio da Matriz. E em pensamento pairavam interrogações: onde agora a criançada iria brincar, onde os namorados encontrariam outro recanto calmo, onde a bandinha acharia outro teto amigo para suas tocadás? e isto tudo culpa única do progresso, esse monstro moderno que o homem imaginou e lançou no mundo para a destruição da própria humanidade. Bailava assim essa confusão de pensamentos em minha cabeça de adolescente sonhador, aos poucos desaparecendo minhas ilusões, de crianças. (Forte, 1979, p. 13).

É interessante observar que, segundo ele, a modernidade acabaria destruindo a própria humanidade. Enquanto a elite estava clamando o progresso na cidade, o que podemos observar com esse relato é que nem todos estavam de comum acordo com a modernização que começava a tomar a cidade e as mudanças que surgiam com o advento dela.

Mas é por meio da fotografia que podemos vislumbrar o cenário que está presente na imaginação e narrativas do Cronista. Observe a fotografia a seguir:

Figura 3 - Praça Bento Freire³⁴



Fonte: *Além do Rio* (1930, p. 23)

³⁴ Conhecida primeiramente como praça Almeida Barreto passou a ser chamada de praça Bento Freire posteriormente. Ao fundo da imagem está o bosque marginal do Rio do Peixe.

O coreto que ficava no centro da praça carrega consigo histórias e memória dos cidadãos. Diante de uma imagem podemos encontrar inúmeras narrativas nas quais se apresentam uma cidade e suas transformações. A imagem, que no primeiro momento transparece congelar no tempo, transmite a vida comum, o cotidiano de uma cidadezinha no interior do Sertão paraibano.

Além dos cronistas, as fotografias são um grande instrumento para se pensar a cidade de Sousa no início do século XX. Com essa ferramenta podemos atentar aos costumes da época, os usos e práticas desta população que caíram em desuso ao longo das décadas. Além disso, podemos “passar” pelas ruas da cidade, perceber os antigos casarões, o que faziam para o lazer, quais os símbolos daquela cidade, qual era os seus meios de transporte e quais eram os elementos propulsores da economia dessa cidade.

As imagens encontradas no livro *Além do Rio* expressam um imaginário de uma cidade que oscila em suas narrativas e transições. Por uma perspectiva a cidade se configura como mais um povoado do Sertão, ruas vazias e casas antigas e a cidade aparenta ter vida somente debaixo do sol, por outro lado, a localidade experimenta mudanças, mesmo que pontuais, dando início a novas configurações e desenvolvimentos.

Nesse contexto, podemos perceber a potencialidade historiográfica que a fotografia apresenta para a leitura da cidade durante esses anos. Essas mutações se evidenciam nas produções imagéticas, seja com a fotografia das mudanças urbanas, como construções de praças e alargamento das ruas, ou com a chegada de instrumentos que se configuraram como “modernos”, como a inauguração da estação ferroviária ou a chegada do primeiro carro da cidade. Todos esses fatores aparentam ser um marco para os habitantes dessa sociedade que eternizam esses momentos através da fotografia.

Algumas dessas fotografias fazem parte de acervos das famílias sousenses, já que elas estão presentes no retrato e por isso acabam se colocando enquanto representantes do moderno. Dessa forma, podemos observar que o discurso de modernidade chega até o sertão, o desejo de fazerem pertencentes a essas narrativas, tão presentes no início do século XX, fazem com que fotógrafos sejam contratados nesses momentos que marcam a sociedade, em especial os indivíduos que nela compõe.

Essas imagens e discursos são como uma metamorfose, ou seja, não são estáticas, estão em constantes modificações e construções. Elas se deixam persuadir ao longo das décadas, pelos discursos e engrenagens sociais. Albuquerque Júnior, discorrendo sobre a invenção do Nordeste destaca que a imagem, que é construída sobre determinada região, é formulada por meio de um “grupo de imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos,

em diferentes épocas, com diferentes estilos e não são uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza” (2011, p. 35). Sendo assim, não podemos ignorar as imagens que se fundem no imaginário da população mesmo que de maneiras pontuais.

É defendido por Albuquerque que as regiões são criadas, historicamente, por relações de poder e interesses. Com isso, na luta pela posse do espaço, se fraciona. As regiões são resultado do butim de uma guerra. Assim, compreendemos que a região do Nordeste é uma criação pensada e formada no início do século XX. Podemos entender que essas relações de poder também se configuram dentro dessas regiões, através de subdivisões territoriais e disputas por narrativas.

A elite faz uso de narrativas que beneficiem seus interesses e imaginários sociais. Consequentemente, o Sertão paraibano não se deixa ficar além desses status narrativos que inundam as grandes metrópoles.

Ao longo dos anos, um grupo intelectual da cidade de Sousa, construiu um imaginário de modernidade bastante significativo durante as décadas de 1950 e 1960. O memorialista Deusdedit Leitão³⁵ relata sobre grupos de pessoas na cidade que podemos intitular como letradas, isso é, estavam por dentro dos debates políticos e culturais. Eram pessoas que se interessavam por literatura, intelectuais que debatiam sobre livros e escritores brasileiros. Logo, essas conversas literárias chegaram até ao interesse de criar uma revista que conseguisse concentrar essas atividades, daí surge a revista *Letras do Sertão*.

Essa revista, que segundo Deusdedit Leitão tinha como objetivo divulgar trabalhos literários e retratar em suas páginas aspectos da cidade de Sousa. Porém, não podemos negligenciar o viés político e ideológico da revista, ela apresentava discursos e narrativas que promoviam um imaginário da cidade. Inclusive em algumas edições a própria revista apresentava algumas fotografias da cidade, como meio de ilustrar as elucidações apresentadas da cidade. Observe o que diz Rafaela Pereira Dario:

Assim, a afirmação de que quase “nenhuma vaidade” assistia o corpo editorial de *Letras do Sertão* pouco a pouco se desmistifica, uma vez que, ao longo da trajetória editorial do magazine, o conteúdo extrapolou o literário e com isso, a revista tornou-se um dos espaços do debate político da cidade de Sousa. Cabe-nos colocar que a elite letrada que compôs aquela revista era parte interessada no tocante ao crescimento da cidade e a sintonia da mesma com a modernidade e esse interesse se liga tanto às visões e pretensões políticas, quanto às visões ideológicas e culturais que os assistiam. Ou seja, o lugar social que eles ocupavam influenciava de forma direta o que eles escreviam na revista *Letras do Sertão*. (Dario, 2012, p. 12-13).

³⁵ LEITÃO, Deusdedit. **Inventário do Tempo**: Memórias. João Pessoa: Edições Empório dos Livros, 2000.

Por meio dessa produção podemos observar que os editores propunham a divulgação de uma cidade que possuía um projeto de cidade ideal. Ou seja, ela apresentava os aspectos modernizadores e desenvolvimentos que surgiam na cidade.

O progresso é uma força invencível, uma avalanche que quando desponta nada lhe resiste, tudo se lhe resiste, tudo se lhe condiciona à vontade inquebrantável. Mas, como tudo dentro da evolução, o progresso vem a seu tempo com características determinadas para Sousa soou a hora do progresso. Sousa evolui, Sousa cresce. Sousa - cidade do futuro! CORAÇÃO DA PARAÍBA!³⁶

No que diz respeito à história da iluminação pública na cidade de Sousa, ela passou por algumas etapas. Segundo Julieta Gadelha³⁷, o prefeito José Gomes de Sá Júnior, em 1905, iluminou a cidade a querosene. Nos pontos principais da cidade foram pendurados os famosos lampiões e tinha as pessoas encarregadas para acender e apagar na hora estabelecida. É possível observar, através da fotografia, como se dava a iluminação. Veja na imagem a seguir:

Figura 4 - Rua Deputado José Mariz



Fonte: *Além do Rio* (1920, p. 44)

Nessa fotografia a presença da câmera fotográfica não é negligenciada, entre as pessoas que observam essa ação, estão algumas crianças. Os homens da imagem vestidos de paletó, não sabemos quem são, mas eles parecem posicionados para a foto. A fotografia mostra em primeiro

³⁶ Ver: "Sousa, coração da Paraíba". In: **Letras do Sertão**. Dezembro de 1954. Ano 4, n° 11, p.52.

³⁷ GADELHA, Julieta Pordeus. **Antes que ninguém conte**. João Pessoa: A UNIÃO, 1986.

plano a casa e o consultório do Dr. Silva Mariz³⁸. Tendo em vista que essa casa era bastante conhecida e frequentada pela população é de imaginar o porquê escolheram essa residência para colocar a iluminação pública, o lampião. Um detalhe deixa escapar por uma das janelas, dois quadros, que não estão nítidos, mas que podem ser retratos ou imagens de figuras religiosas. Esse costume de enfeitar as paredes com essas imagens, era bastante comum nas casas nordestinas. Perceber esse pequeno detalhe, eternizado pela ação fotográfica, pode nos mostrar os costumes e ações dessa época.

A iluminação pública, por meio de lâmpões, perdurou até 1925, quando o prefeito João Alvino Gomes de Sá, inaugurou³⁹ a iluminação elétrica a gás pobre, extraído da queima de lenha. Em 1940 foi adquirida pela prefeitura Municipal, mas essa iluminação era inconsistente, segundo nos afirma Julieta Gadelha: “Era um sistema de iluminação precário que por questões de economia ou porque o velho motor não tinha condições, a luz somente era ligada às seis horas da noite e desligada às dez, após os três sinais convencionais.” (1986, p. 137). Com isso, a precariedade do fornecimento da luz elétrica não agradou a elite da cidade.

A revista *Letras do Sertão*, que fazia questão de apontar os desenvolvimentos e empreitadas da cidade, não deixa de mencionar a falta de comprometimento dos prefeitos em cuidar de alguns setores materiais da cidade.

Sousa, cidade de bom henio, de boa água e de gente melhor ainda nesse setor, tem pegado uma turma de prefeitos quando não realizadora, é de mal gosto desprovida de vaidade com a cidade. Deixa a cidade amanhecer sempre de cara suja, de rameia nos olhos, já não digo um banho diário mesmo meio banho, porém ao menos, lavar o rosto toda manhã cedo, para que os visitantes e o próprio povo sintamse prazerosos em cumprimenta-la, em olhar para sua cara limpa e perfumada ... As praças e avenidas vivem sem nenhum trato, ou friso de vaidade, parecendo mais enteados da senhora Prefeita. Fala-se, no entanto, que vamos ter luz elétrica noturna e diurna na cidade. Pois a luz existente está a desejar. A cidade cresce dia a dia, por essa razão, o conjunto elétrico trazido à cidade pelo então prefeito cel. Emilio Sarmento de Sá, já desserve.⁴⁰

Observe que a revista evidencia as necessidades da cidade em determinados aspectos. Dessa forma, é possível inferir que esse grupo também recorria ao uso de elementos para

³⁸ Depois passou a ser residência de Antônio Mariz.

³⁹ Julieta Gadelha descreve como foi a inauguração, tendo em vista que foi feita toda uma cerimônia para dar as boas vindas a essa nova empreitada. Ela diz que a cerimônia da bênção litúrgica foi oficializada pelo Monsenhor Antônio Afonso, acolitado pelo Padre José Neves de Sá, vigário da cidade. O orador principal da festa de inauguração foi o médico Dr. Carlos Pires Ferreira, o qual terminou o discurso com as palavras: “Faça-se a Luz”! momento em que o representante do Presidente João Suassuna - Dr. Emilio Pires Ferreira, acionou a chave de ligação elétrica. (1986, p. 136)

⁴⁰ Ver: “A valorização intelectual de Sousa”. In: **Letras do Sertão**. Setembro de 1953. Ano 2, nº 8, p.30.

evidenciar aspectos nos quais a cidade não acompanhava o progresso e o desenvolvimento. Nesse caso, parece que a luz elétrica causou um certo desconforto para a elite local, tendo em vista suas limitações e o seu “atraso” em acompanhar as novas demandas da urbe.

Segundo o cronista Forte, logo pelo fim da tarde já davam início a combustão da máquina, o motor “NATIONAL” pegava pressão lá pelas cinco e meia da tarde. Logo depois, uma vez que o motor já estava funcionando, o Manoel Peba, começava a ligar as chaves distribuidoras de energia elétrica para as ruas.⁴¹

Observe como ele descreve essa cena do cotidiano sousense:

A cidade então iluminava-se de uma luz fraca, esmaecente. Vez por outra, num ou noutro poste de um subúrbio, as lâmpadas pareciam piscar, como que namorando as mariposas. Era o romance noturno que se iniciava sob a luz “National”, nas praças, no logradouro, nas calçadas. Qualquer afazer que necessitasse de energia elétrica, que aproveitasse, pois aquela dádiva tinha hora certa de chegar a faltar.

Às dez e meia, um sinal geral anunciava que estava próximo o fim, dentro em pouco as luzes iriam se apagar, o velho motor também iria dormir, repousar, descansar do trabalho pesado de desprender energia, ele também tinha o direito de sonhar. (Forte, p. 54-55).

Ou seja, é possível através desse relato, ver como se dava a dinâmica ou toda a ação coreografada de todos os dias na qual se dava acesso à luz. Essa ação começa a ser entendida como retrógrada, parecia não acompanhar mais as necessidades de uma cidade que promovia a modernidade.

Figura 5 - Rua Cel. José Gomes de Sá



Voz da Mocidade de seu via. A residência hospedou os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek por ocasião das campanhas à Presidência de 1950. O prédio do lado esquerdo do sobrado é o antigo Bar 15 de Novembro de "Toinho do Bar". Na esquina, o prédio onde funcionara as Casas Pernambucanas, atual loja A Ouro Branco. No centro da rua em último plano, a antiga igreja do Bom Jesus.

⁴¹ FORTE, Gastão de Medeiros. **Minha terra, minha gente**. S/L: s/e, 1979. p. 54 -55.

Fonte: *Além do Rio* (1940, p. 61)

Observe que nessa imagem é possível visualizar os inúmeros postes que estão alinhados por toda a rua. Note que o primeiro poste à direita, além de possuir uma lâmpada, existe uma difusora, era por meio desse serviço que se dava a transmissão de músicas, propagandas políticas e comerciais⁴². Dentre esses detalhes podemos observar como essa rua se vale de uma urbanização, que dialoga com a “Praça do Espeto” e de seu obelisco. Com essa atmosfera modernizante e higienista é possível observar a presença de árvores dentro dos terreiros das casas, possibilitando um espaço de sombra e lazer nas moradias. Além do mais, todas essas árvores aparentam ser bem cuidadas, pois estão devidamente verdes e podadas.

São em média 7 a 8 postes, visíveis na fotografia, que possibilitam o acesso dos moradores dessas residências à energia elétrica, mas é importante destacar que essas casas fazem parte da elite local. O sobrado⁴³, com arte décor, foi adquirido por Emílio Sarmiento, um importante figura política da cidade. Essa residência serviu de hospedagem para os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

Observe que essa rua é a expressão de como se vivia a elite sousense, a presença da praça nos apresenta o anseio pelo lazer e bem estar, com suas árvores alinhadas e sua iluminação indicando uma sociedade que buscava na urbanização da cidade um pressuposto do seu desenvolvimento. E, claro, a presença da igreja do Bom Jesus, apontando para os aspectos religiosos e tradicionais de uma sociedade sertaneja, onde o catolicismo romano predominava. Mas uma vez temos nessa fotografia uma figura de um homem que observa a ação fotográfica, com as mãos nos bolsos e a manga da camisa devidamente arrumada, a atitude de encarar a câmera é eternizada.

No período de 1955/1959 com a administração de Felinto Gadelha houve uma nova formulação no serviço de energia, levando a ampliação e modificação⁴⁴. Aparentemente viu-se

⁴² Segundo Julieta Gadelha “O serviço de Alto falantes municipais funcionou até os anos de 1940, quando surgiram outros amplificadores - o da UDN e o do PSD. Daí surgiram na cidade as primeiras brigas políticas ...” entre os serviços de som estão o “Voz da Mocidade”, “Voz da Cidade” e “Difusora Rio do Peixe”. Mas “todos esses serviços de som prestaram a sua contribuição sócio - cultural à terra do Bento Freire, nos seus anos de prestígios e glória dentro da era da comunicação” (1986, p. 129).

⁴³ O Sobrado foi construído por Otacílio Gomes de Sá.

⁴⁴ Julieta Gadelha também descreve como se deu essa inauguração: “A festa de inauguração da energia elétrica de Sousa foi no dia 29 de setembro de 1959, uma data marcante para Sousa que sentia, de longos anos, a carência de um sistema de luz eficiente para a cidade e, especialmente, de energia que fizesse a implantação de empresas para o desenvolvimento do município. Na solenidade estiveram presentes o ministro Amaral Peixoto, governador Pedro Moreno Gondim, autoridades civis, militares e religiosas, além do povo que se acotovelava no meio das ruas para sentirem a emoção e alegria com a chegada do progresso.” (1986, p. 137-138)

a necessidade de modificar o antigo sistema que não mais atingia as necessidades locais⁴⁵. Mais uma vez essa ação é atrelada a discursos modernizantes e de progresso.

Além da revista *Letras do Sertão* apresentar uma matéria sobre a inauguração da luz pública na cidade, a mesma edição apresenta uma imagem desse serviço na cidade.

Figura 6 - Rua Galdino Formiga



Fonte: *Letras do Sertão* ⁴⁶

Observe que logo no início da página é apresentado o nome do prefeito que trouxe o benefício à cidade, e na descrição da imagem está a seguinte frase: “Vista parcial do serviço de eletricidade da cidade”. É possível notar como a fotografia é utilizada para ilustrar e colaborar na visualização do leitor dos novos serviços disponíveis na cidade. A fotografia aqui parece ser utilizada como instrumento jornalístico, mesmo assim, podemos olhar para essa ação e perceber que o jornal chegou a utilizar dessa ferramenta na construção de um imaginário sobre a cidade.

A fotografia apresentada na revista apresenta uma rua onde é possível perceber a presença de algumas pessoas, um estabelecimento, na esquina, ao lado esquerdo da imagem. Mas o que é evidenciado na imagem é o poste, ele apresenta um transformador que também está presente na fotografia. Neste caso, o fotógrafo escolheu um ângulo que incluísse todo o poste de energia.

⁴⁵ No último Capítulo apresentaremos mais sobre essa administração.

⁴⁶ Ver: **Letras do Sertão**. Outubro de 1959. Ano 6, n° 18.

É necessário entender que as figuras que são associadas à luz elétrica, em dias de inauguração, seus discursos e ações são atrelados à modernidade. É a aura do poder a quem se associa com esses elementos que começam a compor e a transformar o ambiente. Nicolau Sevcenko, descrevendo os ritmos e ritos do moderno no Rio de Janeiro, mostra que quem se vinculava com o fulgor da corrente elétrica se colocava perante a sociedade como indivíduo moderno (1998, p. 549).

É necessário ter em mente que esses elementos, como o acesso à luz elétrica, são vistos por essa sociedade como um fato que determina a chegada da modernidade. Gervácio Aranha (2003) diz que o ritmo da modernidade nas cidades do Nordeste era determinado com a aquisição desses símbolos do desenvolvimento. Dessa forma, a luz elétrica, a chegada do trem e outras conquistas tiveram um aspecto simbólico da chegada da modernidade nessas cidades.

Segundo Silva (2017) o trem foi o grande precursor dessa modernidade, ela apresenta como se desenvolveu uma imagem sobre a cidade durante as décadas que se seguiram deste período. Com essa afirmação ela defende que o termo “cidade sorriso” se consolidou neste período devido uma memória saudosista e imagem de progresso que tanto se vinculou na cidade e região.

Adiante a década de 1960 o município sousense respirava ares modernos que atrelado às contribuições que traziam o trem, caminhões, comércio, faziam com que a cidade se desenvolvesse ainda mais. A cidade crescia, expandia, destacando-se entre as localidades sertanejas. Com isso surgia o orgulho de seus cidadãos e aparecia um segundo nome pelo qual a cidade passaria a ser conhecida. Nascia a “cidade sorriso” da Paraíba, uma forma de ligar o homem do presente ao passado “grandioso”. (Silva, 2017, p. 18)

Portanto, podemos entender que, à medida que esses símbolos passaram a integrar o cotidiano dessa sociedade, criavam-se novas perspectivas sobre essas vivências. Com a chegada do trem, dos carros e da urbanização, ocorre uma apropriação de discursos e narrativas que passam a ser evidenciadas até mesmo nas produções jornalísticas e fotográficas. É preciso, enquanto historiadores, investigar esses discursos, já que eles funcionam como portais para compreender essa sociedade.

A cidade de Sousa, logo nas primeiras décadas do século XX, passa a conviver entre o velho e o novo, ou seja, a vida cotidiana passa a apresentar características que dialogam entre o tradicional e as novas mudanças que começam a surgir no ambiente urbano. Essa transição é evidenciada também na fotografia quando observamos essa dualidade entre esses dois mundos em um mesmo cenário. Observe a fotografia abaixo:

Figura 7 - Rua Capitão Manoel Gadelha



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1930, p. 45)

O fotógrafo ao registrar essa rua deixou um importante registro do espaço urbano da cidade. Observe as árvores que foram plantadas de maneira ordenada, em fila, mostrando o desejo de criar um espaço ordenado e arborizado. Além disso, podemos observar bancos que foram postos embaixo das árvores, como meio dos cidadãos recorrerem às sombras para descanso e abrigo do sol. Lembrando que essa rua é um local central da cidade e pela própria fotografia é possível observar alguns estabelecimentos, como “Farmácia do Tomaz Pires”, “Salão Cristal” e “Padaria e Tipografia de Marques Pinto Aragão”, além deles é possível observar que no primeiro plano à esquerda da fotografia ficava o mercado público que servia de ambiente para bailes promovidos pela prefeitura⁴⁷. Assim, podemos afirmar que esse ambiente foi pensado para ser um vívido espaço de sociabilidade.

Não podemos deixar de observar alguns pormenores da fotografia que tanto nos encantam pela eternização das dinâmicas que se davam na cidade. Um homem, e o que parece ser uma criança, quem sabe seu filho, se acomodam nas sombras das árvores. Em outro recorte o que nos parece ser uma mulher com uma criança em seus braços. A fotografia não é nítida, mas um pequeno detalhe da sombra do que aparentemente seria uma perna de uma criança nos ajuda a chegar a essa conclusão.

Aparentemente a fotografia foi tirada em um final de semana, tendo em vista, que as lojas estão todas fechadas em horário comercial onde o sol ainda está radiante. Mas observe que o deslocamento de um cidadão, no momento do “clique” da máquina fotográfica, eterniza a ação do mesmo que está em movimento, o que deixa a impressão de “vulto”. Durante o ato fotográfico era necessário a pessoa ficar imóvel por alguns segundos para que assim a imagem

⁴⁷ FERRAZ, Augusto. *Além do rio: uma fotografia da paisagem urbana - Sousa - Paraíba*. AGT Produções, 2011.

saísse nítida, porém a ação desse cidadão, que não estava posando para a imagem, eterniza a sua façanha, ou, talvez, a foto borrada deva-se à imperícia do fotógrafo.

A motocicleta embaixo de uma árvore deixa perceptível a presença desses veículos modernizantes que começam a transformar o cenário pacato do sertão paraibano. Diante dessas dinâmicas sociais, é possível afirmar que a cidade de Sousa já apresenta aí alguns sinais de mudanças, tanto na economia como em contato com alguns símbolos modernos, que se insinuam no cenário sertanejo do interior da Paraíba durante o início do século XX.

Em uma outra fotografia podemos observar esses mesmos traços que dialogam entre o novo e o tradicional:

Figura 8 - Rua Coronel José Vicente



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1940, p. 53)

A cena apresentada é de um dia comum do interior, porém alguns elementos fazem parte desta vista. Um carro compõe a fotografia, mas logo, ao analisarmos a imagem, observamos a presença de outros animais de carga, entre dois a três ao longo da rua. O fotógrafo deixa eternizar mais um dia a dia dessa cidade, rua larga, crianças sentadas na esquina de uma rua, quem sabe fazendo algum tipo de atividade, e homens carregando cargas sobre os ombros.

Entre as inúmeras possibilidades de pensar a imagem podemos nos atentarmos a um grupo de crianças logo na esquina da rua à direita da fotografia. Algumas estão sentadas em forma de círculo fazendo uso da sombra, a imagem não permite termos certeza de qual atividade elas estão desenvolvendo, podem estar brincando ou fazendo algum trabalho manual. As crianças sempre passam despercebidas quando nas imagens, geralmente se atenta para outras possibilidades e perspectivas, mas elas estão lá. Algumas estão em cenários de trabalhos e em

ambientes comerciais, como veremos em outras imagens. Mas aqui encontramos um raro registro dessas crianças brincando na rua.

Outros indivíduos nos chamam a atenção, dessa vez a presença de duas pessoas que carregam cargas, uma nas costas e outra na cabeça (uma delas localizadas no meio da rua, juntamente com uma outra pessoa que não dá pra distinguir se é um homem ou uma mulher, e uma outra com a carga nas costas na calçada indo em direção às crianças que estão na esquina de uma casa). Mesmo não sabendo de fato o que carregam, quem sabe algodão, podemos imaginar que sejam trabalhadores em mais um dia de serviço.

A presença de vários homens na rua aponta para os papéis de gêneros que se afirmam na cotidianidade das cidades interioranas, enquanto as mulheres ficavam no interior dos lares, tendo em vista as limitações do desenvolvimento de seus papéis no ambiente de trabalho, a figura masculina estava presente no comércio denunciando assim a grande movimentação e presença da figura masculina nas fotografias das ruas da cidade. Aqui podemos afirmar que a rua ainda é um espaço masculino, enquanto que a atuação feminina ainda se limitava às residências.

Observe também os dois homens que estão conversando no primeiro plano à direita da imagem. O primeiro está em pé com os braços para trás cruzados socializando com outro homem pela janela da casa. Podemos atentar para a arquitetura das casas, que possibilita essas trocas bem como para o movimento que sucedia nas ruas da cidade pelas inúmeras janelas e portas largas das residências. Observe que as casas são coladas umas nas outras, de forma a permitirem uma considerável sociabilidade entre os seus moradores, intensificando, assim, aspectos da experiência do viver cotidiano.

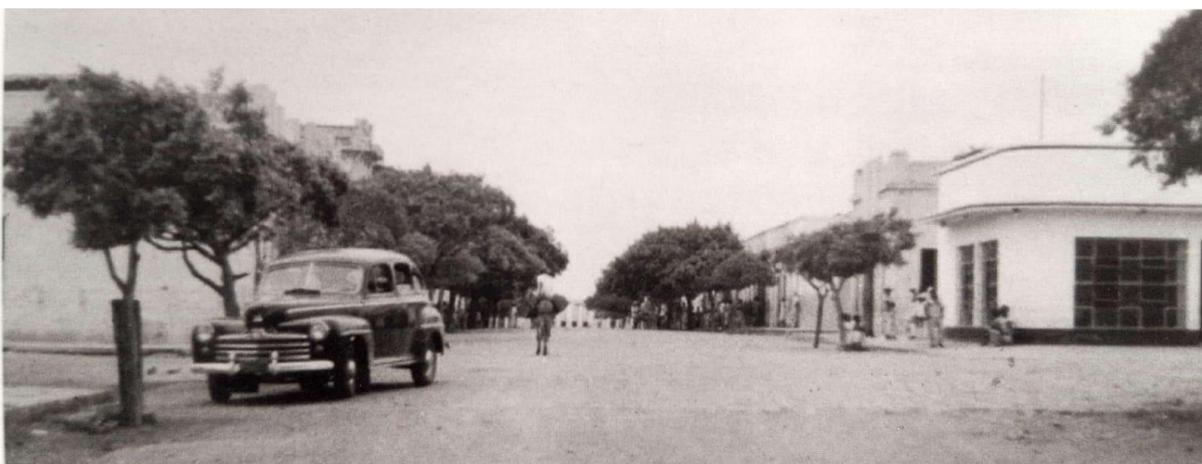
A arquitetura, ao longo da história, incorporou elementos que auxiliassem com os elementos naturais, como a entrada de luz natural, a circulação do ar e a ventilação do ambiente.⁴⁸ As vergas das casas geralmente tinham a mesma altura, o que transparecia um aspecto de organização e alinhamento. Segundo Silva Filho (1999), devido a “unidade” dessas casas podemos entender que muitas dessas residências foram construídas em um só momento. Além disso, essas casas mais simples imitavam modelos existentes nas capitais, como João Pessoa.

As marcas das rodas dos carros na rua apontam para a movimentação de veículos nessa localidade, bem como a pavimentação dessa rua para melhor fluidez do tráfego. Observe na fotografia como a rua apresenta um número considerável de árvores; algumas, ainda em fase

⁴⁸ ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais** – Nascimento do Consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro, Rocco, 2000, p.147.

de crescimento, estão em garajaus de árvores. Assim, temos sinais de um desejo de arborização desse espaço. Ademais, esses elementos parecem disputar o cenário entre esses dois mundos, o mundo da modernidade, que cada vez mais torna-se presente nessa sociedade, e os “velhos” costumes e hábitos que ainda persistem no cotidiano. A imagem abaixo tem as mesmas características.

Figura 9 - Rua Coronel José Vicente



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1950, p. 53)

Nesta imagem, o tradicional e o moderno coexistem no mesmo espaço. Nesta fotografia da rua Coronel José Vicente podemos observar a presença de um automóvel que se destaca logo no primeiro plano, mas outros detalhes são evidentes: vemos um homem que usa um burro para o transporte; ele está quase no centro da rua caminhando em direção ao seu destino carregando consigo algumas bagagens, uma representação clássica do tempo vagaroso dos deslocamentos tradicionais nos sertões.

Não podemos ignorar a presença de algumas pessoas em seus hábitos cotidianos, mas estando, desta feita, compondo uma cena fotografada, olham diretamente para a câmera, deixando-se eternizar pelas lentes da máquina fotográfica. Entre os detalhes da imagem o comportamento das pessoas denuncia as vivências de uma cidade que caminha ainda com passos lentos deixando escapar os ares de tranquilidade que transcorre nas ruas da cidade. Observe, por exemplo, que embaixo das árvores alguns observam o “movimento da rua”, acorados ou em pé, apoiados nas paredes das casas. Nessas cidades interioranas a modernidade ainda disputava espaço com a lentidão dos dias, diferentemente da agitação dos dias das grandes metrópoles.

Na imagem, é possível observar a presença de um grupo de pessoas concentradas em uma determinada localidade, o que podemos considerar a presença de um estabelecimento,

aparentemente procurando abrigo nas sombras das árvores e nas marquises, muitos aproveitam esses momentos como forma de sociabilidade.

A presença do que indica ser uma estaca de madeira para auxiliar no crescimento e o endireitamento do caule da árvore no primeiro plano à esquerda pode nos ajudar a entendermos o anseio dos cidadãos em criar um ambiente arborizado e mais padronizado, tendo vista a sequência desse padrão ao longo de toda a rua que segue tanto no lado direito como esquerdo. Observe que essa rua ainda se constitui de forma bastante organizada. Dessa forma, podemos compreender que essas residências poderiam ser habitadas por pessoas que possuíam boas condições econômicas na cidade.

É possível chegar a essa conclusão tanto pela maneira como a rua é arborizada como pelas ruas largas que aparentemente foram organizadas para o tráfego de automóveis. A rua em questão, apresenta um automóvel estacionado, denunciando a presença de um morador que tinha condições de possuir um bem tão caro. Ao mesmo tempo, nos colocamos diante de outras pessoas, seguramente menos abastadas.

Nesse contexto, Sousa é apresentada entre os ícones de modernidade, que gradualmente passam a compor o cenário sertanejo, assim como os tidos símbolos do atraso. Isso porque, enquanto podemos observar a presença de um automóvel, indicando a existência de pessoas que tinham condições de possuir essa ferramenta. Temos ainda uma pessoa usando um burro como meio de transporte. Ou seja, o cenário fotográfico acaba representando a divisão social que existe no espaço urbano, onde um grupo seletivo faz uso de um carro enquanto outras pessoas ainda precisam utilizar animais de carga como principal meio de transporte.

Nas últimas três imagens expostas, um elemento comum a elas nos chama a atenção, a coexistência de dois mundos: o tradicional e o moderno. Ao visualizar as fotografias podemos perceber que o tempo aqui parece ser estático sem o frenesi das grandes cidades, uma vida monótona sem grandes transformações, aqui o cotidiano parece andar a passos lentos de maneira previsível. Porém, esse mesmo cenário apresenta elementos modernizantes, como a presença de carros e motos, ou de ambientes arborizados, que estão presentes nas ruas da cidade.

Mesmo que, nessa sociedade, muitas características tradicionais persistam no cotidiano, isso não impede que elementos modernos comecem a ser introduzidos, ainda que de maneira pontual. Assim, “o velho passa a conviver com o novo, o tradicional passa a conviver com o moderno” (Silva Filho, 1999, p. 293). Essa dinâmica é percebida através das fotografias e estão presentes em outras imagens que abordaremos nesta pesquisa.

Na obra de Marshall Berman, para exemplificar suas ideias sobre a modernidade, o autor faz referência à obra *Fausto* de Goethe. Por meio de sua análise, Berman afirma que o desejo

do personagem está voltado para o desenvolvimento. O personagem acaba representando as tensões e dramas que faziam parte da sociedade que antecede a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Ao mesmo tempo que produzem “uma brilhante e dinâmica cultura moderna” o personagem está “inserido numa sociedade fechada e estagnada, ainda incrustada em formas sociais típicas do feudalismo e da Idade Média (...) que impede o seu desenvolvimento, bem como o de suas ideias” (1986, p. 43). Essa dualidade exige que esses indivíduos lidem com a tensão entre o tradicional e o moderno, pois essas realidades se entrelaçam, formando uma sociedade em que a introdução da modernidade não anula os aspectos tradicionais.

O pesquisador Silva Filho ao apresentar a obra de Marshall Berman (1986) e a de Norbert Elias (1994) e de Richard Sennett (1988), complementa a discussão afirmando que o fenômeno da modernidade é multifacetado, isto é, ela apresenta uma *face estética*, uma *fase política* e uma *fase material*. Decorrendo sobre a *face material* ele afirma que:

Modernidade é a expressão de um ritmo crescente e excepcional de uma Revolução Industrial que estimulou desequilíbrios sociais de proporções gigantescas, configurando espaços mundiais diferenciados, desregulando, nessa geografia, o tradicional, como também, regulando o que vem a ser o moderno. (1999, p. 22)

Aqui é possível compreender que a modernidade acaba sendo configurada a partir do seu aspecto material, graças a Revolução Industrial que define os instrumentos considerados modernizantes. Provocando um ritmo de mudanças materiais e velocidade, assim como gerando o crescimento das desigualdades. Mas observe que o autor quer que o tradicional acaba por regular o que vem a ser a modernidade. Assim, a definição da modernidade em uma sociedade onde os aspectos tradicionais ainda prevalecem podem definir o que vem a ser moderno nessa sociedade.

Portanto, mesmo que a cidade ande a passos lentos, ao compararmos com a modernidade das grandes metrópoles, para essa sociedade o progresso se configura com a chegada de automóveis, ou na construção de açudes, ou urbanização da cidade. Pois ela acaba estipulando o que vem a ser moderno diante desse cotidiano carregado por aspectos tradicionais. Pois, qualquer instrumento que remetesse ao progresso por si só carrega consigo o simbolismo da modernidade.

Além do mais, na configuração de tradição e modernidade observamos as narrativas que são estimuladas pela elite da cidade, mas o que é evidenciado pelas fotografias está mais para

a coexistência desses dois elementos. É possível afirmar também que a presença desses elementos se dá na cidade de maneira gradual, isso é, o contexto social e econômico da cidade passa por transformações ao longo desse recorte temporal.

Nos anos de 1920-1930 Sousa ainda apresenta aspectos rurais, característica de muitas cidades sertanejas nesse período. Onde existia uma relação muito forte com o coronelismo. Neste período temos configurações políticas, tanto nacionais como estaduais, que acabam direcionando recursos para essa região e que de certa maneira contribuem para as mudanças que permeiam essa sociedade.

Com a presença de um paraibano na presidência alguns recursos são direcionados a essa região, como a criação de vários açudes, entre eles São Gonçalo. Mas essas obras não chegam a ser concluídas pois com o fim do mandato de Epitácio Pessoa (1919-1922) esses recursos são direcionados para outras partes do país. A partir de 1930 Getúlio Vargas e José Américo são apresentados como salvadores, retomam e inauguram essas obras. Além do mais, estradas de rodagens são criadas e expandidas pelo Nordeste, esses fatores contribuem para o acesso a novos recursos (Silva, 2015).

A partir de 1950-1960 temos um novo cenário que influencia também a sociedade de Sousa. Resultando de uma política nacional a cidade ganha novos investimentos. A administração nessa época seguiu as políticas do governo de Juscelino Kubitschek. Logo, é nesse período em que Sousa passa a ter acesso a luz elétrica, água encanada, entre outros elementos que passam a configurar a cidade (Dário, 2012).

É importante mencionar isso, pois as mudanças e investimentos realizados na cidade são indicativos de novas ideologias, interesses e narrativas presentes nessa sociedade, que se constituem por meio das administrações políticas nacionais e estaduais. No decorrer dessa pesquisa detalharemos mais sobre esses cenários políticos e ideológicos mencionados, em especial no último capítulo quando abordaremos sobre a água e a construção do açude de São Gonçalo.

3 VIDA COTIDIANA EM SOUSA: MEIOS DE TRANSPORTE E URBANIZAÇÃO

Estudar a vida cotidiana e a cultura material sousense no início do século XX constitui um grande desafio, tendo em vista as limitações de pesquisa nessa área. Contudo, mediante a leitura das fotografias podemos trilhar um caminho de investigação para entendermos como funcionava a dinâmica da vida cotidiana dessa população no decorrer dos anos de 1920 a 1960. Entre as fotografias produzidas nesse período contemplamos registros dos primeiros automóveis da cidade, essas imagens nos ajudam a perceber como a presença da elite sousense estava atrelada a esses símbolos, tendo em vista que muitos desses registros esses indivíduos estão posando ao lado desses elementos. Além disso, mostraremos a preocupação que os administradores governamentais da cidade, desde a década de 1930, já tinham em urbanizar e embelezar a urbe, narrativas essas que se intensificam ao longo dos anos culminando em construções e reconstruções de praças.

Por intermédio das fontes encontradas, fica bastante evidente as transformações materiais que a cidade começa a trilhar. Claro que essas demandas se dão de maneira pontual no primeiro momento, a cidade de Sousa da década de 1920 não é a mesma de 1960. Logo, é necessário ter em mente que esses elementos modernizantes começam a fazer parte do cenário sertanejo gradualmente. Quando temos isso em mente entendemos que em uma mesma imagem podemos contemplar aspectos tradicionais ao lado de um símbolo modernizante.

Para entendermos as práticas sociais e suas relações entre os indivíduos em uma sociedade, podemos refletir sobre alguns aspectos destacados por Certeau em *A invenção do cotidiano*. Nessa obra, o autor faz questão de enfatizar que dentro de uma sociedade existe uma produção de bens que serão comercializados pela cultura, porém, essa produção é racionalizada. Esses produtos impostos são prescritos por uma “ordem econômica dominante”. Dessa forma, o autor afirma que existe uma relação de controle entre os produtores e consumidores, nada fácil. Assim o cotidiano se estabelece, entre disputas e conflitos, tendo em vista que a cultura difundida é imposta pelas elites produtoras de uma linguagem cultural que acabam moldando a cotidianidade das pessoas (2008, p. 39).

Refletindo sobre *cultura material*, Jean-Marie Pesez defende que através da Escola dos Annales se introduz uma maior discussão sobre essa temática, o que amplia as possibilidades do historiador em sua área de pesquisa. É destacado ainda que existe uma relação entre cultura material e vida econômica. Ao mencionar Fernand Braudel, Pesez afirma que ao mesmo tempo que existem fatores que ligam essas duas áreas elas são distintas em si mesma. Ou seja, “a vida

majoritária é constituída pelos objetos, as ferramentas, os gestos do homem comum, só essa vida lhes diz respeito na cotidianidade; ela absorve seus pensamentos e seus atos. por outro lado, ela estabelece as condições da vida econômica, ‘o possível e o impossível’.” (1990, p. 184-185). Dito isso, podemos compreender que a cultura material se relaciona, intimamente, com a economia e com a sociedade em que se desenvolve. Nesse sentido:

Isso designa não apenas o domínio das representações mentais, do direito, do pensamento religioso e filosófico, da língua e das artes, mas também as estruturas socioeconômicas, as relações sociais e as relações de produção, em suma a relação entre os homens. A cultura material faz parte das infraestruturas, mas não as recobre; ela só se exprime no concreto, nos e pelos objetos, em suma, a relação entre o homem e os objetos (sendo aliás o próprio homem, em seu corpo físico, um objeto material), pois o homem não pode estar ausente quando se trata de cultura. (Pesez, 1990, p. 181).

A história da cultura material possibilita ao pesquisador compreender a relação do homem com o seu meio e as diferentes formas de vivências. Com isso, o homem é estudado através de sua relação com a cultura material, é por meio disso que podemos acessar a uma grande variedade para compreender suas relações ao longo da história da humanidade.

É enfatizado por Daniel Roche (2000) que quando o historiador estuda sobre qualquer perspectiva material ele deve sempre levar em conta a relação entre o mundo e o indivíduo. Sendo assim, ele diz que:

Os historiadores procuraram avaliar o peso real do cotidiano e tentaram dar uma história ao que parecia não possuir uma: vida material e comportamentos biológicos, história da alimentação, história do consumo alimentar e de vestimentas, história das enfermidades. Todos esses estudos requestionaram as certezas relacionadas a eficácia do modelo do *Homo aeconomicus* para compreender as sociedades antigas. Levando em conta a contribuição dos estudos da antropologia, eles acentuaram a observação das práticas e dos gestos individuais e coletivos, as indagações sobre a memória, a transmissão, a mudança de atitudes e dos hábitos que estruturam o universo onde evoluem os homens, do que reúne ou do que opõe por meio dos *habitus* (P. Bourdieu) ou das lógicas de situação (K. Popper). (Roche, 2000, p. 16).

Assim sendo, entendemos que a vida cotidiana se transforma por meio das mudanças que ocorrem na vida material, pois existe uma íntima relação entre a cultura material e a relação que o homem possui sobre os objetos que se constituem à sua volta. Logo, a medida que esse ambiente começa a ganhar novos elementos, introdução de novas visões de mundo e narrativas, esses sujeitos acabam se adaptando a novas condutas, modo de pensar, consumo e anseios.

Para Ulpiano Meneses, o uso “didático” da vida material passa pela ilustração daquilo que o texto estabelece. Logo, para o historiador da antiguidade, o uso da história material possibilita a criação do “clima que permite ‘vivenciar’ as situações, experiências e outras realidades que o texto nos restituem de maneira apenas verbal” (1985, p. 105). O autor define cultura material como aquele segmento físico que é apropriado pelo homem e que dessa forma ele modela sua realidade segundo os propósitos e normas culturais. Com isso, podemos afirmar que essa ação não é neutra, casual ou aleatória pois ela está de acordo com os padrões e objetivos daquela sociedade. Por isso, o conceito de Cultura material consegue abranger diversas áreas do segmento físico.

A fotografia permite ao historiador perceber as mudanças no cotidiano de uma cidade, observar os costumes, vestimentas, famílias, modos e cultura material de uma sociedade, entre outros aspectos. É necessário entender que a fotografia também é constituída enquanto cultura material, ela está integrada à materialidade de uma sociedade que é usada para representar seus símbolos e discursos e representações.

As fotografias da cidade de Sousa nos apontam para as transformações que começam a integrar nesse cenário sertanejo. São elementos que incorporam discursos e narrativas que passam a compor o cotidiano de uma sociedade sertaneja, mesmo que de forma pontual e gradativa. Com isso, ao observarmos essa fonte imagética podemos nos deparar com o cotidiano e seus desdobramentos, por meio dela é possível observar a cultura material que se destaca naquele período, como carros, trens, praças e etc.

Necessário destacar que esses elementos são um tanto “extraordinários”, isto é, ao falarmos da introdução desses componentes no cotidiano da cidade estamos nos referindo a uma pequena parcela da população, aqueles que podem bancar a aquisição de instrumentos modernizantes e incorporar em sua rotina. A disponibilidade desses elementos pode ficar mais acessíveis ao longo dos anos, mas mesmo assim a infraestrutura, embelezamento e a própria “modernidade” ainda são excludentes.

Todavia, é importante pensar sobre o impacto que o uso/acesso a determinados equipamentos causaram na vida cotidiana da população. Isto é, o uso de meios de transportes como - trem, carros, bicicletas - ou o acesso a recursos de higiene e bem estar como - água encanada, iluminação - porque não dizer o acesso ao lazer, como praças para os momentos de sociabilização

Segundo Agnes Heller (1992) a vida cotidiana está inteiramente atrelada ao “acontecer histórico”. Ou seja, as duas coisas cooperam mutuamente, qualquer acontecimento histórico reflete diretamente na cotidianidade e vice-versa. Cada indivíduo está inserido em uma

sociedade e assim ele é habilitado a todas as questões pertinentes para viver uma vida cotidiana em sua comunidade. Segundo a autora:

Também enquanto indivíduo, portanto, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) - bem como, frequentemente, várias integrações - cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua "consciência de nós". (Heller, 1992, p. 21).

Naquilo que a autora chama de “Eu”, ou seja, o individual, onde nascem as paixões e anseios, esse indivíduo, por estar inserido em uma comunidade, cria uma “consciência de nós”. Desse modo, essa consciência se concretiza no cotidiano por meio da vida ordinária.

Nicolau Sevcenko (1998) refletiu sobre o grande número de atropelamentos no Rio de Janeiro, pois algumas pessoas demoraram a se adaptar ao ritmo dos veículos. Assim, com essas novas ferramentas inseridas no cotidiano foi necessária uma atenção dobrada, exigindo assim que os cidadãos incorporassem ao próprio subconsciente essas novas condutas. Ou seja, o corpo teria que incorporar o hábito de olhar para a avenida antes de atravessar, conferindo se não vinha nenhum automóvel. Logo, aqueles que conseguiam se adaptar a essas novas condutas se destacavam. É possível notar que quando essa sociedade passa a implementar novos elementos elas acabam interferindo nas relações e condutas nas urbes que cada vez mais se modificam e se reestruturam.

As relações com esses meios de transporte modificam as dinâmicas sociais e cria novos comportamentos e adaptação para com os instrumentos modernizantes. Charles Haddon Spurgeon, um dos grandes pregadores da história do cristianismo, ministrou um ensinamento que ficaria conhecido como “*Acidentes, não Castigo*”⁴⁹. Esse sermão foi produzido graças a inúmeros acidentes ferroviários que aconteceram no ano de 1861, entre eles está o acidente do Túnel Clayton que aconteceu em um domingo⁵⁰. Nesta época os cristãos levavam muito a sério a “guarda do domingo”⁵¹ e como algumas dessas eventualidades aconteceram durante esse dia da semana houve um grande debate teológico. Haja vista que muitos começaram a defender que o próprio Deus estava castigando essas pessoas por desobedecerem a tal orientação. Dessa forma, Spurgeon viu a necessidade de esclarecer ao povo através de uma visão teológica

⁴⁹ Sermão pregado no domingo, 8 de setembro de 1861, no tabernáculo metropolitano, Newington, Londres.

⁵⁰ Entre esses acidentes está o do Túnel Clayton, que ocorreu em 25 de agosto de 1861, um trem bateu em outro que estava parado no túnel, matando 23 e deixando ferido 176 passageiros.

⁵¹ Segundo a tradição cristã, era necessário guardar o domingo para o descanso e o louvor ao Senhor.

apropriada. Neste sermão ele esclarece que as mortes não eram fruto das descobertas modernas, ainda elucidando a importância do vapor, mas que todos, em qualquer época da história estariam sujeitos a mortes catastróficas. Com isso, ele esclarece que não poderiam afirmar que essas catástrofes seriam castigo do próprio Deus, mas que tais tragédias seriam meros acidentes.

Observe que o contato com esses instrumentos modernizantes interfere na vida das pessoas, seja através de novas leituras do cotidiano ou comportamentais. Na cidade de Sousa não foi diferente; podemos acompanhar por meio dos indícios históricos de que dispomos os desdobramentos sociais que passaram a existir com o advento de novas ferramentas materiais. Mesmo que em proporções diferentes das grandes urbes não podemos negligenciar as novas narrativas e discursos que passaram a fazer parte da leitura e imagem da cidade de Sousa.

Esses elementos passam a ser considerados símbolos de uma sociedade moderna, logo, a presença desses recursos são um indicativo de como aquela cidade se porta diante de um mundo em transformação. Gervácio Batista Aranha (2003) defende que esses símbolos possuem valor universal e com isso, qualquer contato com um ou outro desses elementos ela passa a ser considerada como uma cidade moderna e civilizada, independentemente do tamanho dela. O mesmo ainda afirma que não era necessário que esses símbolos chegassem todos de uma vez, pois a simples presença isolada desses recursos seria suficiente para considerar um prenúncio de um novo tempo. E claro, servia de parâmetro verificador do grau de civilização das cidades que receberam esses símbolos.

Norbert Elias propõe em seu texto a definição do termo “civilização”. Segundo ele, o conceito pode se referir a uma série de fatos, como costumes, tecnologias e crenças, entre outros. Porém, para a sociedade ocidental essa terminologia ganhou outras proporções. Passou a definir aquilo que os orgulhava, que os diferenciava de outras sociedades que os definia como “superiores”. Ou seja, o nível de sua tecnologia, o desenvolvimento de sua cultura e visão do mundo (1994, p. 23).

Dito isso, sempre é importante mencionar que falar de modernidade no sertão se constitui um grande desafio, pois ao pesquisar e trabalhar com essa narrativa compreendemos que a modernidade não pode ser equiparada com o desenvolvimento das grandes metrópoles brasileira, mas sim perceber que com a chegada desses símbolos nas cidades, por menor que sejam eram entendidos como a chegada de tempos modernos e desenvolvidos, como afirma Aranha. Acrescenta-se também a necessidade de compreender que nem todos desfrutam desses novos elementos, isso porque grande parte do acesso a esses recursos se dá pela elite da cidade, que além de se beneficiar desses instrumentos colaboram para a construção de uma narrativa em prol de um imaginário sobre a cidade.

Com isso, iremos investigar como a presença de equipamentos como trens, carros e bicicletas começaram a fazer parte do cotidiano da cidade de Sousa e de que forma os discursos de modernidade e desenvolvimento contribuíram para o anseio de construir uma cidade mais urbanizada e embelezada.

3.1 A chegada dos automóveis em Sousa

Quando tratamos de modernidade na cidade de Sousa nunca é demais lembrar que, nessa cidade, os aspectos modernizantes se manifestam diferente das grandes metrópoles. Isso porque suas experiências com o moderno são construídas de maneira bastante tímida e gradativamente, mas isso não impede de serem representadas pensadas pelos discursos de modernidade. Isso porque, os símbolos do desenvolvimento efetivam a chegada da modernidade na cidade. Nas palavras de Gervácio Aranha:

Trata-se de considerar que a ideia de modernidade ... se configura menos por cenários urbanos marcados pela agitação frenética no cotidiano das pessoas com seu “rush” característico, e mais por uma ou outra novidade vinda do estrangeiro, seja as que se relacionam aos transportes e comunicações, seja aquelas relacionadas aos equipamentos do “conforto”, não esquecendo das que remetem a vida elegante e/ou entretenimentos. Cidade que se quer “civilizada” ou estaria a “civilizar-se” deveria contar ao menos com uma dessas novidades. (Aranha, 2001, p. 254-255).

É por meio dessa perspectiva que podemos olhar para a cidade de Sousa e afirmar que cada vez mais, com o passar das décadas, a cidade se afirma como moderna, pois com a chegada de alguns desses símbolos a vida dos cidadãos é adaptada aos novos cenários que passam a fazer parte da cotidianidade dos cidadãos sousenses. Com isso, a modernidade deste contexto era caracterizada pela presença de equipamentos que possibilitasse conforto, bem estar, transporte, comunicação, entretenimento e beleza.

Em um mundo onde cada vez mais apresentava elementos “modernizantes” e “tecnológico” (telefone, sistema de iluminação, água encanada e parques) o trem constitui um grande meio de locomoção e de sociabilidade. É por meio desse instrumento que a informação chega mais rápido, e conseqüentemente, promove contato com o resto do mundo. Por isso, o próprio trem é pensado como produto da modernidade. Deste modo, ela possui relações econômicas, políticas e afetivas. O trem apresenta uma relação muito íntima com a vida material

das pessoas, isso porque, ela acaba interferindo nas relações pessoais, na vida cotidiana desses sujeitos e suas interações, bem como o acesso a outros bens de consumo.

Uma das fotografias emblemáticas da cidade é a da inauguração da estação ferroviária. Estudar a cidade por meio das imagens é compreender que nelas estão inseridos seus discursos e narrativas que permeiam aquela sociedade. É necessário ter um olhar investigador para com essa fonte pois ela é rica em detalhes. Logo, torna-se fundamental observar todos os elementos que compõem a fotografia. Dessa maneira, vamos dividir a análise em dois momentos. No primeiro ponto iremos trabalhar os artigos de moda e vestimentas presentes na fotografia abaixo, que apontam para os aspectos sociais e normas de vivências. No segundo momento vamos identificar o impacto da chegada do trem à cidade de Sousa e as narrativas que se desenvolveram em torno desse símbolo de modernidade.

Figura 10 - Inauguração da Estação Ferroviária



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1926, p. 75)

3.1.1 A “boa aparência” e os artigos de moda da sociedade sousense

O que de antemão já nos chama a atenção é o grande grupo de pessoas reunidas para prestigiar a inauguração da estação ferroviária na cidade, sem dúvida esse evento causa um frenesi no município, ainda mais em uma localidade que durante a década de 1920 tinha fortes características de um ambiente rural, sem a correria da cidade grande.

Logo, podemos atentar para a presença de diferentes grupos sociais que se dão a ver por suas vestimentas: entre elas estão pessoas com vestes mais simples, mas tem aquelas que estão bem vestidas, diante de um evento atípico, trajados adequadamente para a ocasião seguindo a

etiqueta da época. Ou seja, se observarmos com cautela podemos detectar pessoas com roupas mais rasuradas e desgastadas com o tempo, outras parecem estar com roupas mais novas. O uso de chapéus em massa por homens bem trajados com seus paletós, portando guarda-chuvas. No meio dos trilhos, entre terra e pedra, é possível ver jovens usando meias e sapatos; alguns deles exibem saltos típicos da moda da época. Por exemplo, observe as jovens abrigadas sob o guarda-chuva à esquerda da fotografia.

Dito isso, podemos perceber que na fotografia da inauguração da estação ferroviária esses elementos das indumentárias dos cidadãos podem nos ajudar a perceber as dinâmicas sociais e seus bens materiais. Observe que, ao mesmo tempo em que há presença de homens e mulheres bem vestidos, também se nota a presença de indivíduos mais simples (tomando-se a indumentária como critério), trajando roupas mais desgastadas. Na margem inferior à direita podemos observar a presença de algumas mulheres, que se destacam pelas estampas diferentes de seus vestidos em comparação com os demais. Seus vestidos apresentam estampas mais chamativas, diferentes de todos os outros vestidos.

Duas delas estão com bebês no colo, e um jovem, que está com a mão no que parece ser o braço da mulher, que apoia o bebê. Possivelmente essa mulher é a própria mãe do garoto, logo, podemos imaginar que se trata de uma família. A imagem flagra uma certa intimidade por parte desses indivíduos e nos permite conhecer esses sujeitos e suas ações enquanto sujeitos históricos. Ou seja, a fotografia tem esse poder de flagrar essa dimensão afetuosa que perpassa a produção imagética. Observe que o garoto está olhando na direção contrária ao que chama a atenção das outras mulheres. Elas estão um pouco afastadas do resto da multidão que se acotovelam para ver de perto o esplendor da máquina.

Se atentarmos a essas informações (vestimentas/indumentárias) certamente podemos compreender sobre a dinâmica social da época, bem como o que esses artigos de moda dizem sobre quem os utiliza. O traje dialoga com a vida material dessas pessoas, ao observarmos as indumentárias desses indivíduos podemos investigar os diferentes consumos, perceber os eventos em que exigia algum tipo de etiqueta, seja em festas ou no cotidiano, assim como a comercialização de roupas na cidade. Segundo Daniel Roche “A indumentária, mais do que qualquer outro elemento da cultura material, incorpora os valores do imaginário social e as normas da realidade vivida; é o campo de batalha obrigatório do confronto entre a mudança e a tradição” (2000, p. 262).

Dessa maneira, ao observarmos esses elementos, como chapéu, guarda-chuvas, paletós, entre outros artigos de moda, compreendemos que elas fazem parte de uma série de narrativas modernizantes que começam a pensar sobre estilo, beleza e apresentação. Conforme nos

apresenta Mary Del Priore (2017), a moda também começou a se desenvolver no início do século XX, agora era exigido o controle da apresentação pessoal, bem como transparecer uma “boa aparência”, esses elementos visuais passaram a ser importantes para as pessoas.

Perceba na imagem que a maioria dos homens estão vestidos de paletó, alguns deles, as roupas estão mais desgastadas, o que indica uma diferença social entre eles. Mesmo que todos apresentem o mesmo padrão de vestimenta. Alguns estão com gravatas apresentando uma certa formalidade. Segundo Priore o uso de paletó e chapéu, para os homens, era independente de idade, todos faziam uso desse estilo. Enquanto que as mulheres elas passaram a cobrir-se menos, com os vestidos mais curtos os sapatos tinham que ser com saltos baixos. Além disso, o uso de cores fortes era proibido.

Pelas fontes iconográficas e por meio dos cronistas podemos perceber como se dava a dinâmica da cidade com relação ao fornecimento de roupas e ateliês. O cronista Gastão de Medeiros Forte⁵² menciona que mesmo no sertão os cavaleiros vestiam impecavelmente. Segundo ele, houve um tempo em que a moda era usar roupas de linho diagonal S-129 e quando chegou em Sousa muitos buscaram garantir o seu. Isso porque, segundo afirma Forte, era comum nos salões de bailes e clubes populares a obrigatoriedade do uso de uniforme. Pelo que o cronista afirma, na cidade existiam serviços de alfaiataria e pessoas especializadas em dar um trato especial nas roupas, como engomar.

Nos jornais é possível compreender que na cidade de Sousa, já nas décadas de 1920 e 1930 já existia um comércio de tecidos. O Decreto n. 49, de 28 de dezembro de 1933, publicado no Jornal *A União*, nos é apresentado os orçamentos da cidade de Sousa e assim conseguimos ter ideia dos serviços oferecidos na cidade⁵³. Entre eles estão: alfaiataria, máquina de costura, casa de oficina de chapéus (fabricar e remontar). Em um desses artigos temos a seguinte descrição: “Atelier, confecção de roupas para senhoras e crianças, com fazenda e artigos de moda de: 1.ª classe: 40S000/ 2.ª classe: 30S000/ 3.ª classe: 20S000.”

Perceba que já existe uma comercialização e confecção de roupas na cidade, sem a necessidade de buscar em outras localidades. Por mais que com a chegada do trem a uma facilidade da circulação de novos produtos vindo de outras cidades e assim acompanhar as novas demandas que surgem no mercado da moda.

Pelas fotografias é possível observar estabelecimentos que tinham função de promover algum serviço nesta área como ateliês e alfaiataria. No livro *Além do Rio* algumas das

⁵² FORTE, Gastão de Medeiros. **Minha terra, minha gente**. S/L: s/e, 1979, p. 81.

⁵³ Ver: Prefeitura Municipal de Souza. Decreto n° 49, de 28 de dezembro de 1933. A UNIÃO. João Pessoa, 18 de janeiro de 1934, p. 9-10.

fotografias o editor coloca um breve comentário especificando os serviços oferecidos em determinadas instalações. Mas também algumas dessas imagens é possível observar essas atividades, como por exemplo fotografias de feiras, que serão melhor trabalhadas mais adiante, essas imagens mostram a venda de tecidos dando uma noção de como aconteciam a comercialização desses produtos.

Em uma dessas imagens, presente no livro *Além do Rio*, uma delas chama a nossa atenção, a imagem é de um ateliê de costura. Observe a imagem a seguir:

Figura 11 - Rua Padre Correia de Sá



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1938, p. 47)

Nessa fotografia o editor afirma que esse ateliê se instalou em 1938, nessa imagem é possível observar a presença de várias máquinas de costura. Conforme se observa nesta fotografia os homens e mulheres posicionados em cada uma das cinco máquinas de costura ignoram a presença do fotógrafo, porém a ação dos homens ao fundo da sala revela que a fotografia foi pensada. A presença das crianças nesse ambiente denuncia a participação delas neste ambiente de trabalho. Perceba que em um dos homens, que encaram a câmera e fazem uma pose, há uma fita métrica em volta do pescoço um instrumento de seu trabalho. A presença de pelo menos dois paletós nos manequins sinaliza a demanda do estabelecimento.

Com essas informações podemos entender que a cidade de Sousa, já nas décadas iniciais do século XX, possuía serviços de produção de artigos de moda. Mesmo assim, ainda podemos perceber, pelas fotografias, que nem todos tinham condições para manter um rigor de vestimentas. Logo, passa a ser um fator que diferencia as condições e aspectos sociais dos indivíduos, contribuindo para uma distinção dos que pertencem às famílias mais abastadas e os que não possuem vantagens econômicas.

Observe a fotografia abaixo:

Figura 12 - Fotografia de uma jovem sousense - Era Nova



Fonte: *Era Nova*⁵⁴

Essa imagem se encontra na revista *Era Nova*, muitas famílias mandavam fotografias para serem publicadas na revista, era um prestígio na época⁵⁵. Com isso, podemos nos atentar para os detalhes das indumentárias presentes nesta fotografia de um jovem sousense desse período. Atente-se aos detalhes, fotografias produzidas em estúdios fotográficos tem características interessantes, desde a composição do ambiente, que podem proporcionar cenários diferentes, bem como acessórios em que os clientes poderiam utilizar na hora da foto, entre outros benefícios podemos enfatizar que os estúdios fotográficos proporcionavam a formatação da imagem que desejavam eternizar⁵⁶.

Nesta fotografia podemos contemplar que a jovem faz uso de acessórios. Além de argolas/pulseiras ao longo do braço, ela utiliza o que parece ser um leque. Devemos levar em consideração que esses objetos e instrumentos são usados para construir uma imagem de si, seja de delicadeza ou modernidade.

⁵⁴ Ver: *Era Nova*, Parahyba, 1 de maio de 1923.

⁵⁵ LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba**: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950). João Pessoa, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1997, p.135.

⁵⁶ KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. No estúdio do photographo, o rito da pose: Brasil, segunda metade do século XIX. **Revista Agora**, Vitória, n.5, p.1-25, 2007.

A fotografia vem com a seguinte descrição: "Senhorinha Maria Fonte, da fina sociedade de Souza". Como a própria descrição afirma, a jovem certamente pertence à elite sousense, desde suas finas roupas até o uso de alguns acessórios que afirmam sua condição perante a sociedade. Seus cabelos estão muito bem apresentados e sua pose afirma como a jovem se preparou para compor a fotografia. Seu olhar fixo na máquina fotográfica é a forma como ela apoia a cabeça em uma das mãos transmitem uma imagem de ingenuidade e delicadeza. Com uma maquiagem discreta, um colar em volta do pescoço e seus braços apoiados em uma pequena mesa projetam uma composição de uma cena, que foi devidamente articulada. Todos os seus aparatos ajudam a reafirmar de que ela compõe, como afirma o comentarista da revista, a "fina sociedade de Souza".

3.1.2 A chegada do trem: o “mensageiro do progresso”

Em um dos romances produzidos pelo paraibano José Lins do Rego a imagem do trem é descrita como veloz e um instrumento modernizante. Na sua obra *O menino de engenho* de 1932 o personagem principal é levado para o engenho do seu avô materno, durante a narrativa o personagem descreve sua viagem que fez de trem:

O trem era para mim uma novidade. Eu ficava na janelinha do vagão a olhar os matos correndo, os postes do telégrafo, e os fios baixando e subindo. Quando chegava numa estação, ainda mais se aguçava a minha curiosidade. Passavam meninos com roletes de cana e bolos de goma, e uma gente apressada a dar e a receber recados. E uma porção de pobres a receber esmolas (Rego, 2012).

Pela descrição é possível contemplar o imaginário que se tinha do trem enquanto instrumento de modernidade, que podia causar estranheza, bem como de velocidade. Veja que o personagem afirma que observava pela janela “os matos correndo” e os “fios baixando e subindo”. Esse mundo é descrito de maneira bastante exótica pelo personagem que contempla todo o cenário de forma curiosa. Veja que a estação rodoviária também é um espaço onde acontece a troca de informação, onde as pessoas comercializam seus produtos e ao mesmo tempo de pessoas que passam por necessidade que aproveitam a ocasião do entroncamento de pessoas para solicitar ajuda.

Mediante esse enredo podemos refletir sobre os desdobramentos, encontros, desencontros e novas perspectivas que se desdobram a partir desse elemento modernizante. A

presença de uma estação ferroviária é de grande importância no quesito econômico, pois a máquina por ser veloz proporciona uma maior facilidade de transporte de produtos e mercadorias, bem como o quesito de informação e diálogo com o mundo. Através do relato do personagem descrito anteriormente, podemos observar que o menino percebe um mundo totalmente à parte do que ele conhecia, uma dinâmica diferente que o impressiona.

Em uma sociedade onde ainda apresenta características rurais a presença de um instrumento modernizante como o trem, que é sempre vinculado a um símbolo de velocidade, pode ressignificar o tempo e a dinâmica dessa sociedade. Gervácio Aranha (2001) afirma que o trem tem pressa, ou seja, para usar esse transporte tem o horário definido, não pode atrasar e precisa que o cidadão esteja adaptado a essa nova dinâmica. Podemos afirmar também que esse instrumento acaba marcando as horas, isso é, muitos acabam utilizando a passagem do trem como demarcador do tempo. Veja que na obra *O menino de engenho* o personagem afirma que “do engenho nós ouvíamos o trem apitar, e fazia-se de sua passagem uma espécie de relógio de todas as atividades: antes do trem das dez, depois do trem das duas” (Rego, 2012).

Tendo isso em mente podemos dialogar sobre o impacto desse elemento modernizante ao ser integrado na sociedade sousense. A imagem da inauguração da estação ferroviária já nos mostra que o evento atraiu muitos cidadãos que prestigiaram o ato solene. Observe o recorte a seguir:

Figura 13 - Recorte: Estação Ferroviária



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1926, p. 75)

É fascinante observar como algumas crianças estão encantadas com aquela novidade. Na fotografia é possível perceber uma menina que, diante da multidão à sua frente, se curva para encontrar espaços abertos entre a massa de adultos que lhe impediam de ver o desejado

trem. Assim, ela coloca o seu pequeno corpo todo para frente e se equilibra para conseguir visualizar aquele fenômeno. Há um número considerável de crianças entre grupo de pessoas que se aglomeraram para testemunhar aquele evento, todo esse frenesi é justificado pela curiosidade e o encanto que a chegada do trem provoca na população que ainda vivia uma realidade da vida rural.

Na fotografia a grande massa da população presente está encantada com aquela máquina enorme em sua frente. A maioria ali nunca tinha presenciado tal empreitada. Assim, esse evento foi o suficiente para marcar a história da cidade.

É a máquina que seduz os olhares de todos os presentes. Ela chegava como um deus para onde convergiam todos os olhares. A impressão que nos causa é a de um encanto geral. Todos parecem desejar tocar o que os olhos vêem naquele momento considerado ímpar na história de Sousa. Isso é perceptível tanto na disposição das pessoas que parecem querer acompanhar a máquina com aquelas que se encontram quase dependuradas, como se quisesse participar dessa experiência. Todos se voltam para ela como para um grande espetáculo do “mundo moderno”. (Sousa, 2011, p. 50).

A fotografia nos cativa ao eternizar essas pequenas ações e reações a novas dinâmicas inseridas na cidade. Ainda nesta imagem é possível observar que além do trem outra coisa acaba chamando a atenção de algumas pessoas. Observe no recorte acima que algumas pessoas cruzam o olhar com a máquina fotográfica no mesmo momento em que a fotografia é tirada. Pode-se supor que a presença de um fotógrafo e de uma máquina fotográfica chamaram a atenção de alguns curiosos e que por meio dessa imagem se deixaram eternizar.

O ângulo da fotografia também nos chama a atenção, por ser uma inauguração da Estação Ferroviária ela é destacada na imagem tomando quase que toda a fotografia, o trem é posicionado de uma forma que permite ao observador da imagem enxergar o símbolo modernizante que causa agitação nas pessoas presentes. O nome “Souza” fica bem evidente na imagem, já que ela está escrita na parede da Estação, que por sinal, pela presença de uma escada, entende-se que a reforma não tinha chegado ao fim. Observe as bandeirolas, o clima é de festa.

A construção da fotografia foi pensada, ela é um perfeito relato do que estava acontecendo em algumas cidades do interior do estado. O fotógrafo, anônimo por sinal, posicionou de maneira precisa e bem intencionada a máquina fotográfica. A imagem se tornaria um emblema do progresso e modernidade na cidade de Sousa.

Se nos atentarmos aos detalhes, notaremos a presença de um homem montado em um burro ou cavalo no meio da multidão. Ele quase passa despercebido, mas um olhar mais atento

revelará que sua posição elevada em relação aos demais se deve ao fato de estar utilizando um animal como meio de transporte. Observe o recorte a seguir:

Figura 14 - Recorte: Estação Ferroviária



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1926, p. 75)

Esse detalhe nos aponta, mais uma vez, a relação que muitas dessas imagens apresenta entre o tradicional e o moderno. Quem sabe esse indivíduo tenha vindo de localidades distantes para prestigiar esse evento que mobilizou a população. Observe que ele mesmo sob o animal direciona para a máquina de ferro onde aparenta está acontecendo algum tipo de cerimônia.

Esse evento logo é noticiado na imprensa que circulava em todo o Estado, como por exemplo o jornal *A União*. Os meios de comunicação detalham o dia de festividade que aconteceu na cidade, a inauguração ocorreu dia 13 de maio de 1926 e contou com a presença de engenheiros, advogados e comerciantes da região de Fortaleza, Cajazeiras e demais localidades vizinhas⁵⁷. De maneira detalhada, todo o dia de festa é retratado em uma matéria destacada como “Notícias do Interior: Souza”, com isso, podemos ter um vislumbre do evento que foi a chegada do trem na cidade; segundo as informações desse texto havia por volta de 3 mil pessoas presentes neste dia.

Eram 12 horas aproximadamente, quando silhuetava-se o perfil do comboio que vinha trazer a Souza uma nova era de prosperidade. Havia em cada coração o desejo intenso da efetivação de uma esperança secular. E o trem se aproximava lentamente.

⁵⁷ Ver: “A estação ferroviária de Souza”. In: *A UNIÃO*. Parahyba, 22 de maio de 1926, p. 2.

Foi quando a locomotiva, varando a multidão e com um apito estridente parou, resfolegando os seus pulmões de aço, enquanto o povo saudava os pioneiros do progresso em hurrahs frenéticos e lá fora, ao ar, estrugiam repetidas salvas de foguetes.⁵⁸

Aqui já podemos observar o discurso modernizante do ideário de esperança atrelado aos símbolos de modernidade e progresso. Além disso, as figuras humanas também se fazem símbolos da modernidade já que no relato isso fica claro quando é afirmado que eles “saudavam os pioneiros do progresso”. Todos esses conceitos que eram produzidos e consumidos pela cidade sousense são evidenciados através dos meios de comunicação da sociedade, seja por meio do jornal, da literatura, dos cronistas e também pela fotografia. A presença de um fotógrafo neste dia demonstra o desejo de eternizar um momento que ficaria marcado na história da cidade e daqueles indivíduos.

No livro *Fotografia na Paraíba*, Bertrand Lira (1997) defende que a expansão da rede ferroviária favorece a circulação do fotógrafo para outras regiões interioranas. Mas, para além dessa nova dinâmica, o mesmo afirma que a instalação da ferrovia foi uma fonte para a documentação fotográfica, haja vista que tudo o que poderia representar uma novidade é um objeto para ser fotografado.

Nos diz ainda Lira que o fotógrafo Machado Bitencourt foi contratado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), com o propósito de documentar a cultura do algodão do Nordeste. Ele deixou um grande e importante acervo de suas andanças. Dentro deste acervo encontra-se a fotografia da Chegada do trem em Sousa. Na descrição dessa fotografia, presente no livro de Lira, ele afirma que a imagem pertence ao acervo de Bitencourt, mas que o fotógrafo é anônimo (1997, p. 155).

Observe que existia toda uma preocupação documental com a instalação desses símbolos modernizantes, bem como do registro fotográfico delas. Todo esse aparato da empresa e demais meios de comunicação possibilita à população de todo o Estado acompanhar o desenvolvimento de novos caminhos que se desdobram sobre a sociedade sertaneja. Evidentemente esses discursos dialogam exclusivamente com os interesses políticos e econômicos destacados anteriormente.

É necessário entender que para a sociedade que se beneficia com a chegada do trem o significado abrange vários aspectos da vida cotidiana. Entre esses fatores está o acesso à informação. O historiador Gervácio Batista Aranha (2003), observa a importância do trem na divulgação da informação por meio da imprensa. Podemos afirmar que as estações ferroviárias

⁵⁸ Ver: “Notícias do interior: Souza”. In: A UNIÃO. Paraíba, 26 de maio de 1926, p. 2.

conseguiram agilizar a entrega dos correios e as correspondências, assim como, a de jornais por assinatura. Deste modo, as cidades beneficiadas com as estações ferroviárias eram consideradas como modernas pois a informação também era classificada como um privilégio. Com essas informações é possível acompanhar o que acontece no Brasil e no mundo, porém toda essa comunicação só chega graças ao trem e suas interlocuções com outras cidades.

Nesse contexto, o trem é esperado com grande expectativa pelos moradores das cidades, na ânsia de se deparar com a grandiosidade desse meio de transporte e com as novidades que ele trazia, especialmente para a parte da elite intelectual da cidade. O investimento na construção de ferrovias no interior do Estado se dava, em especial, pelo interesse na captação do algodão que era produzido pelas cidades sertanejas, assim como a política das obras contra as secas, que foi idealizada e difundida entre 1919 e 1922 pelo governo de Epitácio Pessoa, como veremos mais adiante.⁵⁹

Em 1951 aconteceu a inauguração da ferrovia que ligava as cidades de Mossoró via Mombaça até Sousa. Mas uma vez a cidade se encontrou em uma grande festa para com essa nova conquista. Novamente as autoridades se fizeram presentes para prestigiar o novo feito. A elite intelectual não deixa de relatar, com detalhes, de como sucedeu aquele dia. A revista *Letras do Sertão* apresenta um relatório do evento.

O calor sufocava. O suor gotejava de cada face, e apenas uma brisa tépida vinha, de quando em vez, embalar com seus bafos de fornalha a gente, que ali vislumbrava aquela tão agreste e inóspita paisagem recamada de cactos e pedreiros.

Todos de vista voltada para o norte estendiam verdadeiros olhos de lince na estrada, que se descortinava longa, interminável... E quando o auto-motriz apontou distante, foi em grande polvorosa que acorreu o povo a abençoar aquele mensageiro do progresso.⁶⁰

Mesmo que a descrição seja um tanto quanto sugestiva, é notório o quanto esses eventos mobilizam a sociedade. Debaixo do sol ardente do Sertão a sociedade se desloca, às duas horas da tarde, para prestigiar o evento que mais uma vez marcaria a história da cidade. É interessante notar como o comentarista descreve o sentimento da população quando o povo “abençoa aquele mensageiro do progresso”, é como se o trem ao chegar à cidade emanasse o cheiro do progresso fazendo a população vibrar com os ares modernizantes.

Veja que o trem é um indicativo da chegada da modernidade na cidade, como podemos observar através das narrativas. Porém, outros elementos que começam a fazer parte do dia a

⁵⁹ LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba**: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950). João Pessoa, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1997, p. 149.

⁶⁰ Ver: “Chegou o trem”. In: **Letras do Sertão**. Março de 1952. Ano I, n° 2, p. 10.

dia da urbe colabora para a construção da imagem de “pessoas modernas” ou precursoras da modernidade. Logo, podemos entender que, mesmo ao tratarmos de modernidade no sertão paraibano seja um desafio, às evidências nos discursos e narrativas colaboram para entendermos de que maneira esses símbolos foram tratados como precursores da modernidade e desenvolvimento no interior paraibano.

3.1.3 Automóveis: entre “besta-fera” e poses

É por meio de alguns instrumentos automobilísticos que algumas famílias, de grupos abastados, se afirmam como figuras modernizantes. Com a presença de um fotógrafo essas famílias eternizam a presença desses objetos na cidade; com o aparecimento desses cidadãos nas fotografias elas acabam nos apresentando muitas camadas sociais; desta maneira podemos, por meio da produção imagética, estudar a sociedade sousense durante essas décadas de transformações no cotidiano da cidade.

Ainda nos dias atuais é conhecida a história da reação das pessoas quando viram um carro à sua frente pela primeira vez. O automóvel Ford Bigode foi adquirido pelo Coronel Emílio Sarmiento de Sá, em 1918. Transportado de trem da cidade de Recife-PE a Campina Grande-PB, desta cidade veio até Sousa através das estradas carroçais, muitas vezes abrindo passagem à foice entre os arbustos. Chegando à cidade, o automóvel ficou conhecido como “Besta Fera”, causando medo à população que não conhecia, até então, o veículo motorizado.

A memorialista Julieta Pordeus Gadelha relata esse acontecimento:

Foi no mês de agosto, daquele ano de 1918, os dois aventureiros, descendo a serra da Borborema, descambava, algumas vezes atravessando rios e riachos, empurrando o carro, às vezes até carregando-o nos braços, com a ajuda de moradores de beira de caminho.

Foi um grande acontecimento, a população se acotovelar para olhar a novidade, admirar a coragem e festejar o cumprimento da palavra do Cel. Emilio Sarmiento de Sá. (Gadelha, 1986, p. 131).

É uma cena de espetáculo e através desses relatos que entendemos que essa ação é vista como um ato heroico e de grande admiração. Julieta Pordeus Gadelha enfatiza que trazer o automóvel para Sousa provocou um impulso e desenvolvimento do Município. Segundo ela, o feito do Coronel Emílio deve ser visto através de um ato de sacrifício e coragem e que o mesmo deveria ser elevado à galeria dos benfeitores da cidade. Observe como o Coronel é reverenciado como o provedor ou precursor da modernidade e desenvolvimento da cidade, sem dúvida essa figura é atrelada ao poder econômico e cultural.

Figura 15 - Primeiro automóvel em Sousa



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1923, p. 74)

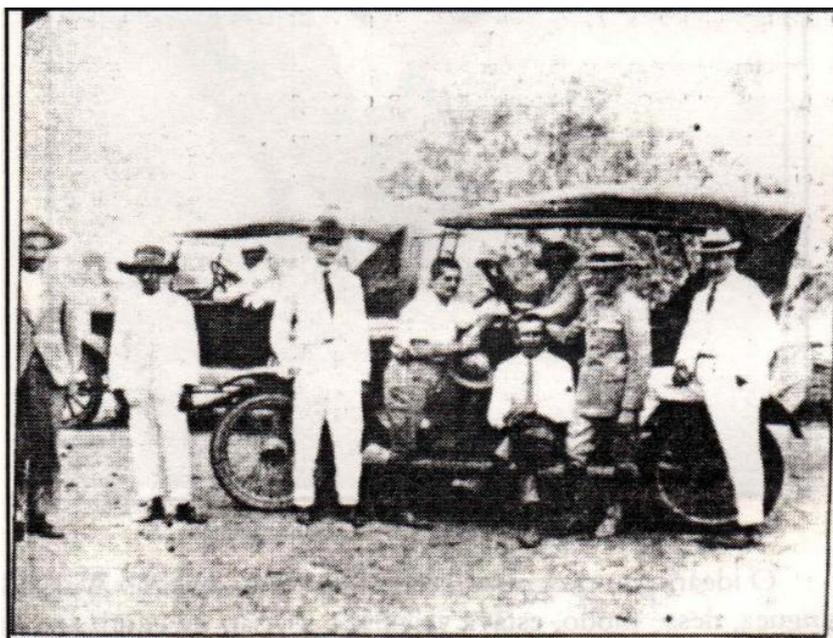
Entre os homens que posam para a fotografia estão Emilio Sarmiento de Sá, primeiro homem que está em pé à esquerda, e os oficiais da polícia militar (observe que o homem ao lado do Coronel carrega na sua cintura uma arma); o fotógrafo Walfredo Rodriguez que está sentado no estribo do veículo. Como já vimos neste trabalho, Walfredo faz parte da elite intelectual da Paraíba que buscava a modernidade e o progresso do Estado. Além disso, estava vinculado à revista *Era Nova*, por meio da fotografia. É interessante observar a presença de Walfredo na fotografia, pois nos informa que esse ciclo social é composto por pessoas influentes, não só politicamente, mas intelectual e culturalmente, indivíduos que possuem influência e poder tanto na cidade de Sousa quanto no Estado.

Dessa forma, mesmo não conhecendo o autor da fotografia, podemos observar que os fotógrafos demonstram suas habilidades ao retratar as “elites econômicas que agitavam a vida social e cultural desses pequenos centros urbanos.” (1997, p. 149). Lira, diz que o “desejo narcisista” das elites em serem fotografadas, passa pelo anseio de serem eternizados em poses ao lado de objetos modernizantes para que assim seja visível o progresso e as transformações nos espaços urbanos.

No texto de Mauro Koury (1998), a fotografia do primeiro automóvel em Sousa é colocada completa, assim, podemos observá-la com mais riquezas de detalhes. Ao contrário do

recorte que o livro *Além do Rio*⁶¹ apresenta em suas páginas, Khury exibe a imagem inteira. É interessante observar que quando essa fotografia é divulgada em outros acervos e livros, existe sempre um recorte em que apenas aparecem os indivíduos que estão diante do carro, deixando de lado os demais cidadãos.

Figura 16 - Primeiro automóvel em Sousa



Fonte: Livro: *Imagens e Ciências Sociais* (1924, p. 156)

Compare as duas imagens, na anterior não aparecem os dois indivíduos à esquerda. Não sabemos porque o editor escolheu recortar a imagem, no entanto, através dessa outra imagem, dessa vez de maneira completa, podemos observar outros detalhes. Constata-se que o homem que está no segundo carro, atrás deles, ignora completamente a câmera fotográfica. A imagem apresenta característica de pose, o que nos permite entender que os dois indivíduos que estão um pouco distantes do grupo e com vestimentas mais simples também foram convidados a fazer parte do registro. Evidencia-se que suas vestimentas contrastam com as dos demais indivíduos. Somando a isso, seu comportamento diante da máquina fotográfica demonstra traços distintos. Observe como os homens frente ao carro expressam uma certa “naturalidade”, enquanto os dois homens parecem não acompanhar essa mesma desenvoltura.

A presença de dois carros na imagem é bem interessante, esse automóvel pode ser de outro cidadão da cidade, ou até mesmo de algum desses indivíduos presentes na fotografia, mas

⁶¹ FERRAZ, Augusto. *Além do rio: uma fotografia da paisagem urbana - Sousa - Paraíba*. AGT Produções, 2011.

podemos entender que na época em que essa foto foi tomada, isso na década de 1920⁶² outras figuras sousenses já tinham adquirido automóveis. Julieta Pordeus Gadelha diz que “apareceram depois os imitadores. O Cel. Basílio Pordeus Silva não quis ficar por baixo: dinheiro tinha, e por que não comprar um carrinho também? Comprou. E aprendeu a guiar no abrir e fechar de olhos” (1986, p. 131).

É um perfeito contraste entre as novas tramas do moderno e a vida comum que ainda faz parte do cotidiano sousense. É o dualismo entre o moderno e o tradicional, o homem que ainda busca se adequar a novas realidades. Com os relatos que nos são apresentados por meio da memorialista, podemos perceber a relação do homem com a ascensão da máquina na vida sertaneja.

O Cel. Basílio Pordeus Silva não quis ficar por baixo: dinheiro tinha, e por que não comprar um carrinho também? Comprou. E aprendeu a guiar num abrir e fechar de olhos. Um dia, estando o Cel. Basílio Silva a passear pelas ruas da cidade, demorou tanto que sua esposa Geni, vendo que ele não chegava para almoçar, ficou à espera que o carro passasse e chamou: Basílio, tá na hora do almoço! E ele respondeu: já vou, Geni! e essa ladainha se repetindo por várias vezes. Até que Basílio Silva, suando, chega em casa, enquanto Geni vai dizendo: “O almoço já está frio, porque custou tanto?” “Ah, - respondeu ele, soprando - eu estava esperando que aquele troço parasse, pois eu não conseguia, até que a gasolina acabasse!” (Gadelha, 1986, p. 131).

É o homem se adaptando a essas novas máquinas, condicionando o seu corpo a se adaptar a uma nova realidade. Ou seja, quem vai ensinar esse homem a dirigir uma máquina maior do que ele? É ele por si só conduzindo seu corpo, aprendendo a dominar um automóvel, até chegar ao momento que aquela ação se tornará mais “comum”, como aprender a frear e desligar o carro.

Mesmo que a história que nos é apresentada seja um tanto engraçada, ela nos “permite explorar a representação da mecânica na pequena urbe em contraste com o transporte rústico comumente utilizado por grande parte da população” (2011, p. 73). O trem era um meio de transporte coletivo que comportava todos os grupos sociais, porém quem possuía um automóvel particular se destacava, pois era um indicativo da condição financeira e da influência que aqueles indivíduos possuíam naquela sociedade.

⁶² No livro “*Além do Rio*” (2011) data a fotografia em 1923, já no Livro “*Imagens e Ciências Sociais*” (1998) está datada em 1924.

É interessante pensar sobre como foram recebidos esses símbolos modernizantes na cidade: o que mudou? Ou como a sociedade passou a ver esses indivíduos que passaram a integrar a cidade a novos cenários e experiências?

Com a chegada desses automóveis no cotidiano da cidade, isso indicava a consolidação da economia local, mas também conduzia a atribuição de poder simbólico a quem adquire tais instrumentos. Como afirma Dário:

Nos dizeres do sertão, “fulano” possuía um carro, portanto, era bem de vida, cotado para a vida pública, em muitos casos era respeitado até mesmo como doutor: geralmente atrelava-se a este possuidor a carga simbólica de não apenas dirigir “a joia da modernidade”, mas ser anúncio vivo do moderno, quer seja através das roupas que usava, das maneiras de se portar e até mesmo dos produtos que consumia. (Dario, 2012, p. 83).

Ou seja, quando observamos nas fotografias a presença de grupos sociais dominantes, logo podemos entender que elas se constituem nesta sociedade como representantes do moderno, o “anúncio” da modernidade. Não era qualquer pessoa que poderia possuir tais instrumentos modernizantes, em sua maioria eram comerciantes bem sucedidos da cidade, bem como autoridades políticas, figuras públicas. Logo ao tratarmos de modernidade podemos concluir que esses benefícios e narrativas não eram atrelados a população como todo e sim a um pequeno grupo seletivo.

Mas se tratando ainda de fotografias em que a presença da elite é sempre representada ao lado de elementos modernizantes observe a fotografia a seguir:

Figura 17 - Primeiras bicicletas



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1937, p. 74)

O que fica aparente é que esses fotógrafos são contratados para fazer o registro dessas fotografias e assim são elaboradas imagens em que pontificam as poses e os símbolos modernizantes. Essas imagens são feitas ao ar livre e logo se percebe o improvisado para compor o cenário. Com isso, os corpos são posicionados no cenário, como se o fotógrafo definisse o lugar de cada um nessa composição. Observe a forma como estão encarando a câmera: o sorriso um tanto tímido e as posturas imóveis, aguardando o “clique” que seria efetuado pelo fotógrafo.

O prefeito Eladio Melo⁶³ trouxe as primeiras bicicletas à cidade de Sousa. Na fotografia acima sua filha Emília com as amigas fazem uma pose para o fotógrafo. Possivelmente essa imagem foi tirada pelo próprio Eladio Melo, tendo em vista que ele mesmo possuía uma câmera fotográfica.⁶⁴

Dessa forma, é importante dizer que a fotografia que faz parte de um álbum de família está atrelada a sentimentos afetivos. Ou seja, “a fotografia é, pois, um recurso eminentemente moderno que possibilita a conservação e a permanência de uma continuidade visual do passado familiar” (Schapochnik, 1998). Essas fotografias afirmam uma autoimagem desses grupos familiares e geralmente a pose é usada para fixar esses discursos.⁶⁵

Verifique que na imagem todos, inclusive o garoto à esquerda da fotografia, olham diretamente para o fotógrafo. Todas mantêm as mãos sobre a bicicleta, o que sugere uma pose intencional. Destaca-se, inclusive, que as mulheres sentadas no chão colocam as mãos diretamente sobre as rodas da bicicleta. Bertrand Lira afirma que “sentado ou em pé, os retratados raramente mantinham as mãos livres” (1997, p. 104), isso porque tinham o anseio de exibir esses elementos e serem atrelados a ele.

Observe que suas roupas já denunciam seu lugar social, não é à toa que a própria ação de serem fotografadas ao lado de um símbolo modernizante já fazem jus a sua posição social nesta sociedade. Note que os ideais de bem-estar, lazer e sociabilização passam a fazer parte do ideário cotidiano da elite sousense. Uma bicicleta nessa época era objeto de luxo, privilégio de poucos, ainda mais no sertão.

⁶³ Foi prefeito na cidade de Sousa, nomeado em 2 de janeiro de 1935 e exonerado no dia 2 de agosto.

⁶⁴ No livro *Além do Rio* encontramos uma breve informação dos fotógrafos que fizeram parte da história de Sousa. O Marcílio Mariz Melo afirma que em 1909, em uma viagem ao Rio de Janeiro, o Júlio Marques de Melo adquiriu um equipamento fotográfico que possibilitou o mesmo registrar alguns eventos de Sousa (2011, p.4). Depois seu filho Eladio Melo, continuou essa ação formando um grande acervo da cidade. Porém no livro não é nomeado quem tirou cada fotografia posta acervo, impossibilitando afirmar com precisão os autores de cada imagem.

⁶⁵ SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil** – República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998, p. 423-512.

Assim como temos o primeiro registro da chegada do trem, das primeiras bicicletas e do primeiro carro também existe o registro da primeira moto.

Figura 18 - Primeira moto da Cidade



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1937, p. 74)

Também trazida por Eladio Melo em 1929, a moto⁶⁶ ganha seu espaço na iconografia da cidade. Sem dúvida, ela causa grande curiosidade pela população local, na própria fotografia é possível observar a presença de um “curioso” que observa a ação do fotógrafo e a “pose” bem feita do cidadão, pela porta da casa.

Roland Barthes nos chama a atenção para a mensagem da fotografia, afirmando que dentro dela podem existir elementos que ficam evidentes que não foram compostos de maneira natural ou próprio da fotografia. Entre eles está a pose e os objetos. Com isso, a conotação da mensagem é produzida por uma modificação do próprio real, ou seja, da mensagem denotada. A pose é constituída por elementos feitos de significados como: olhar para o céu, olhar ou não olhar para a câmera, expressões faciais e etc. Já o objeto presente na fotografia pode ser associado a ideias como livros/intelectualidade. Quando presente na imagem ela carrega um sentido. Barthes afirma que “o objeto talvez não possua uma força, mas, por certo, possui um sentido” (1990, p. 6)

Com a presença dessas novas tecnologias é necessário que mais uma vez a sociedade se adapte a esses novos instrumentos. Com isso, as ruas das cidades passaram por uma

⁶⁶ Moto Harley Davidson, importada da Inglaterra.

transformação principalmente durante a década de 1930, quando os primeiros caminhões chegaram à Sousa, o que obrigou à ampliação e melhoramento das ruas para permitir a circulação desses veículos.

Figura 19 - Rua Presidente João Pessoa



Fonte: *Além do Rio* (Ano:1940, p. 60)

Como podemos observar na fotografia, as ruas são largas, sem buracos ou pedras, de modo a facilitar o tráfego desses veículos. Por meio dessa fotografia podemos observar um pequeno registro do cotidiano, onde a presença de algumas crianças, uma na porta da casa e duas no meio da rua, aparentemente brincando, nos possibilita compreender um pouco do dia a dia dessa cidade sertaneja. O fotógrafo flagra um homem sobre uma bicicleta em direção ao final da rua, onde também podemos ver um caminhão.

Ao atentar para essa imagem o que perpassa o nosso imaginário da cidade é o quanto a urbe é limpa, pois não há presença de lixo nas ruas, mas ao mesmo tempo surge o questionamento será que essa situação se estende por todas as ruas, ou apenas nas avenidas principais da cidade, se o fotógrafo propusesse sair dessas avenidas, o cenário seria o mesmo?

A arquitetura também se destaca nessa fotografia. Entre as casas com aspectos simples duas construções chamam a nossa atenção. A primeira é um casarão que se destaca pela sua arquitetura, janelas no primeiro andar, uma árvore dentro da propriedade e um pequeno muro na frente da casa. O prédio mais alto, ao lado desse casarão, apresenta uma arquitetura eclética, construída em 1928. Esse prédio serviu de escola por muitos anos, assim fez parte da vida de muitos sousenses⁶⁷. Diante disso, podemos perceber como a arquitetura da cidade já traduz os

⁶⁷ Recentemente o prédio passou por uma reforma e funciona como secretaria de cultura, onde promovem vários encontros culturais.

caminhos modernizantes que afeiçoam a cidade por meio de casas e prédios com arquitetura e desenhos mais elaborados, cheios de detalhes e propostas diferentes das demais casas.

Através do que foi exposto percebemos que com a chegada dessas novas ferramentas de locomoção a cidade também precisou se adaptar. Por isso, compreendemos que a partir das décadas 1930 a 1960 a cidade começa a se estruturar e se adaptar às novas demandas. Dito isso, observemos como se deu esse processo.

3.2 Entre carros de bois e as feiras livres

As feiras se constituem como instrumento de trocas e sociabilidades, partindo de interesses econômicos e comerciais essas relações estão muitas vezes relacionadas a negócios de trocas econômicas e mercadorias, entre fornecedor e cliente. Tendo em vista o número populacional ainda pequeno esses laços podem ser ainda mais estreitos e cordiais.

Eric Hobsbawm nos fala sobre a invenção das tradições. Pensando na feira enquanto uma prática que se estabelece no cotidiano das pessoas como forma de tradição, torna-se necessário investigar essa prática em decorrência de um evento que foi criado, inventado pela população bem como institucionalizada através dos órgãos e medidas necessárias. Hobsbawm afirma que:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (Hobsbawm, 1984, p. 9).

A definição da localidade, neste caso as ruas centrais da cidade para promover a feira, faz parte da escolha na qual foi pensada e articulada. Elas se espalham pelas ruas das cidades, elas se constituem como uma parte importante das práticas culturais e sociais da cidade. Essas relações comerciais transcendem além das questões econômicas e perpassam por concepções de lazer e sociabilidade. Alguns historiadores defendem que para algumas pessoas o “dia de feira” é entendido como valor simbólico e festivo⁶⁸.

Dessa forma, a feira se mostra como um grande instrumento para se perceber as relações culturais, por meio dos elementos oferecidos neste espaço e as relações interpessoais, bem como o uso do espaço público da urbe. Com o Decreto n. 49, de 28 de dezembro de 1933, publicado

⁶⁸ MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira Livre: Territorialidade Popular e Cultura na Metrópole Contemporânea. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico** – UFG – IESA. V.2, n.4. ago2008. P. 72-87.

no Jornal *A União*, podemos ter ideia das mercadorias que eram expostas nas feiras da cidade. No segmento “Imposto de feira”, os itens apresentados vão de produtos alimentícios, como farinha, arroz com casca, milho, feijão, charque e rapadura, até rede, chapéus, calçados, a venda e troca de animais, além de vendedor de livros e outros produtos comercializados na feira. Todos esses elementos, vendidos na feira, pagariam um imposto.⁶⁹ Entre a variedade desses produtos chama a nossa atenção a venda de livros, indicando que os sousenses, em alguma medida, tinham apreço pela leitura. Assim, existe o interesse em fornecer esse tipo de mercadoria.

Com isso, podemos investigar, através das fotografias que retratam as feiras da cidade, a maneira como a população se apropria desse espaço e como acontecem as dinâmicas sociais.

Figura 20 - Rua Nabor Meira



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1950, p. 42)

Essa fotografia é rica em detalhes e podemos ser conduzidos a suas particularidades. Esse tipo de fotografia nos oferece um esclarecimento valioso sobre aquele ambiente, que oscila entre trabalho e vadiagem. Por meio dela é possível ter acesso aos diferentes tipos de produtos e negócios que se estabelecem na região.

Mais uma vez a presença de homens, mulheres e crianças nos apresenta um ambiente repleto de dinâmicas sociais. Com a aparição de crianças na fotografia, entende-se que elas também estavam inseridas neste ambiente de trabalho. Certamente, é nesta conjuntura de

⁶⁹ Ver: Prefeitura Municipal de Souza. Decreto n° 49, 28 de dezembro de 1933. *A UNIÃO*. João Pessoa, 18 de janeiro de 1934, p. 9-10.

atividade comercial que essas crianças vão ser educadas ou inseridas na relação com a cidade, comércio e comunidade.

Considerando que a fotografia retrata apenas uma parte da feira, o número de pessoas pode ser maior do que nos é apresentado na imagem. Certamente é neste espaço que a dona de casa faz suas compras e onde as novidades devem estrear na cidade. Bem como, a informação deve circular, desde de novas empreitadas da cidade como a famosa “fofoca”.

A fotografia apresenta um ambiente pouco ordenado, cada comerciante parece disputar o espaço com os demais. É possível observar algumas mercadorias no chão, algumas postas em cestos. Na parte esquerda da multidão, destaca-se algumas pessoas com cestos na cabeça. Ao longo da imagem, também se percebe a presença de indivíduos agachadas, provavelmente vendedores ou consumidores.

Não havia uma simetria, nem muito menos uma linearidade para com as barracas para uma cidade que já investia em um discurso de modernidade e de desenvolvimento. Ao que parece o que já existia era feira designada para cada tipo de mercadoria. Enquanto observamos que nesta fotografia esse espaço era destinado para um determinado tipo de produto, outras fotografias mostram outras feiras com outros tipos de mercadoria. Logo, entendemos que acontecia um certo tipo de organização onde cada produto seria comercializado.

Observamos a presença dos comerciantes com variedade de produtos, entre vasilhas, cestos de palha e panelas de barro. Alguns se colocam abaixo de suas cabanas, outros ficam à margem do sol, e há também os que se recorrem à sombra das árvores. Entre bois de carga, carros e caminhões, a feira livre parece ser bem frequentada pela população. Nos dias de feira aumentava o número de animais de transporte na cidade, tendo em vista que a população rural, ao descer para a cidade, levam suas cargas pelo meio de transporte mais comum naquela época, principalmente da população menos favorecida.

Ao analisarmos as fotografias apresentadas neste trabalho, percebemos que a presença da elite sousense é predominante, principalmente através de poses. No entanto, a imagem da feira livre revela uma participação expressiva da população mais pobre da cidade. Observa-se que suas roupas desgastadas evidenciam a pobreza e a precariedade das condições de vida desses indivíduos. A imagem nos possibilita analisar a condição precária dessas pessoas no ambiente de trabalho, assim como, aspectos da luta pela sobrevivência travada por esses indivíduos.

Perceba os dois homens agachados, que aparentam estar conversando. Essa ação é observada em diversas áreas da fotografia, indicando que o ambiente promove a sociabilidade e o enraizamento dos indivíduos. À esquerda da fotografia, uma barraca e a presença de uma

mulher que aparenta mostrar os produtos para as outras duas, que estão do outro lado da barraca. Uma delas chega a inclinar-se para frente. A relação de fornecedor e cliente também é notável, já que são entre essas relações que podem surgir vieses de cordialidade, fidelidade e freguesia. Onde o vendedor pode estabelecer uma certa clientela ativa.

É necessário observar a presença da mulher neste espaço, algumas de fato aparentam ser apenas consumidoras, outras, porém parecem estar vendendo algumas de suas mercadorias. Como mencionamos no capítulo anterior, a rua ainda era um ambiente predominantemente masculino, enquanto o lar doméstico era associado ao espaço feminino. Mesmo esse cenário prevalecendo neste contexto, é importante levarmos em consideração que essa dinâmica se aplica de formas diferentes para cada grupo social. Segundo afirma Cláudia Fonseca:

A norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua. Longe de retratar a realidade, tratava-se de um estereótipo calcado nos valores da elite colonial, e muitas vezes espelhado nos relatos de viajantes europeus, que servia como instrumento ideológico para marcar a distinção entre as burguesas e as pobres. Basta aproximar-se da realidade de outrora para constatar que as mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa. (Fonseca, 2004, p. 517).

Desse modo, podemos afirmar que o trabalho era uma realidade da vida da mulher pobre. Com isso, ela teria que lidar com um ambiente onde a presença masculina prevalecia. Fonseca continua afirmando o seguinte:

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário minguado e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscando sofrer o pejo da “mulher pública”. (Fonseca, 2004, p. 516)

Perceba que a mulher que saía do lar para trabalhar, ou resolver qualquer pendência, era percebida como menos digna de respeito sofrendo assédio e discriminação. Observe que essa conduta era motivo para distinção social, já que as mulheres da elite pertenciam ao lar doméstico e a rua era visto como um ambiente de sujeira, prostituição, violência e vulgaridade não cabendo a mulher da alta sociedade estar presente neste cenário.⁷⁰

⁷⁰ BRAGANÇA, Roberta Gualberto. **A mulher e o espaço doméstico**. Trabalho de conclusão de curso (curso de arquitetura urbanismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

Ao lermos as crônicas de Gastão de Medeiros Forte, é possível observar uma prática comum que algumas mulheres tinham na tentativa de ter uma fonte de renda, a atividade de lavadeiras. Leia o que ele relata:

Cotidianamente as beiras do rio são invadidas por uma “enchurrada” de lavadeiras, gente do povo, incultas, sem qualquer instrução. Vivendo desde criança aquela vida, lavando roupas para o seu sustento e de sua família. Afeitas ao trabalho árduo, labutando de sol a sol, de cócoras na beira d’água, aos pés da tabua, elas acostumaram com a vida debaixo do sol, pisando descalça as pedras e areias quentes, não lamentam o destino que tem, de lavar as roupas sujas e passar privações. (Forte, 1979, p. 27).

Segundo Maluf e Mott (2006), muitas mulheres do início do século XX executavam a tarefa de lavadeiras como uma ótima fonte de renda. Essa atividade era feita em grupo, neste caso podemos observar como essa prática criava uma certa rotina das mulheres e trocas de sociabilidade; Forte afirma que essas mulheres sabiam da vida de todo mundo da cidade. Isso porque, segundo ele, essas mulheres eram verdadeiras fofoqueiras e enquanto estavam a trabalhar aproveitavam esse tempo para “bater a língua nos dentes”, bem como aproveitar as águas do rio para se refrescarem.

Observe ainda na imagem os diferentes tipos de transporte e locomoção usados por essa população. Entre eles podemos notar um homem usando uma bicicleta, logo ao seu lado um boi de carga, bem carregado, conduzido por um homem. É possível perceber ainda um carro de boi, além de outros animais de carga em diferentes espaços; vemos pelo menos dois caminhões na fotografia, seguramente utilizados para o transporte de mercadorias.

Em várias dessas fotografias, quando o fotógrafo se dispõe a apresentar as ruas da cidade, Sousa parece caminhar ainda por caminhos bem lentos. A presença do tradicional com o moderno, enquanto que as imagens buscam documentar a todo tempo a presença destes símbolos modernizantes, não podemos negligenciar aspectos da vida simples e comum que se materializam na imagem.

Na mesma imagem os dois mundos dividem o mesmo espaço. Ritmos opostos, mas que convivem mutuamente em uma sociedade que se transforma. A vida material se dá justamente nessas relações socioeconômicas, nas relações entre os homens e o seu cotidiano. Essas vivências formam indivíduos e nesta relação com a comunidade ele cria uma consciência de coletividade, que se dá de diversas formas.

Gastão de Medeiros Forte, ao descrever memórias da sua infância, nos ajuda a compreender o cotidiano dessa cidade. O uso de carros de bois como meio de transporte de

cargas, inclusive de algodão, que movimentava a economia do município; ao nos falar sobre sua infância afirma que por muitas vezes seguia esses carros de bois e quando tinha sorte do carreiro ser amigo eles deixavam o mesmo subir na carroceria para um passeio.

Eu achava bonito aquele ranger de rodas, o canto característico dos carros. Havia carreiros caprichosos que passavam sebo nas juntas onde se encontravam o eixo com os cocões, para que o seu carro cantasse mais alto e mais bonito, seguindo talvez o exemplo da cantiga que dizia: “Carro de boi que não geme não é bom, carro de boi, bom é o gemedor...”

Mas, por mais cantante que o carro de boi fosse, aquela música era um gemer plangente, talvez expressando o lamento dos bois, que presos as cangas, eram forçados a puxar sem lamentações ou reclamos, aqueles veículos pesados, além de a todo instante serem furados por um ferrão pontiagudo que penetrava as suas entranhas. E ali, naquele caminhar a passos contados, levavam um dia inteiro para percorrer distâncias relativamente pequenas. (Forte, 1979, p. 64).

A fotografia a seguir nos mostra a área onde foi construída a praça João Gonçalves Ribeiro, “*O Calçadão*”, obra do prefeito Sinval Gonçalves Ribeiro.

Figura 21 - Rua Coronel José Vicente



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1950, p. 51)

Essa feira permanece no mesmo local, ainda hoje é possível frequentar esse ambiente. Tanto a fotografia anterior quanto essa que iremos analisar, ficam nas mesmas proximidades, tendo grandes chances de ser apenas uma extensão uma da outra.

Figura 22 - Localização das feiras populares

conhecimento dessa sociedade, desde o lugar em si, as ruas, automóveis, a arquitetura da cidade, bem como o estilo de vida, hábitos e estilos de roupas e modos de vivência.

3.2.1 O melhoramento da “feição da cidade”

As gerações que viveram durante o final do século XIX e o início do século XX presenciaram mudanças de comportamento e dos cenários das cidades. Por meio de novas leituras de mundo, novas maneiras de sociabilização, que foram implementadas nesta sociedade. Entre essas práticas está a busca pelo lazer e bem-estar da comunidade. Conseqüentemente, avança a urbanização da cidade com a construção de praças para o seu embelezamento; é a dimensão estética do ambiente urbano contribuindo para a elaboração de narrativas de progresso e modernidade.

Maria Stella Bresciani, nos fala sobre as transformações que acontecem na cidade em virtude dos problemas relativos à higiene próprios desse espaço. Como resultado, “se pretende resolver os problemas de sujeira, da peste, das sublevações possíveis, imaginárias ou verdadeiras” (1991, p. 10). A cidade passa a ser observada como espaço que pode formar homens ideais, seres moralistas e trabalhadores, assim, bons cidadãos.

Observe que as fotografias apresentadas chamam a nossa atenção pela apresentação de uma cidade limpa e organizada. As ruas quase sempre estão limpas e sem resquício de lixo ou desorganização. Certamente o fotógrafo teve o cuidado de apresentar Sousa dessa maneira, pois esse também era um discurso vigente, a questão da sanitização e embelezamento. Bresciani coloca a ideia sanitária como meio de uma concepção física e moral, tendo em vista, que esse ambiente é modificado a partir de uma mudança de comportamento dessas pessoas. É importante ter em mente, como afirma Bresciani, que a concepção de progresso induz a atuação das pessoas em construir o presente e o futuro, logo essas ideias e narrativas modificam o espaço da cidade.

A cidade de Sousa também se vê diante dessas mudanças, o embelezamento das praças, a criação de outros espaços de sociabilidades. Dessa forma, através dos meios de comunicação podemos compreender como acontece essa mobilização, em especial da elite sousense, em proporcionar novos ares à urbe.

No jornal *A União* de 1932 é anunciado aos leitores um relatório do “município de Souza” apresentado pelo Dr. Raymundo Pires Braga, prefeito de Sousa, ao Sr. Interventor Federal do Estado. Neste relato o prefeito detalha os seus feitos nos últimos três anos, em suas descrições o que nos chama atenção é a intenção do prefeito em remodelar a cidade.

Obedecendo ao critério das boas administrações, não quiz entrar num regime de imposições, obrigando ao povo a levantar as platâbandas das casas no perímetro urbano. Primeiramente tomei o alvitre de organizar um plano de urbanização racional, e mandei levantar a planta da cidade.

Em seguida submetti á apreciação do sr. Interventor Federal, de quem estou esperando a sua solução para a effeito o remodelamento desta cidade. ⁷¹

Atentemo-nos ao anseio das autoridades da cidade em projetar o melhoramento do município. Os próprios habitantes parecem não ter consciência desse plano urbanizador da cidade. Logo, ele recorre a uma tentativa de solucionar essa questão, um projeto que serviria para formatar as especificidades das alterações que seriam implementadas na cidade. Com isso, entendemos que ainda na década de 1930 as autoridades, e porque não dizer, a elite local, já desejava um espaço urbano “moderno”. Ele continua descrevendo suas pretensões ao dizer:

Tenho o maior desejo em arborizar a nossa cidade, de modo que qualquer pessoa que nos visite encontre um attractive e certa graça no seu aspecto urbano.

Não quero deixar a Prefeitura sem completar essa parte de meu programma de governo. Até agora não dei andamento por forças de circunstâncias que não permittem a sua execução immediata.

Nesta Prefeitura já existem mais 200 pés de figos esperando o tempo opportuno para o transplante. Vou fazer um appello aos particulares para que a planta que ficar na frente de sua casa, seja zelada por cada um como se fosse uma propriedade privada, evitando esta Prefeitura de grandes despesas com esse serviço. ⁷²

Em 1933, em mais uma edição do jornal *A União*, é possível observar que a cidade já passa por novas modelagens, com a reconstrução de novos edifícios levando a associação de tais empreitadas à chegada de ares modernizantes.

Além de outros melhoramentos, tivemos logo a remodelação do açougue, do mercado publico em via de conclusão e do edificio do Conselho Municipal, no qual, e em uma de suas dependencias, funciona a Prefeitura com o seu corpo de empregados municipais, dividido em secções, com aparato de uma verdadeira repartição publica. Com essas remodelações, desapareceram por completo os “casarões” antiquissimos, que tanto afeiavam a nossa “urbs”. ⁷³

⁷¹ Ver: Prefeitura Municipal de Souza. Relatório do 2º semestre de 1931 do município de Souza, apresentada pelo dr. Raimundo Pires Braga, prefeito de Sousa, ao sr. Interventor Federal neste Estado. A UNIÃO. Parahyba, 21 de fevereiro de 1932, p. 10.

⁷² Ver: Prefeitura Municipal de Souza. Relatório do 2o semestre de 1931 do município de Souza, apresentada pelo dr. Raimundo Pires Braga, prefeito de Sousa, ao sr. Interventor Federal neste Estado. A UNIÃO. Parahyba, 21 de fevereiro de 1932, p. 10.

⁷³ Ver: Notícias do interior: Sousa. In: A UNIÃO. João Pessoa, 08 de janeiro de 1933.

A reconstrução de casas e casarões, que davam lugar a novos projetos arquitetônicos mais modernizantes, foi logo associada ao progresso da cidade. O gestor municipal faz questão de afirmar que os antigos edifícios “afeiavam” a cidade. Dessa forma, observe como eram louvadas pelas figuras elitistas do município as novas empreitadas da urbe, as inovações urbanas. A reestruturação da cidade é logo associada ao progresso, pois como a própria matéria continua a afirmar “Souza, como já dissemos, apesar da situação climática, atravessa, neste particular, uma phase de intenso progresso e de grandes realizações”.

O prefeito deseja que a cidade esteja apresentável e agradável aos olhos dos seus habitantes e aos de qualquer visitante a ponto de fazê-los sentirem-se bem. A arborização urbana, nesse sentido, não se dá apenas para possibilitar sombras em dias de calor, mas como um pressuposto capaz de aperfeiçoar a dimensão estética da urbe.

A publicação do orçamento da cidade de Sousa pelo jornal *A União*, em 1934, nos ajuda a entender um pouco dessa dinâmica. O decreto n. 49, de 28 de dezembro de 1933, declara que:

Fica o poder executivo municipal autorizado a providenciar sobre nivelamento das calçadas, passar o meio fio, levantar a planta da cidade, determinar o perímetro urbano, frente e travessas de casas. Arrazamento dos prédios arruinados e outros quaisquer que estejam fora do alinhamento das ruas e bem como retiradas de cercas.⁷⁴

Fazendo referência a esse decreto, o historiador Rivaldo Amador de Sousa acredita que:

a determinação da prefeitura municipal era extirpar qualquer elemento que manifestasse o aspecto tradicional/colonial numa cidade que investia em traços modernizadores. Fazer o nivelamento das calçadas, estabelecer o alinhamento das ruas de maneira que qualquer prédio não venha prejudicar a organização da estética urbana, além da retirada de cercas eram medidas comuns em todos os projetos urbanos que se apresentavam modernizantes. São a partir dessas medidas que se estabelecem os parâmetros para a constituição de uma cidade bonita e civilizada e que acompanha os padrões estéticos nacionais em voga até então. (Sousa, 2011, p. 94).

Entendemos a seriedade dessas demandas ao observarmos a presença de decretos que estabeleciam essas novas condutas. Os que não cumprissem tais normas poderiam ser punidos com multas⁷⁵.

Segundo a memorialista Julieta Pordeus Gadelha:

⁷⁴ Ver: Prefeitura Municipal de Souza. Decreto n° 49, 28 de dezembro de 1933. *A UNIÃO*. João Pessoa, 18 de janeiro de 1934, p. 9-10.

⁷⁵ Ver: Prefeitura Municipal de Souza. Decreto n° 49, de 28 de dezembro de 1933. *A UNIÃO*. João Pessoa, 18 de janeiro de 1934, p.10.

Dr. Raimundo Pires reconstruiu o Açougue Público e construiu os frontais do Mercado Público. Antonio Pinto de Oliveira demoliu as calçadas altas, de até mais de metro, procurando melhorar a feição da cidade; Eladio Melo arborizou; (...) Os famosos “mata-burros”, Eládio construiu com o propósito de manter a cidade limpa. Os animais ainda eram o transporte principal do homem rural que, em dias de feira, amarravam-no bem no centro da cidade, enquanto cuidava dos negócios. Esse empreendimento do Prefeito não foi bem interpretado, nascendo daí um certo repúdio, incitando pela corrente adversária que, em qualquer tempo, procura o menor deslize, buscando defeitos até em melhoramentos a fim derrubar o governante. (Gadelha, 1986, p. 102).

A memorialista menciona as obras de carácter urbanístico entre as quais ela a demolição de calçadas como um pressuposto estético que deveria ser seguido para que a cidade fosse embelezada. A afirmação de que tais empreitadas se davam com interesse de “melhorar a feição da cidade” denuncia a disposição dessas figuras políticas em estabelecer uma reforma urbana com fins modernizantes e higienistas.

3.2.2 As praças e o embelezamento da cidade

Mesmo que essas transformações se dêem de forma gradativa, podemos entender que o anseio de embelezamento da cidade já existia na década de 1930, porém essas empreitadas parecem consolidar em meados dos anos de 1950 a 1960. Observe que como a cidade ainda apresenta um carácter rural, especialmente nos dias de feira, quando a presença da população da zona rural se intensifica, o prefeito toma medidas na tentativa de modificação da estética da cidade. Assim, o prefeito envia esforços para reinventar o cenário urbano com a intenção de tornar Sousa menos rural e mais próxima do que seria uma cidade moderna. Isso posto, a população parece ter sido levada a se adaptar a novas condutas sociais, mas essas novas vivências podem ser aceitas ou completamente ignoradas.

Até o momento o município ainda tinha grandes relações com o campo, assim, somente com os automóveis, cada vez mais presentes na cidade, ela ganha uma aparência mais modernizante.

As praças da cidade sousesense fazem parte da memória de muitas pessoas que viveram suas infâncias nesta localidade. A praça Bento Freire⁷⁶ é retratada por alguns nas décadas iniciais do século XX pela presença de um coreto, já mencionamos aqui a reação do

⁷⁶ A primeira nomenclatura, até a década de 1960, foi praça Almeida Barreto. Depois passou a ser chamada de praça Bento Freire.

memorialista Gastão de Medeiros Forte que relatou em suas crônicas o desapontamento ao ver o coreto sendo destruído. Essa praça já era um ponto de encontro dos cidadãos da cidade.

A primeira urbanização da praça deu-se durante o governo do prefeito João Alvino Gomes de Sá (1915 - 1929), nessas décadas iniciais já encontramos vestígios fotográficos de momentos de lazer, onde existe um número considerável de pessoas reunidas neste espaço da cidade.

Figura 23 - Praça e Rua Almeida Barreto - O coreto



Fonte: Além do Rio (Ano: 1931, p. 25)

Com a presença de homens, mulheres e crianças, o momento parece bem descontraído. Certamente o evento chamou a atenção de alguns cidadãos que se deslocam para o centro da praça para acompanhá-lo. Ao nos determos nos detalhes da fotografia, vemos a presença de várias crianças na multidão, o que nos leva a pensar que o evento esteja relacionado com uma apresentação escolar, note que existe um grupo de pessoas no centro do coreto. Pelo número de crianças presentes, com roupas bem semelhantes, como um fardamento, dá para cogitar essa possibilidade.

Algumas dessas crianças aparentam não pertencer ao mesmo ciclo escolar das demais. Observe as quatro crianças, no lado esquerdo da fotografia, que estão indo em direção ao grupo de pessoas no centro da praça, elas não estão vestidas da mesma maneira que as demais. Tudo indica que elas não frequentavam o mesmo ambiente escolar, quem sabe existia uma certa exclusão desses sujeitos que não pertencia ao seu modo de ser, de estar, de se comportar.

Note também que quatro homens, que estão no primeiro plano à esquerda da fotografia, estão indo em direção à praça, alguns deles com chapéus nas mãos. Vemos ainda casas ao fundo da imagem, muitas delas estão com as janelas e portas abertas. Deste modo, essa fotografia nos

dá a impressão de que essas ruas eram usadas popularmente, uma ampliação da vizinhança onde se davam os encontros e eventos populares.

Ademais, podemos fazer uso dessa fotografia para observarmos a relação da praça e dos eventos proporcionados pela cidade, com a relação de lazer e descontração de uma pequena vizinhança. Dessa maneira, mesmo que não possamos ter certeza da natureza dos eventos que sucederam nessa imagem, a fotografia nos permite imaginar o dia “agitado” de uma cidade do sertão paraibano e suas maneiras de sociabilidades.

As praças se constituem enquanto ponto de encontro da cidade, elas fazem parte de um espaço de socialização entre a comunidade. Importante inclusive para uma cidade de pequeno porte, tendo em vista, que as pessoas passaram a frequentar esse ambiente, em detrimento de outros, com a intenção de desfrutar de outras companhias, lazer e recreação.

A memorialista Julieta Gadelha afirma que Eladio Melo inaugurou um serviço de auto-falante na praça do Coreto numa madrugada de 1937. A cidade acordou com uma bela alvorada e que a música difundida pela cidade despertava “no espírito e no coração sousense uma sensação de bem-estar”. Dessa maneira, podemos afirmar que essa praça desde as primeiras décadas era um centro de comunicação, arte, lazer e sociabilidade. Ela continua afirmando que:

Com o som funcionando na Pracinha do Coreto, das sete às nove horas da noite, a mocidade ouvia a poesia, o perfil, a crônica, a informação social, política e religiosa. A vibração era intensa, com as moças rodando em torno do Coreto e os rapazes em sentido contrário, ou passeando os dois, em palestra romântica ou amigável, encontrando-se os olhares em cada volta em redor do Coreto, outra forma de comunicação, através da linguagem da alma e do coração. (Gadelha, 1986, p. 128).

As diversas possibilidades de comunicação e relações do cotidiano, que se davam em volta desse Coreto, nos ajudam a entender a dinâmica dessa cidade. Como a juventude se valia desse espaço, como aconteciam as paqueras e encontros dos casais enamorados. Mas ao mesmo tempo como esse ambiente proporciona informação, arte e instrução religiosa. Essa informação é importante, pois ela também é um centro de propagação religiosa. Forte afirma que essa praça era um “reduto tradicional da família sousense”, onde sempre eram entoados cânticos à padroeira (1979, p. 11).

A praça Bento Freire, maior e mais estruturada, foi construída pelo Antônio Mariz na década de 1960, resultado de um projeto arquitetônico mais pomposo e exuberante. Forte diz que em lugar da velha praça do coreto deu-se lugar a “logradouro majestoso e moderno, com

fontes luminosas” onde se compunha um “cenário de luxo e beleza” (1979, p. 11-12). Através de uma nova urbanização essa praça deu lugar a um novo cenário, observe a imagem a seguir:

Figura 24 - Praça Bento Freire

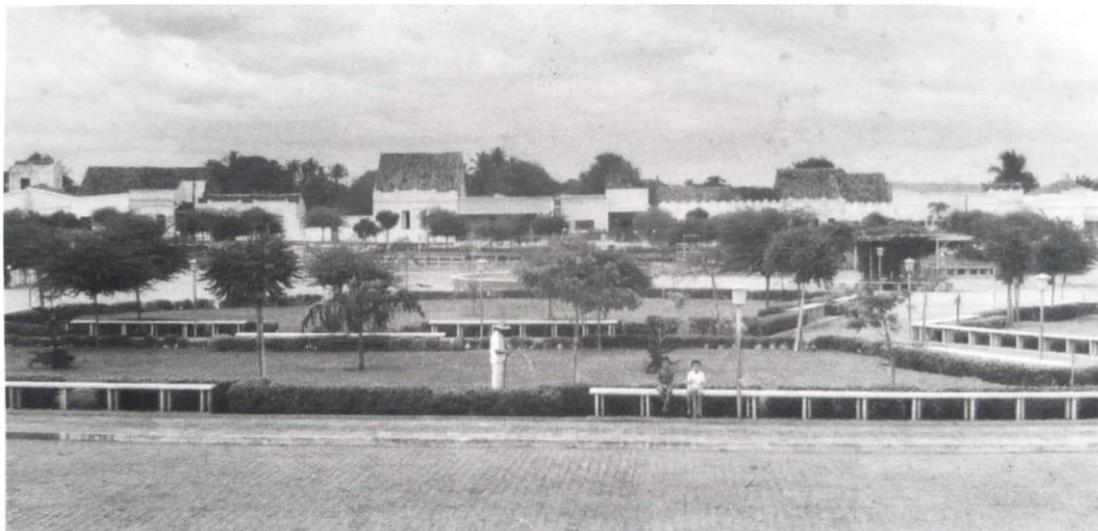


Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1960, p. 26)

Aparentemente o fotógrafo escolhe um horário onde quase não aparece a população, e, por ter sido tomada durante o dia, a fotografia apresenta todos os detalhes. A imagem assim é quase de um panorama da nova empreitada da cidade, a praça é acompanhada de inúmeras árvores e muitos bancos. As árvores proporcionam sombras e arejamento, para amenizar o calor recorrente do Sertão, mas há, ainda, um claro vínculo da praça com o ideário de beleza e higienização da cidade.

Toda estrutura da praça foi projetada com as árvores dispostas em perfeita ordem. Elas estão todas alinhadas ao longo da praça nos mostrando que seguem os princípios de uma urbanização, remetendo aos ideais modernizantes como higiene e embelezamento. Como podemos observar até algumas árvores foram cuidadosamente podadas e toda a região foi projetada para ser bastante iluminada, pois a presença de postes de iluminação por toda a parte mostra essa intenção na exibição do cenário.

Figura 25 - Praça Bento Freire



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1960, p. 26)

Em uma outra imagem a presença do que aparenta ser um jardineiro, com uma mangueira de água, chama a nossa atenção. Ele está ali para garantir a beleza daquele ambiente, para que as árvores permaneçam vivas e verdes, bem como assegurar seu crescimento. Em uma cidade do interior do sertão, onde a seca faz parte do cenário local, essas árvores e toda estrutura de plantas para o embelezamento devem ser cuidadas para que assim se mantenha esse arranjo. Ou seja, existe uma preocupação com a manutenção daquele espaço.

Logo, compreender que nos anos de 1960 o embelezamento é levado bem a sério, ao ponto de ter uma pessoa encarregada desse ofício de manutenção desse espaço. Perceba que a arborização dessa localidade está estreitamente relacionada com um ideário modernizador que se dá por meio do embelezamento da cidade, bem como um espaço que promova lazer e sociabilidade.

Perceba a presença de dois meninos que desfrutam do conforto que aquele ambiente proporciona, fazendo uso dos bancos disponíveis no local. Eles percebem a ação do fotógrafo, possivelmente em cima de alguma casa, e o observam. Mas o jardineiro parece não perceber a presença do fotógrafo. Logo, a produção fotográfica consegue capturar esse fragmento do cotidiano.

Observe em volta desta praça a presença de um calçamento, fruto da urbanização que reorganiza toda a cidade. Mas certamente esse benefício se concretizou apenas nas principais ruas da cidade, tendo em vista, a locomoção de caminhões e carros. É necessário destacar que essa praça fica no centro da cidade e é nessa região que mora a elite sousense, logo, as principais festividades, encontros e socialização acontecem nessas proximidades.

Em um dos relatórios presentes na revista *Letras do Sertão* é possível ler como a cidade sousense estava nos anos de 1961.

Estavam registrados na prefeitura, até dezembro de 1961, 90 automóveis e jipes 101 caminhões e 32 outros veículos.

A cidade está situada à margem do rio do Peixe. Apresentou, em 1961, apreciável índice de construções, e em suas 88 ruas, 6 travessas e 3 praças (todas iluminadas). 1 258 prédios estão ligados e 67 logradouros e 460 prédios abastecidos d'água. Existem 200 aparelhos telefônicos instalados. 5 hotéis, 2 pensões e 15 restaurantes. No exercício de suas profissões, 5 advogados e 7 agrônomos.⁷⁷

O relatório apresenta-se como um verdadeiro *checklist* dos elementos que caracterizam a modernização da cidade. Por meio dele, podemos compreender como a sociedade sousense estava estruturada na metade do século XX. Os veículos automotores ganhavam cada vez mais espaço na cidade, algumas casas já possuíam abastecimento de água, bem como aparelhos telefônicos. Observa o registro das praças que compõem o cenário da cotidianidade e estão respectivamente iluminadas. Todos esses fatores são mencionados pois fazem parte de uma cidade que cada vez mais trilhava o caminho do desenvolvimento e modernidade e que os meios de comunicação faziam questão de apresentar.

Mesmo com a presença dessas novas estruturas a nostalgia dos velhos tempos parecem pendurar no imaginário popular. Diante de um poema publicado na revista *Letras do Sertão* de 1967 conseguimos observar o sentimento saudosista dos velhos tempos.

à frente do rio sêco
defendido pela rua,
existia o corêto
que saiu para dar entrada
à nova urbanização,
embora tenha deixado
no ar uma grande saudade
que se dissipa com notas
das retrêtas de outrora

O corêto não existiu
só para uma geração
embora esteja encravado
não na vida da cidade
mas em qualquer coração.

Quem ali não conheceu
o corêto da cidade poderá senti-lo vivo
e espelhado na igreja.

Porque a velha igrejinha
esconde nas estruturas

⁷⁷ Ver: “Arquivos Sousenses”. In: **Letras do Sertão**. Dezembro de 1963. Ano 11, n° 26, p.27.

a mais antiga memória
do povo e do casario.⁷⁸

O poeta faz questão de observar que essas novas investidas advêm da “nova urbanização” que sobrevém à cidade.

A praça Bento Freire não é a única que passa por essas novas estruturas. A máquina fotográfica passa por toda a cidade registrando essas novas conquistas, entre elas está a praça Capitão Antônio Vieira, do Largo do Bom Jesus⁷⁹ e a do Bom Jesus Eucarístico.

Pensar em cultura material e cotidiana é entender que essas relações se dão em diferentes espaços. É assim como nas praças a feira nos possibilita observar as diferentes formas de relações que se dão no cotidiano, bem como os bens materiais a que se tinham acesso.

A divergência em algumas dessas fotografias nos chama a atenção. Quando o fotógrafo é contratado pelas famílias a maneira como ele compõe toda a fotografia, através do cenário e das poses, nos leva a imaginar a mensagem que a família quer emitir através da máquina fotográfica. Porém, quando o fotógrafo sai dessa esfera e retrata as ruas da cidade e a vida cotidiana desta urbe, a presença de outras pessoas expande nosso olhar para outras realidades. A participação das pessoas menos abastadas da cidade nesses cenários faz-nos supor que apenas nessas raras ocasiões suas presenças seriam eternizadas pela fotografia. Além disso, com o aparecimento dos diferentes grupos sociais nas fotografias, temos um vislumbre de como aconteciam essas relações entre os cidadãos.

É necessário entendermos que as fotografias que compõem o livro *Além do Rio*, em sua quase totalidade, são das ruas que mais se aproximam do centro da cidade onde estão os casarões das grandes famílias sousenses e onde podemos considerar o polo econômico da cidade, com suas lojas e mercearias. Dessa forma, essas imagens quase não enquadram outras realidades. Corriqueiramente o fotógrafo registra os grandes feitos da modernidade, as ruas e cenários da urbe que se transformam com o passar do tempo, onde fica evidenciado assim, a disputa entre o tradicional e o moderno.

Porém, mediante essas transformações a cidade passa por algumas intempéries da vida que acabam mostrando uma realidade que vai de encontro às narrativas que são construídas sobre a cidade. No ano de 1964 aconteceu uma grande enchente em Sousa que, segundo o comentário que descreve a imagem no livro *Além do Rio*, traz um grande prejuízo à população. Entre as imagens produzidas na localidade podemos visualizar como ficaram as ruas da cidade.

⁷⁸ Ver: Jornal **Letras do Sertão**, outubro - novembro - dezembro de 1967.

⁷⁹ A “praça do Espeto”.

Figura 26 - Travessa Ananias Gadelha



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1964, p. 35)

Uma fotografia com hora marcada: o fotógrafo apontou sua câmera às 10:05, como aponta o relógio na torre da igreja Matriz N. S. dos Remédios, e registrou as ruas tomadas por água. Essa rua, em especial, fica perto do Rio do Peixe, logo as avenidas que ficam nas proximidades estão alagadas pelo grande fluxo das águas. Ruas essas que estão localizadas no centro da cidade e por mais que essas arquiteturas não sejam tão pomposas como outras já apresentadas aqui, elas ainda estão em um espaço disputado pelos armazéns e o comércio, como é possível observar na fotografia os anúncios nas paredes dos armazéns, no lado esquerdo a antiga mercearia de Júlio Estrela, “A Competência”⁸⁰.

Nota-se que as condições sociais já divergem nesse cenário, com trajés e roupas que indicam uma realidade diferente. Além disso, o evento provoca uma comoção tão expressiva que as pessoas saem de suas casas, inclusive as mulheres, que estão espalhadas por toda a rua. Um jovem adolescente no centro da imagem observa a ação do fotógrafo com uma pose interessante, suas mãos estão no quadril e seu rosto apresenta expressões de curiosidade. Um outro casal de jovens adolescentes chama a atenção, enquanto o garoto está caminhando com alguma coisa nos braços, não visível na imagem, a garota está indo em direção a ele. Na fotografia é possível ver que ela faz um movimento com um dos braços, como se quisesse chamar sua atenção, ou jogar alguma coisa em direção a ele.

À direita da imagem, observa-se duas mulheres em conversa, possivelmente sobre o advento dessa enchente. Note que as pessoas que caminham pelas águas estão descalças — uma

⁸⁰ FERRAZ, Augusto. *Além do rio: uma fotografia da paisagem urbana - Sousa - Paraíba*. AGT Produções, 2011, p. 35.

das crianças, inclusive, aparenta estar com as sandálias nas mãos. A mulher com o vestido branco e com uma tiara na cabeça parece não perceber a câmera à sua frente que desvia o olhar, ao contrário da criança que ela segura com a mão que percebe a máquina fotográfica e a encara.

Entre as pessoas que estão presentes nas ruas e calçadas, inclusive encostadas nas paredes das casas, carros e caminhões disputam o espaço com as pessoas. Entre esses automóveis é possível observar pessoas sobre uma caminhoneta, quem sabe se deslocando para ambiente de trabalho ou outras localidades.

Com esse evento extraordinário, a fotografia⁸¹ da cidade sai das grandes ruas e chega a outros cenários. Mesmo que o fotógrafo tenha registrado essa fotografia de maneira proposital “no intuito de denunciar os descasos do poder público para com certa maioria da comunidade que habitava a cidade”⁸², não podemos deixar de observar que essa imagem acaba por eternizar a vivência dos grupos sociais menos favorecidos de Sousa.

Figura 27 - Bairro Guanabara



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1964, p. 35)

Finalmente podemos entender que nem todos estavam desfrutando desses ares modernizantes. Essa fotografia é do bairro Guanabara, que fica um pouco depois das proximidades do Rio do Peixe. Nas fotografias anteriores podemos observar as casas e suas

⁸¹ No livro *Além do Rio* não é mencionado se ambas as fotografias foram tiradas pelo mesmo fotógrafo.

⁸² SOUSA, Rivaldo Amador de. **Encantos e desencantos das cidades**: sensibilidades e sociabilidades em Sousa-PB (1922-1960). Dissertação de mestrado, Campina Grande-PB: Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

diferentes arquiteturas, algumas bem modernas e outras mais simples, porém essa imagem mostra uma realidade da miséria experimentada por pessoas que vivem à margem da sociedade.

Essa imagem nos revela um complexo de casas de taipa que foram atingidas pelas águas, algumas completamente submersas. As árvores que até o momento, em outras fotografias, parecem carregar narrativas sobre arborização e bem estar, aqui têm outro significado. Observe que as casas estão adentrando cada vez mais para dentro da mata. São lugares de periferia, onde muitos recorrem a esses territórios para habitação, são residências que não apresentam nenhuma maneira de infraestrutura e planejamento, observa-se que algumas dessas moradias estão dispersas umas das outras, não seguindo uma linearidade.

Observe a única figura presente na cena: uma mulher que parece estar torcendo um pano com as mãos. No chão, alguns tecidos estão espalhados, enquanto outro descansa sobre uma planta, dividindo espaço com algumas rosas. Talvez ela esteja aproveitando a água ou tentando remover o excesso de água nos panos; o motivo exato permanece incerto. Contudo, o que a imagem revela com clareza são as outras realidades vividas pelo povo sousense, que, imortalizadas nesse registro, oferecem ao observador uma nova perspectiva desse cotidiano.

Mas como é bem lembrado pelo autor Anthony Giddens (2002), a modernidade promove diferenças, exclusão e marginalização. Pode-se entender que nem todos irão se beneficiar com essas novas dinâmicas sociais, com isso, é necessário estar atento para os mecanismos que causam supressão e não realização, que se dá de diversas formas dentro da sociedade.

Dessa forma, como afirma David Harvey (2014), nem todos têm o poder de configurar a cidade. Ou seja, a urbanização faz parte de um fenômeno de classe, como afirma o autor, bem como o controle sobre os lucros e transformações sociais. Com isso, entendemos que essas novas empreitadas como luz, urbanização e infraestrutura tão ligados a um discurso de modernidade, que invadia o cotidiano dos cidadãos sousenses, não era comum e acessível a todos, pois ainda fazia parte da vida daqueles que tinham condições financeiras para manter um certo padrão de vida confortável.

Segundo Paulo Marins (1998), nem todos no Rio Republicano usufruem de uma vida confortável como era promovida pela burguesia. Muitos viviam vidas cotidianas difíceis, entre essas questões estão as habitações precárias, sem nenhum tipo de infraestrutura. As condições de salubridade dessas residências acarretavam doenças como tuberculose, malária, peste bubônica, entre outras enfermidades. O autor também ressalta que o discurso sanitarista e higiênico gera o desejo de purificar a cidade, eliminando os chamados “convívios patológicos”.

Como resultado, esses ideais culminam na exclusão daqueles que não conseguem se adequar aos valores e preceitos da burguesia.

Afinal, a modernidade é excludente. Segundo Zygmunt Bauman (1998) o cuidado com a pureza tão desejada pelas sociedades modernas também excluía quem não conseguisse se adaptar às novas demandas. Deste modo, se esses indivíduos não conseguem se ajustar aos novos esquemas de “pureza” são vistos pela sociedade como sujos.

Uma vez que o critério da pureza é a aptidão de participar do jogo consumista, os deixados fora como um "problema", como a "sujeira" que precisa ser removida, são consumidores falhos - pessoas incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser "indivíduos livres" conforme o senso de "liberdade" definido em função do poder de escolha do consumidor- São eles os novos "impuros", que não se ajustam ao novo esquema de pureza. Encarados a partir da nova perspectiva do mercado consumidor, eles são redundantes - verdadeiramente "objetos fora do lugar". (Bauman, 1998, p. 24)

A modernidade tão difundida pelas elites da cidade parece ser uma realidade distante para quem não consegue acompanhar os ideários de bem-estar e modernização. Zygmunt Bauman afirma que a modernidade sempre trata de “padrões, esperança e culpa”. Isso porque, a modernidade fascina, porém, sempre é uma realidade distante de quem almeja.

O pesquisador Rivaldo Amador de Sousa (2011), foi preciso ao afirmar que os discursos presentes em livros, jornais e revistas mostram o imaginário que um determinado grupo idealiza sobre aquele espaço. Quase sempre essas concepções concedidas por esses indivíduos apresentam uma cidade moderna e desenvolvida que estava caminhando para o progresso, mas ao mesmo tempo parecem negligenciar as demais realidades presentes naquela comunidade. Logo, é necessário perceber que esses discursos vigentes nessas fontes documentais não apontam todas as esferas sociais, muitas delas idealizam uma cidade criando um imaginário de modernidade e progresso.

4 A ÁGUA CHEGOU EM SOUSA: A CONSTRUÇÃO DO AÇUDE DE SÃO GONÇALO

Este capítulo pretende analisar os impactos da seca no sertão e a construção do açude de São Gonçalo evidenciando os discursos que estão atrelados a esse fenômeno, como os de desenvolvimento e modernidade. Além disso, iremos investigar como se dava o abastecimento de água da cidade e como se desenvolveram novas estruturas ao longo dos anos com o objetivo de melhoramento ao acesso à água da população sousense.

O governo começou a se preocupar com as secas quando a catástrofe assolou o Nordeste no ano de 1877 e se estendeu até 1879. Muitas pessoas morreram por causa dessa seca. A primeira instituição nacional de obras contra as secas foi a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS)⁸³. Porém, as ações contra essas calamidades vão se destacar no período em que o paraibano Eptácio Pessoa⁸⁴ foi o presidente da República. Lucchesi (2015), afirma que ele foi o primeiro a realizar um plano de açudagem pública e de construção de rodovias na Paraíba.

É no decorrer da década de 1930 que os açudes de São Gonçalo e Boqueirão são construídos. Com o Governo de Getúlio Vargas as obras contra as secas são retomadas, haja vista que com o fim do governo de Eptácio Pessoa as obras foram paralisadas e só retomam em 1930, com o governo de Getúlio Vargas. José Américo de Almeida, escritor e político paraibano, esteve à frente do Ministério da Viação e Obras Públicas e, nessa condição, finalizou as obras de açudagem.

José Américo afirmou que a construção de São Gonçalo contava com aproximadamente mil operários em atividade, assim como, tinha prontas as casas de residência do pessoal.⁸⁵ Com toda essa mobilização pode-se imaginar como a cidade de Sousa e região estavam mobilizadas com essa nova empreitada.

Assunção e Livingstone (1993), afirmam que a política de construção de açudes se baseia no conceito de que, se a seca é por definição a falta de água, a solução mais lógica seria a acumulação de água em grandes quantidades. Os autores ainda afirmam que o açude pode ser analisado por diferentes aspectos, seja o de irrigação, pecuária, abastecimento de água da

⁸³ O IOCS (Instituto de Obras Contra as Secas), criado em 1909, tornou-se IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas) na gestão do paraibano Eptácio Pessoa em 1919 e, depois, DNOCS (Departamento de Obras Contra as Secas) em 1945 sob o governo Getúlio Vargas.

⁸⁴ Presidente do Brasil de 1919 a 1922

⁸⁵ ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 3 ed. João Pessoa: A União Cia Editora, 1980, p. 396.

população, ainda como geração de eletricidade e turismo. Neste caso, percebe-se que a construção de açudes é basicamente direcionada para o armazenamento de água para tratar dos anos secos, em especial na região do Nordeste brasileiro.

A imprensa noticiava sobre as novidades que eram concretizadas no Sertão. Dessa forma, a elite paraibana conseguia manter-se informada e construía, conseqüentemente, uma imagem de um estado modernizante. Essas notícias eram carregadas de informações sobre as obras que estavam sendo desenvolvidas no Sertão para reduzir o efeito das secas e os benefícios que seriam concretizados com essas novas obras.

Em uma dessas notícias, publicada pelo jornal *A União*, é apresentada a seguinte manchete “*Os serviços das obras contra as sêccas na Parahyba*”⁸⁶. Nessa matéria é possível encontrar uma atualização das obras de modo a mencionar as ações do presidente Epitácio Pessoa para fazer reduzir os efeitos da seca; a matéria destaca ainda as obras da estrada de rodagem que ia de Cajazeiras a Sousa e a construção da estrada de ferro no sertão. Mas o que nos chama a atenção é a expectativa do comentarista no crescimento “econômico-financeira, para glória dos seus filhos e dinamismo”, graças às novas obras que estava em desenvolvimento. Nessa frase é expressada a expectativa que essas transformações poderiam proporcionar para a economia e o bem estar do Estado.

Mediante o exposto podemos afirmar que a construção do açude de São Gonçalo também compõe parte dos símbolos ou signos da modernidade que tomava conta das narrativas e discursos, presentes no imaginário sousense e paraibano já nos primeiros anos do século XX. Mesmo que essas obras tenham se concretizado apenas nos anos de 1930 os discursos atrelados a essas obras sempre foram de aspectos modernistas e com ênfase ao desenvolvimento do estado.

4.1 São Gonçalo e as “realizações da Inspetoria contra as secas”

Intitulado “As obras contra as seccas vista por um leigo”⁸⁷, a matéria publicada pela revista *Ilustração Brasileira* em 1922 apresenta uma longa descrição das obras desenvolvidas pela IFOCS⁸⁸. Com uso de gráficos, fotografias, mapas, entre outras informações técnicas a

⁸⁶ Ver: *A União*, 22 de fevereiro de 1920.

⁸⁷ Ver: Seis mil cento e quarenta e cinco kilometros pelo nordeste brasileiro. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, n.26, 12 de out. 1922.

⁸⁸ No site da bndigital é possível encontrar alguns dos exemplares da revista *Ilustração Brasileira*. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2025

matéria apresenta caráter propagandístico do governo com intuito de apresentar as obras desenvolvidas no Nordeste e sua ação civilizadora.

Logo no início da redação a cidade da Parahyba⁸⁹ é descrita como tendo “bons prédios, ruas limpas e arborizadas”. Logo o redator chega à cidade de Sousa e faz contato com os engenheiros do IFOCS que os apresenta as obras de São Gonçalo. Entre esses engenheiros estão homens estrangeiros contratados para o desenvolvimento da obra, é o caso do Dr. Benjamin Thayer “um dos technicos norte-americanos que superintendem as obras do Nordeste”.

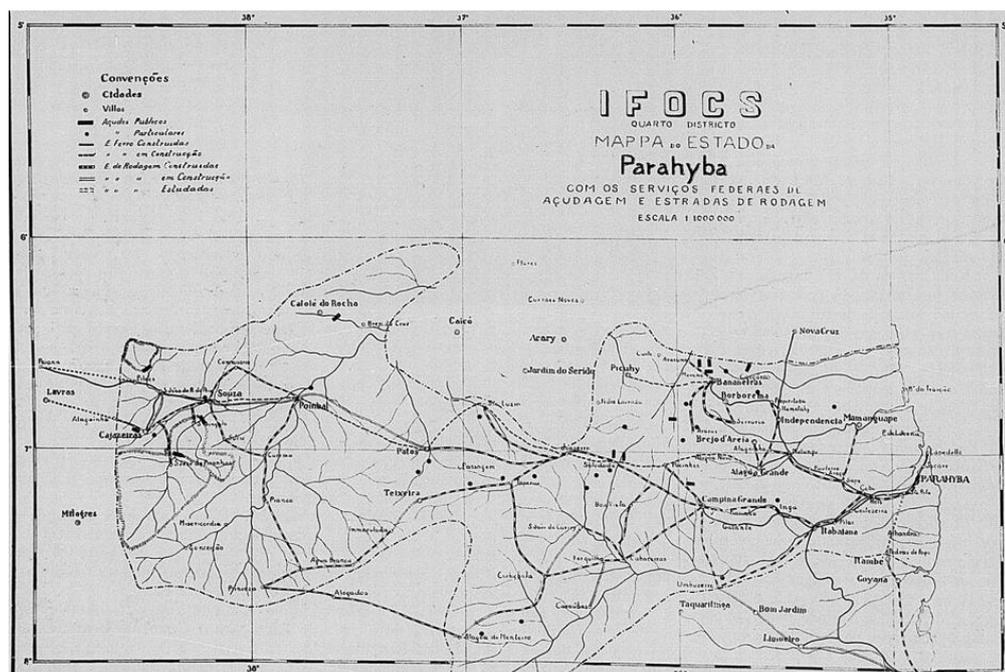
Em São Gonçalo o autor afirma que a região já se configura como uma verdadeira cidade, tendo em vista que a região já possui casas, posto médico, escola, filtro de água potável e fábrica de gelo. Segundo ele, as casas que foram construídas para a habitação enquanto constrói o açude serviriam como residência para um povoado que certamente cresceria em volta daquela localidade. De maneira romantizada e com ideais de civilidade o editor chega a afirmar que o operário era tratado de modo carinhoso, que em cada obra desenvolvida eram construídas escolas “destinada a extinguir esse outro flagello dos nossos sertões - o analfabetismo”, bem como posto médico “incutindo-lhes as noções da hygiene, imunizando-os contra as epidemias devastadoras”.

Perceba que essas obras são propostas com um caráter redentor, pois eram vistas não apenas como construções e empreendimentos, mas também como agentes de transformação que, ainda durante o processo de edificação, já traziam benefícios para a região. Dessa forma, essas empreitadas desempenharam um papel fundamental na inserção de elementos que impulsionaram a renovação de valores, práticas e costumes. Com isso, acreditava-se que “dentro de poucos anos torna-se-ão essas regiões, desoladas hoje, um dos pontos mais prósperos do Brasil, capazes de contribuir para o desenvolvimento do paiz”.

Um dos dados apresentados pela revista é a presença de um mapa da Paraíba, produzido pela IFOCS, no qual constam informações sobre os serviços federais de açudagem e estradas de rodagem.

Figura 28 - Mapa do Estado da Parahyba - IFOCS

⁸⁹ Atual João Pessoa



Fonte: *Ilustração Brasileira* (12 de outubro de 1922)

A cidade de Sousa e a região de São Gonçalo são apresentadas no mapa. Entre os dados é possível contemplar que nas proximidades de Sousa já existia açudes particulares, e em São Gonçalo a descrição da existência de um açude público. É possível observar no mapa que essa região concentra um número significativo de obras já concluídas, bem como outras ainda em construção, como ferrovias e rodovias.

Diante dessa imagem podemos observar uma série de obras que estavam sendo desenvolvidas na região. A matéria publicada pela revista *Ilustração Brasileira* faz questão de apresentar todo um portfólio das obras que estavam sendo desenvolvidas, não só na Paraíba como em outros estados do Nordeste. Dessa forma, além de apresentar mapas com informações sobre as estradas de ferro, rodagem e a presença de açudes naquele estado, também constava com informações sobre as construções desses recursos que estavam em andamento.

Além disso, a matéria apresentava inúmeras fotografias da região, e a construção desses novos empreendimentos desenvolvidos pelo IFOCS. Veja por exemplo a imagem adiante de uma das páginas da edição que consta fotografias sobre a construção do açude de São Gonçalo.

Figura 29 - São Gonçalo na revista *Ilustração Brasileira*



Fonte: *Ilustração Brasileira* (12 de outubro de 1922)

Observe que a matéria apresenta fotografias do transporte do material necessário para a construção da barragem, das residências do pessoal técnico responsável pela obra do açude de Piranhas, dos guindastes utilizados na construção do açude de São Gonçalo e da estrada de rodagem no trecho entre Santa Cruz e Currais Novos. Dessa forma, é possível perceber o caráter documental das imagens ao registrar esse evento apresentando a “magnitude” dessas obras na região.

A edição também apresenta muitas outras informações detalhadas sobre esse processo, evidenciando a intenção do redator de manter o leitor informado sobre as obras em desenvolvimento na região Nordeste do país. Observe que, diante do que a matéria expõe sobre esses novos elementos que chegam à localidade, como apresentada inicialmente, a característica que define essas obras é de desenvolvimento e modernidade.

Na tese desenvolvida por Marcus Queiroz essa matéria, publicada pela *Ilustração Brasileira*, era uma resposta a oposição do governo de Epitácio Pessoa. Esse grupo via as obras desenvolvidas pelo IFOCS como “despesas admiáveis, gastos excessivos, obras insensatas” (Pessoa, 1921, p. 30). Queiroz afirma que essa oposição não vê com bons olhos essas novas empreitadas do presidente. O autor justifica essa objeção como:

As insistentes tensões intra e entre Norte/Nordeste e Sul articuladas na retórica de políticos e engenheiros, assim como as tentativas para apaziguá-las,

inclusive com a associação entre os principais produtos agrícolas de ambas as regiões (algodão e café), dá pistas de um contexto maior e mais complexo, tendo como uma das motivações a disputa do Estado pelas forças políticas em cena, principalmente do seu poder para decidir e financiar infraestruturas para a dinâmica das atividades produtivas do país. Não só quais infraestruturas, mas também onde instalá-las e, por consequência, onde incrementar a economia e quais grupos oligárquicos fortalecer, sejam de atritos externos ou internos à própria região. (Queiroz, 2020, p. 42)

Dessa maneira, quem conseguisse o controle dessas infraestruturas também conseguiria fortalecer determinados grupos sociais como as oligarquias. Epiácio Pessoa reage a essas acusações dizendo que “os contratos das obras do nordeste, lidos e interpretados com inteligência e honestidade, nada contem que justifique a celeuma contra elles levantada” (Pessoa, 1921, p. 38). Com o governo de Artur Bernardes (1923-1926) os recursos antes destinados ao Nordeste retomam para São Paulo e Minas Gerais.

Mediante essas informações é possível entender que as matérias publicadas pela revista *Ilustração Brasileira* apontam para um cenário nacional onde existiam disputa por esses recursos e o controle dessas obras, tendo em visto que essas obras por si só poderiam fortalecer estruturas e grupos sociais.

As obras desenvolvidas em São Gonçalo despertaram no cidadão sousense e na população da região uma série de expectativas e um clima de frenesi na cidade. Quem apresenta essas narrativas é a sousense Ignez Mariz que escreveu o livro *A Barragem*. A autora apresenta como pano de fundo da história a construção do açude de São Gonçalo. Mariz descreve detalhes sobre a construção da barragem de São Gonçalo. Publicada em 1937, a obra conta a história de Zé Mariano e dona Mariquinha que fugindo da seca de 1932, vendem um pedaço de terra a um coronel que a compra por uma migalha, assim passa a trabalhar na construção da barragem do açude.⁹⁰

Toda a cidade se viu diante dessas expectativas, ainda mais com a presença dos engenheiros norte-americanos pela cidade, como afirma a autora. Muitas obras foram desenvolvidas na região de São Gonçalo para comportar a presença de engenheiros que seriam responsáveis pela construção do açude.

Segundo a autora Ignez Mariz, a Rua 16, onde residiam os engenheiros, era a única localidade digna de “conforto civilizado no meio do agreste de São Gonçalo”. Enquanto isso, os trabalhadores, conforme descrito pela autora, viviam em “casebres de taipa, de palha, ou simplesmente de folhas secas e varas de marmeleiro” (Mariz, 1994, p. 4).

⁹⁰ MARIZ, Ignez. **A barragem**: romance. 2. ed. João Pessoa: A União, 1994, p. 17.

É possível visualizar, através das fotografias, as residências que foram ocupadas pelos operários. Nas fotografias apresentadas no livro *Além do Rio* umas das imagens que o editor apresenta no livro é a da Rua 16, descrita pela autora Igenez Mariz.

Figura 30 - Rua 16



Fonte: *Além do Rio* (1940, p. 81)

Segundo a descrição no livro *Além do Rio* essa avenida foi construída para residir os engenheiros e técnicos responsáveis pela construção do açude. Elas foram construídas em estilo americano. Logo é possível observar na imagem que as residências não possuem muros e possuem um recuo.

Observe ainda na fotografia que toda a avenida é acompanhada por uma bela arborização, com a presença de árvores, que acompanham todas as residências, arbustos que acabam enfeitando a frente das casas. Observem que no meio da rua existem alguns canteiros acompanhados de postes com luzes e algumas plantas.

As árvores estão devidamente podadas e servem inclusive de lazer, observem que à esquerda da fotografia existe o que parece ser uma espécie de bancos, servindo assim como área de lazer. O calçamento da rua aparenta ser ainda bastante novo, quem sabe foi feito recentemente. Podemos observar também uma rua completamente limpa, sem lixo ou aspectos desgastantes.

A presença das crianças nos chama a atenção, pois, além de algumas estarem observando o movimento da rua, elas parecem estar desenvolvendo algum tipo de atividade. Observa-se que uma delas está enchendo um balde com uma mangueira, possivelmente em um ponto de abastecimento da rua. Essa rua se destacava pelo seu nível funcional e que foi construída para abrigar pessoas importantes que eram responsáveis pela construção do açude.

Perceba a presença de um policial, que está fardado (observe o coldre em sua cintura), ele encara a ação do fotógrafo, bem como o da criança que também está observando o fotógrafo e suas ações acabam sendo eternizadas pelo ‘clique’ da máquina fotográfica. O jovem que o observa está próximo a um carrinho de mão, quem sabe usado para levar baldes cheios de água, ou para algum serviço.

É interessante atentar para como Ignez Mariz descreve a diferença das casas da Rua 16 e a vila dos operários através da obra *A barragem*: “E distantes, como se tivessem medo de se aproximar, as casas de cassacos. Baixinhas e disseminadas negligentemente, assim de longe mais parecem caixas de phosphoro, espalhadas sem nenhuma intenção artística, para brinquedo de menino pobre.” (Mariz, 1994, p. 7).

Em várias matérias publicadas nos jornais é possível observar manchetes sobre as secas, bem como notícias sobre a chegada das chuvas. Em um dos relatos presentes no jornal *A União* de 1920, há uma notícia sobre as chuvas na cidade de Sousa. Um telegrama enviado pelo escrivão da mesa de rendas da cidade menciona uma chuva de duas horas que ocorreu na localidade. Ele conclui sua fala dizendo “Praza nos ceos que ella se pesitive, para a salvação de milhares de famílias de famílias sertanejas, entregue há mais de um anno á miséria e a dor”⁹¹. A seca é o principal problema para o cidadão sertanejo, através das revistas e jornais podemos observar que essa preocupação se estendia aos demais paraibanos que viam a necessidade de se construir um açude na região para suprir as necessidades locais.

Ao longo das décadas de 1920 e 1930 essas matérias jornalísticas parecem desenvolver uma expectativa de que os problemas que assolavam o Nordeste seriam solucionados com as obras contra as secas. Como por exemplo a construção de açudes e estradas.

Estes conhecidos problemas do nordeste estão quase solucionados, com o systeme de açudes, com as estradas que hoje cortam as zonas produtivas em direcções várias, em grande parte se tem resolvido as questões de falta d’água e dificuldades de communição.

As estradas de rodagem não só no Estado da Parayba, como em todos os outros Estados do nordeste, trouxeram um incalculavel beneficio ao nosso commercio e ás nossas populações. A cortarem a terra, que os nossos cêus azuis abençoaram, em diversos sentidos semelham-se ás estradas ás arterias e veias, levando e trazendo sangue ao coração.⁹²

Nesse sentido, já na década de 1920, é possível observar uma narrativa presente nos meios de comunicação: o anseio pelos benefícios que seriam propostos aos estados nordestinos

⁹¹ Ver: Chuvas em Souza. A UNIÃO. Parahyba, 7 de fevereiro de 1920, p. 1.

⁹² Ver: Nordeste, Canaan. A UNIÃO. Parahyba, 18 de fevereiro de 1923, p. 1.

com a construção de estradas e açudes. Evidentemente essas narrativas são acompanhadas de discursos ainda bastante romantizados, tendo em vista que essas declarações contemplam a perspectiva dos grandes empresários, ou seja, esses novos desdobramentos contemplavam em suma as classes mais favorecidas da cidade.

Muitos coronéis conseguiram vantagens a partir dessas obras, conseguindo que essas estradas, por exemplo, passassem próximas às suas propriedades. Isso facilitaria a comunicação da elite, bem como o benefício em transportar produtos e mercadorias. Sendo assim, esse grupo conseguia vantagens com tais obras e recursos.⁹³

Logo, podemos entender que a seca era uma preocupação para esses indivíduos que se viam diante de problemas econômicos em decorrência da falta de chuvas na região. Observe o que diz o relatório de 1932 publicado no jornal *A União* sobre a safra de algodão e lavoura.

Com a defficiencia dos invernos neste municipio, tem sido notavel a diferença de safra de algodão e lavoura de cereais, tornando-se quasi improficua qualquer iniciativa administrativa.
A colheita de algodão de 1929 que attingiu a 18 mil fardos em 1930 baixou para 12 mil e 1931 para 7 mil estabelecendo graves imprevisões na vida economica do municipio.⁹⁴

As obras do açude de São Gonçalo tiveram início em 1932 e foram inauguradas no dia 6 de fevereiro de 1936. Logo o jornal *A União* apresenta uma série incansável de notícias e relatórios desse dia em várias edições. No dia posterior a inauguração uma matéria faz referência “As realizações da Inspectoria de Sêccas” nela os redatores apresentam os discursos feitos na ocasião da inauguração dos açudes “Itans”, “Condado” e “S. Gonçalo”.

Segundo os redatores, os oradores do evento “frizaram o apoio dado pelo pelo presidente Getúlio Vargas ao ministro José Américo para a execução do seu programa de obras no Nordeste”. A matéria ainda faz referência ao governador da Paraíba que segundo o relatório “o nome do governador Argemiro de Figueiredo foi aclamado pelas multidões sertanejas que lamentavam não ter o chefe do governo parahybano vindo assistir pessoalmente às inaugurações”⁹⁵.

No dia 8 de fevereiro, mais uma matéria sobre a inauguração de São Gonçalo foi destaque, intitulada “Açude ‘S. Gonçalo’ - A Inauguração solenne desse grande resevatorio” é

⁹³ SILVA, Bárbara Bezerra Siqueira. **O poder político de José Américo de Almeida: A construção do americanismo (1928-1935)**. João Pessoa: Dissertação de Mestrado – UFPB, 2015.

⁹⁴ Ver: Prefeituras do Interior. *A UNIÃO*. João Pessoa, 21 de fevereiro de 1932, p. 10.

⁹⁵ Ver: As realizações da Inspectoria de Sêccas. *A UNIÃO*. João Pessoa. 07 de fevereiro de 1936.

destaque no Jornal⁹⁶. Mas o que nos chama a atenção é que logo no dia seguinte mais uma matéria sobre a inauguração do açude é destaque, mas desta feita a matéria apresenta fotografias. Intitulado “As Grandes realizações da Inspectoria de sêccas”, o redator descreve um texto fazendo referência aos açudes de “Condado” e de “São Gonçalo” bem como enfatizando em sua narrativa que o sertão estaria marchando para o progresso. Dessa maneira as Obras Contra as Secas estariam conseguindo desenvolver um milagre que é a de dar água ao sertanejo, logo, o redator afirma que com as barragens que estavam sendo entregues “vae o Nordeste avançando” bem como trilhando na “grande meta do progresso e da civilização”⁹⁷.

A matéria conta com algumas fotografias, a primeira está logo no início da matéria da inauguração do açude de “Condado”, a segunda, ainda na primeira página é uma espécie de panorâmica do referido açude. A matéria, que tem continuidade na página 8, conta com mais duas fotografias. Uma delas é a da inauguração do açude de “São Gonçalo” e uma visão da barragem de “Itans”.

Figura 31 - "As Grandes realizações da Inspectoria de Sêccas"



Fonte: *A União* (1936)

As fotografias expostas na matéria carregam as mesmas características, em especial as imagens da inauguração, isso porque o fotógrafo escolhe um ângulo muito parecido em ambas as fotografias apresentadas no jornal. As imagens enquadram muito bem as autoridades presentes no exato momento em que cortam a fita, oficializando assim a inauguração dos açudes.

⁹⁶ Ver: Açude ‘S. Gonçalo’ - A Inauguração solenne desse grande resevatorio. A UNIÃO. João Pessoa. 08 de fevereiro de 1936.

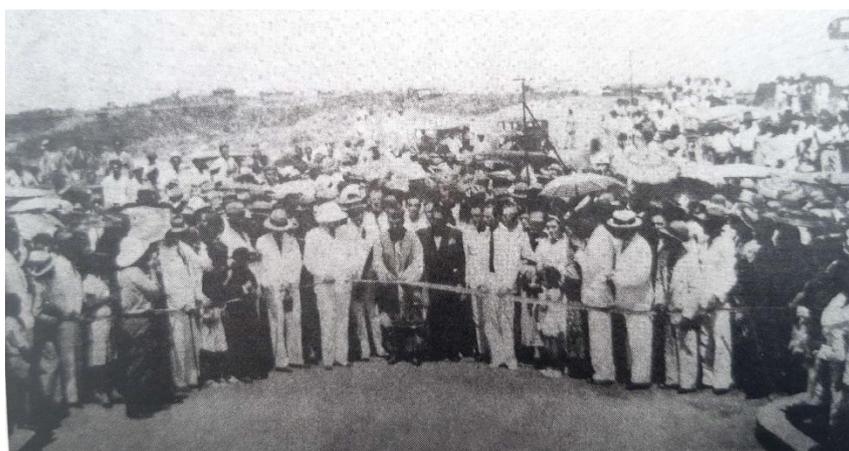
⁹⁷ Ver: As Grandes realizações da Inspectoria de sêccas. A UNIÃO. João Pessoa. 09 de fevereiro de 1936.

A matéria em destaque descreve detalhadamente todos percursos e solenidades que foram desenvolvidas ao longo dos dias percorrendo por várias solenidades. Indo do açude “Itans”, depois para o de “Condado”, bem como o dia da inauguração do açude de “São Gonçalo” até as características técnicas de cada um.

Como uma tentativa de inserir o leitor nesse cenário, a impressão que é passada é de que a salvação chegou ao sertão, graças a essas obras. A linguagem também é apresentada de maneira que o leitor compreenda a “magnitude” dos feitos e as informações técnicas das obras, bem como os “devidos créditos” das autoridades governamentais que realizaram tais feitos.

Essa fotografia apresentada no jornal anteriormente é também exposta no livro *Além do Rio*, mas a imagem escolhida para compor o livro apresenta um outro ângulo que pode dar uma visão mais panorâmica da localidade, possibilitando assim observarmos mais detalhes.

Figura 32 - Inauguração do açude de São Gonçalo



Fonte: *Além do Rio* (Ano: 1936, p. 81)

Observe a imagem, Dom João da Mata de Andrade Amaral, Bispo Diocesano de Cajazeiras, cortando a fita simbólica. A fotografia, que possivelmente foi tirada por outro fotógrafo diferentemente da fotografia exposta no jornal *A União*, consegue eternizar a imagem por meio de um ângulo que apresenta um pouco do cenário em volta do evento.

Entre homens, mulheres e crianças o evento parece que chamou a atenção e a presença de muitas pessoas. O episódio que contou com a presença de jornalistas, como a própria matéria menciona, foi carregado de solenidades. É possível observar na imagem a presença de homens bem vestidos de acordo com a indumentária da época, chapéus, gravatas e paletós algumas pessoas estão de posse de um guarda-chuva.

A presença de alguns carros atrás da multidão também nos chama a atenção. Mostrando a presença de homens que possuíam esses elementos modernizantes indicando a condição financeira de algumas pessoas presentes. Atrás dessa multidão de homens de paletó que tomam todo esse espaço a frente da multidão, podemos contemplar a presença de pessoas que indicam ser trabalhadores, à direita da fotografia. Eles estão um pouco afastados observam de longe todo o desenrolar da cerimônia. Contemple também algumas residências por detrás da multidão.

A preocupação com a seca tem seus aspectos políticos e ideológicos. Ao pensar nas empreitadas desenvolvidas na década de 1930 é importante pensar no papel político estadual, mas também o nacional. O autor Neves (2001) aponta para uma característica interessante do governo de Getúlio Vargas ao mesmo tempo em que esse governo apresenta aspectos de repressão e manipulação do movimento operário também apresenta características “paternalistas”.

Ao observarmos as descrições técnicas e as representações fotográficas em matérias da imprensa podemos compreender os discursos e narrativas desenvolvidas por órgãos públicos. É o caso do Jornal *A União* (órgão noticioso oficial do Estado da Paraíba) nela são contidas inúmeras matérias sobre as secas que assolavam o sertão, as obras contra as secas e as inaugurações dos açudes, incluindo a de São Gonçalo. Essas narrativas são acompanhadas pelos seus benfeitores, logo, o nome de algumas figuras políticas são sempre introduzidas e ovacionadas.

O historiador deve estar atento aos discursos e narrativas presentes em jornais e periódicos. É preciso saber quais foram as motivações que levaram ao narrador publicar determinada matéria, seus interesses e objetivos. Além disso, é necessário atentar para as ilustrações que cercam uma narrativa, a linguagem, a natureza do conteúdo e assim por diante (Luca, 2008). Geralmente essas matérias possuem interesses econômicos e políticos e esses pontos ficam claros ao analisarmos as narrativas impressas nos jornais, em especial o da *A União*.

Em uma das matérias que o jornal *A União* aborda sobre a inauguração do açude de São Gonçalo apontam para os nomes de autoridades políticas em que a obra de açudagem é veiculada. A matéria que tem por título “Três nomes que se gravaram a obra de redenção de um povo” já apresenta no título a compreensão de que os açudes trariam redenção a um povo. A matéria apresenta telegramas que foram enviados do Presidente Getúlio Vargas, José

Américo e do Ex. Presidente Eptácio Pessoa ao governador Argemiro de Figueiredo pela inauguração dos açudes de “Condado” e do “São Gonçalo”⁹⁸.

Observe que a matéria que possui uma posição ideológica e política muito clara apresenta uma narrativa que evidencia os feitos quase heroicos desses homens. Além do mais, a redação é acompanhada de fotografias que acompanham os seus nomes. Nela é possível observar um trecho que faz referência a “Revolução de 1930”.

Não fora a paralyzação subita dos trabalhos, determinada pelo governo Arthur Bernardes, os quaes se encontravam distribuidos em todo o Nordéste, com a realização dos varios systemas de açudagem e rodovias; o abandono impatriotico da importante e numerosa machinaria imprescindível á acção renovadora da engenharia; emfim, esse desprezo pelos problemas vitaes do septentrião brasileiro que se prolongou até o advento do novo regime, não teriamos assistido a catastrophes climatericas como a de 32 que tanto abateram o animo do sertanejo. COMO AGIU O GOVERNO PROVI- SORIO
A Revolução de Outubro teve, para o Nordéste, um sentido de resurreição. As obras interrompidas pelas administrações que se succederam ao triennio Eptacio Pessoa encontraram, da parte dos dirigentes revolucionarios do país, um franco e patriotico entusiasmo de continuação. Dois nomes se irmanaram nessa verdadeira epopéa de salvação publica: Getulio Vargas e José Americo.

O redator que ainda evidencia acontecimentos dos anos passados parece querer lembrar ao leitor a quem deveria honrar perante os novos desenvolvimentos apresentados no estado. Fazendo questão de pontuar nomes, bem como apresentar uma espécie de cronologia dos fatos que antecederam a construção das obras de açudagem.

Tanto os memorialistas, cronistas e matérias de jornais, essa narrativa é sempre presente a de que Eptácio Pessoa foi o responsável por apresentar uma preocupação real com os flagelados pela seca. Nas crônicas de Gadelha, ressalta-se que, apesar de as tentativas de Eptácio não terem se concretizado integralmente, sabe o Nordeste “o que valeu, o que significou a obra daquele período” (1994, p. 135).

O que é destacado por Bárbara Silva (2015) é que Eptácio Pessoa (1919-1922) ao chegar à presidência em 1919 deu atenção a questão da seca no Nordeste, porém com a chegada do fim do seu mandato isso também significou o fim dos investimentos voltados a essa área. Segundo o autor, os presidentes que o sucederam, Artur Bernardes (1923-1926) e Washington Luís (1927-1930), não se dispuseram a investir da mesma forma que fora Eptácio Pessoa. Evidentemente que os investimentos de Eptácio visavam fortalecer seu grupo político na

⁹⁸ Ver: Três nomes que se gravaram a obra de redempção de um povo. A UNIÃO. João Pessoa. 11 de fevereiro de 1936, p. 1.

região. As obras de açudagem que deram início durante seu mandato não chegaram a ser concluídas, como São Gonçalo, Coremas e Piranhas, elas só foram finalizadas depois de 1930.

Porém, é necessário ter em mente que com a participação de um paraibano na presidência existe uma grande oportunidade para que esse Estado consiga trilhar caminhos na política nacional. Dessa maneira, com a influência de Eptácio Pessoa a Paraíba tem condições de ocupar uma chapa.⁹⁹

O contexto político da década de 1930 é caracterizado por conjunturas políticas e sociais que culminaram na “Revolução de 1930”. A Paraíba em especial teve uma parcela significativa na participação deste movimento. Nesse período destaca-se a atuação do Presidente João Pessoa e após sua morte a construção do mito em volta dessa figura política que ganhou forças graças à imprensa e a Aliança Liberal que construiu uma imagem de herói/santo.

Depois da morte de João Pessoa a figura de José Américo ganhou forças. Não somente no Estado, mas em todo o país. Isso porque José Américo apoiou o movimento “revolucionário” de 1930 colocando-o como apoiador do Getúlio Vargas. Sua posição após a morte de João Pessoa contribuiu para a sua nomeação de Interventor.

José Américo assumiu o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas no governo de Getúlio Vargas. Segundo Silva (2015), José Américo se empenhou nas obras contra as secas. Desde sua obra *A Paraíba e Seus Problemas* de 1923 é possível observar sua preocupação em combater a seca.

José Américo apresenta em sua obra uma análise da Paraíba por meios, econômico, social, político e geográfico. Dessa forma, podemos compreender que o estado se configurava principalmente através da agricultura de subsistência e na pecuária extensiva. É interessante observar que em vários momentos dessa obra o autor chama a atenção para o problema da seca e seus flagelos, causados à população, bem como a falta de serviços públicos de qualidade. Como por exemplo, o transporte. Segundo ele, a distância era uma questão a ser resolvida e neste caso o Sertão era o que mais se prejudicava com relação a distância, logo, o país que se propõe a crescer economicamente deveria investir em meios de locomoção.

Em vários momentos a prosperidade é atrelada aos símbolos da modernidade. Encorajando as pessoas a acreditarem que com o advento da modernidade o cotidiano desses cidadãos melhoraria. Observe o que é dito “Os homens de boa vontade devem ser tocados por esses prenúncios de uma esplêndida prosperidade, que depende da fácil conclusão da via férrea e do remate e conservação das estradas de rodagem.” (Almeida, 1980, p. 375).

⁹⁹ GUIMARÃES, Arthur Silveira. Os caminhos de uma “Revolução”: o movimento de 1930 na Paraíba. **Anais XIII Encontro Est. de História da ANPUHP**. XX. 13., 2008. Anais [...]. Guarabira - PB, 2008.

Depois da “revolução de 1930” um novo cenário é apresentado que favoreciam o retorno dessas atividades:

Após a “revolução” de 1930 a política brasileira passou a ter como eixo norteador, a moralização do poder e as ações dos Estados estiveram subordinadas às vontades do governo provisório de Getúlio Vargas. O combate à seca nos anos de 1931 e 1932 foram muito mais eficazes, uma vez que a centralização política nas mãos dos interventores favoreceu uma ação mais coordenada e articulada com o governo federal, representado na figura do Ministro da Viação e Obras Públicas, José Américo de Almeida. Novos açudes foram construídos, as barragens foram ampliadas, e também foram concluídos todos aqueles açudes que haviam sido abandonados quando da saída de Epiácio Pessoa da Presidência da República. (Silva, 2015, p. 85)

O americanismo se consolida, como afirma Silva “o que mudou foi que o comando, migrou das mãos de Epiácio Pessoa (epitacismo), para as mãos do agora Ministro, José Américo de Almeida e isto colaborou para a consolidação de sua facção oligárquica o americanismo” (2015. p. 87).

Dessa maneira, podemos observar o teor político e ideológico apresentado na matéria do jornal *A União* ao apresentar os benfeitores da obra de São Gonçalo. Isso porque, o referido jornal é responsável por contribuir na formação dessa imagem de herói e salvador dos menos favorecidos que foi atribuído a José Américo.

A matéria a todo momento faz referência ao governo provisório como precursor dessas novas empreitadas. Ainda apresenta Getúlio Vargas e José Américo como salvadores públicos. O comentarista faz questão de lembrar que com o governo do Arthur Bernades as obras que até então tinha sido desenvolvida por Epiácio Pessoa chegaram à paralisação, mas que a partir da “revolução de 1930” as obras interrompidas voltaram a ativar por meio “dos dirigentes revolucionários do país” com um sentimento “patriótico entusiasmo de continuação”.

A pessoa de Vargas também é lembrada na matéria. Silva reforça que a imagem de Getúlio era também propagada pelo jornal *A União* como salvador do Nordeste.

Com o intuito de fortalecer o seu governo Getúlio Vargas investiu no Nordeste através dessas obras de combate à estiagem. Percebemos, através da leitura do jornal *A União* da época que quase que diariamente eram noticiados esses investimentos do Governo Central, destacando o Presidente do Governo Provisório, Getúlio Vargas e o seu ministro, José Américo de Almeida como salvadores do Nordeste. (Silva, 2015, p. 118)

O nome de Argemiro Figueiredo também é lembrado. O próprio bispo que participa das solenidades de inauguração do açude faz questão de lembrar em seu discurso que classifica a administração de Argemiro Figueiredo como sendo, “proveitosa aos interesses da Parahyba”¹⁰⁰.

Segundo Waniéry Silva (2017), logo após a posse de Argemiro de Figueiredo enfrentou desafios como as greves dos trabalhadores urbanos, bem como com a mobilização de comunistas, anarquistas, liberais e antifascistas. Uma série de medidas foram tomadas pelo governo a fim de refrear qualquer tentativa de subversão. Com isso, no ano de 1936 na Paraíba esse era o cenário.

O ano de 1936 na Paraíba se iniciou ainda sob os reflexos que a tentativa de golpe comunista havia causado. Através do decreto 558, de dezembro de 1935, o poder Executivo, exonerou vários militares, por entender que estes se encaixavam enquanto “traidores da pátria”, tendo em vista que o movimento do qual eram acusados de participar tinha por finalidade subverter a ordem das instituições políticas e sociais do Brasil. (Silva, 2017, p. 67)

Nesse cenário podemos compreender que uma série de medidas são tomadas para reverter essa situação. Silva defende que a questão social se tornou prioridade no governo de Vargas desenvolvendo uma espécie de pacto social “onde o Estado concedia benefícios e os trabalhadores, em troca, ofereciam sua obediência política”. Na Paraíba essas obras, que procuravam dar assistência aos trabalhadores como as obras contra as secas, beneficiam mais os latifundiários do que os homens pobres.

Segundo Cabral Filho (2007), as políticas adotadas pelo presidente Vargas logo foram reproduzidas nos Estados. Dessa forma, Argemiro Figueiredo seguia fielmente as diretrizes adotadas por Getúlio Vargas. Podemos observar que o governo de Vargas teve uma característica de duelo entre repressão e de manipulação do movimento operário, mas ao mesmo tempo “paternalistas” que colaborou para a construção do imaginário de “pai dos pobres”.

Uma das ferramentas usadas para a propaganda governamental que culmina no Estado Novo é o uso da fotografia. A pesquisadora Aline Lacerda afirma que para esse fim são criados órgãos de administração pública voltados à propaganda. Em 1931 o Departamento Oficial de Propaganda (DOP) foi substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (OPDC) em 1934.

Segundo o autor a propaganda estatal se estabelece como uma defesa nacional onde ao mesmo tempo é estabelecida uma maneira educativa da população. Organizando assim a

¹⁰⁰ Ver: Açude ‘S. Gonçalo’ - A Inauguração solenne desse grande resevatorio. A UNIÃO. João Pessoa. 08 de fevereiro de 1936.

“publicidade oficial do Estado com o controle completo das informações”. Esses órgãos oficiais tinham controle sobre o que a imprensa publicaria fiscalizando assim todo e qualquer tipo de informação que seria consumida pela massa.

Lacerda continua a enfatizar que as fotografias usadas nessas matérias oficiais tinham como função mostrar o acontecimento e sua veracidade, logo, “um instrumento valioso nessas reportagens e que contribuía para a construção de um tipo de ‘instantâneo’ fotográfico que se tornou característico da Agência Nacional: as reportagens dos atos oficiais do governo” (1994, p. 244). Aqui se encontram essas fotografias de visitas do presidente, bem como fotografias em inaugurações e etc.

Dessa maneira, podemos observar a fotografia abaixo e perceber a intenção por trás do registro. Vargas veio duas vezes à cidade de Sousa, a primeira foi em 1933, onde dedicou atenção aos serviços das obras do açude de São Gonçalo e também no ano de 1940. O livro *Além do Rio* apresenta a fotografia do presidente nessa segunda visita.

Figura 33 - Visita do Presidente Getúlio Vargas a São Gonçalo



Fonte: Além do Rio (Ano: 1940, p. 81)¹⁰¹

Por ocasião da inauguração do Instituto Experimental da Região Seca¹⁰² o Presidente Getúlio Vargas se fez presente na região. Na imagem é possível observar o presidente no restaurante do Catete¹⁰³.

¹⁰¹ Na foto: Rafael Fernandes (Interventor do Rio Grande do Norte), Getúlio Vargas, Gregorio Fortunato (guarda-costas, “O Anjo Negro”), Luiz Vieira (Diretor da IFOCS), Rui Carneiro (Interventor da Paraíba), Dornelles Vargas (Secretario), Engenheiro Estevam Marinho, entre outros.

¹⁰² Em 1941 foi denominado como Instituto Agrônomo José Augusto Trindade - IAJAT.

¹⁰³ O Hotel Catete foi construído em 1930 e inaugurado oficialmente em 1933. A construção tencionava a visita do Presidente Getúlio Vargas.

Rodeado de oficiais do governo, a fotografia apresenta uma imagem que foi pousada, pois todos parecem se posicionar para o registro, mesmo que alguns parecem perder o momento do ‘clique’, a maioria encara a câmera fotografia. Interessante observar que o presidente Getúlio é fotografado, esbanjando sorriso e simpatia, uma certa naturalidade. Além desse detalhe demonstrar que o Presidente estava familiarizado com aquela ferramenta a intenção, no entanto pode ser de construir uma imagem de si mesmo.

Como diz Lacerda:

Um verdadeiro mosaico de imagens de um governo que desejava estar constantemente presente, seja através de fotografias "oficiais" ou até mesmo de "flagrantes", todos porém produzidos pelo "olho" da máquina governamental.

As fotos de Getúlio Vargas veiculadas pela imprensa, sempre sorrindo, são um exemplo precioso do poder criativo do uso da fotografia, estabelecendo relações, criando afinidades, produzindo mais que sentidos, também sentimentos. (Lacerda, 1994, p. 244)

4.2 Sousa e o abastecimento do “precioso líquido”

Os memorialistas e cronistas registraram como se dava o abastecimento de água na cidade. Julieta Gadelha menciona que como a cidade cresceu em volta do Rio do Peixe os primeiros habitantes tiveram acesso a água tranquilamente. Segundo a memorialista, até os anos de 1950 a população se abastecia dessa água doce. Muitos habitantes que não conseguiam ir até o rio abastecer suas casas compravam a água dos carroceiros todos os dias, muitas pessoas chegaram a desenvolver este ofício, tendo em vista, que Gadelha chega a mencionar alguns nomes de pessoas que acabaram ficando na memória dos cidadãos por oferecer esse serviço.

A fotografia parece casar com essas informações, pois é possível visualizar essa descrição por meio da fotografia, demonstrando a vida cotidiana da cidade e suas dinâmicas.

Figura 34 - Rua João Gualberto



Fonte: *Além do Rio* (1940, p. 69)

É possível observar, logo no centro da imagem, uma carroça de abastecimento de água. O cronista Gastão Forte (1979) diz que “como em toda a cidade interiorana na época, por carroças de tração animal, que desde cedinho e durante o dia todo coloria as ruas, cruzando em todas as direções” essas carroças faziam o transporte da água.

O homem na carroça parece estar segurando um instrumento para conduzir o boi. Além do barril com água. É possível ver outros utensílios na carroça, como um objeto que aparenta ser um balde. Como a memorialista Gadelha (1986) afirma esse serviço dos carroceiros era pago, logo nem todos tinham essa condição, apenas pessoas que possuíam determinado tipo de condição financeira podiam usufruir desses serviços. Aqueles que não podiam comprar iam até às cacimbas com seus galões para recolher a água.

Observe ainda nessa imagem que ao lado direito algumas mulheres estão passando pela calçada de uma residência se observarmos bem elas estão com o que parece ser galões, logo podemos também contemplar a ação dessas mulheres em buscar água para abastecer suas casas. Essa ação, que certamente acontecia diariamente, pode nos apontar para a vivência e rotina cotidiana desses cidadãos. Observe também que essa ação aponta para a condição financeira dessas mulheres.

A revista *Letras do Sertão* de 1967 apresenta um histórico de como se deu o abastecimento da cidade. Descrevendo da seguinte forma:

Começou com as cacimbas abertas no leito do Rio. Transportada em latas, era a água conduzida aos lares por seus próprios donos, na cabeça ou em jumentos aparelhados com caçambas que conduziam quatro latas ou duas ancoretas. As classes mais abastadas recebiam água em casa, por intermédio dos carroceiros,

que a vendiam a preço vil.¹⁰⁴

Consta-se que essa ação de buscar a água não é designada para abastados, certamente o lugar de terra e lama não é um lugar apropriado para o homem e a mulher de trajas nobres e boas condições financeiras. Contemple por exemplo a imagem a seguir:

Figura 35 - Rua João Gualberto



Fonte: *Além do Rio* (1930, p. 69)

A fotografia documenta como se dava o abastecimento da população bem como o casebre para acomodar possivelmente uma espécie de chafariz. O fotógrafo posiciona a câmera de uma maneira que consegue abarcar alguns detalhes, como um grupo de pessoas e a presença de animais que serviriam para carregar a água.

Nessa fotografia é possível observar que a grande maioria das pessoas que estão presentes no posto de abastecimento de água são pessoas simples, com vestimentas surradas, apontando para a suas condições financeiras. Apenas um homem parece se diferenciar dos demais com suas vestimentas brancas, ele se destaca na fotografia. Todos aparentam estar inquietos frente à espera da sua vez para encher seus recipientes e ao sol que certamente os afligiam. Na imagem parece existir uma espécie de fila ou uma cordialidade em esperar a sua vez para usar a bomba, talvez por ordem de chegada.

Observe as duas crianças presentes na fotografia, uma sobre o animal e a outra como se estivesse conduzindo o burro. Elas, provavelmente, a mando de seus pais, ou prestando algum serviço, com roupas simples e de pés descalços estão desenvolvendo um trabalho. Logo, é possível observar que a presença de homens, mulheres e crianças apontam para a presença de toda a família no desenvolvimento dessa atividade.

¹⁰⁴ Ver: “Viações e Obras Públicas”. *Letras do Sertão*. Abril - Maio - Junho de 1967. Ano 16, nº 28.

Um dos homens à esquerda, que estão com as mãos para trás, é possível atentar para a presença de uma corda em uma de suas mãos. Gadelha menciona que “Quem não queria ou não podia comprar, ia em pessoa conduzindo o seu galão, pote, lata ou pequeno tonel, que trazia rolando numa corda, para abastecer sua casa”. Certamente o moço usaria essa corda para esse fim, ou para conduzir o animal.

Como mencionado na descrição da revista *Letras do Sertão* muitos utilizam de jumentinhos para o carregamento da água. Deste modo, podemos perceber na imagem o quanto esse animal era utilizado na época para esse fim, eles estão todos equipados com ancoretas e latões para o carregamento da água.

Como podemos contemplar já em 1930, existia uma fonte que foi construída pela prefeitura. Essas obras públicas são feitas na cidade, mas também nas regiões vizinhas. Na revista *Letras do Sertão* em uma das suas edições¹⁰⁵ a revista apresenta uma série de fotografias referente a administração do prefeito Felinto Gadelha¹⁰⁶ de 1955-1959. Dentre essas fotografias algumas imagens são da cidade de estabelecimento do açude de Pereiros e de postos de abastecimento de água. Observe a imagem a seguir:

Figura 36 - "Administração Felino Gadelha"



Fonte: *Letras do Sertão* (1959)

Como afirma Rivaldo Amador de Sousa (2011) a maneira como a população conseguia

¹⁰⁵ Ver: **Letras do Sertão**. Outubro de 1959. Ano 6, n° 18.

¹⁰⁶ Segundo Gadelha, ele foi o responsável por trazer Luz Elétrica e o abastecimento de água.

água ainda se dava de maneira rústica e artesanal. A água que era consumida pela população não era higienizada, eram transportadas pelos carroceis e vulneráveis à contaminação. Nas fotografias presentes nas páginas da revista é possível contemplar alguns postos de abastecimento de água, observem que o fotógrafo seguiu o mesmo padrão fotográfico ao documental das obras. Um casebre e a presença da população, entre homens mulheres e bastante crianças, que posam para a fotografia. As imagens que aparentam documentar e apresentar esses estabelecimentos podem nos dizer como essa população e as regiões vizinhas tinham acesso a água.

As fotografias e relatos dos cronistas podem nos ajudar a perceber como se deu o abastecimento da cidade nesses anos. Nas fotografias presentes no livro *Além do Rio* uma ou outra fotografia da paisagem urbana da cidade é possível encontrar pontos de abastecimento, como os cata-ventos.

Figura 37 - Largo do Bom Jesus



Fonte: *Além do Rio* (1930, p. 57)

Observe essa imagem, o fotógrafo faz uma panorâmica das ruas Presidente João Pessoa à direita, e Cel. José Gomes de Sá à esquerda. Toda essa área vazia entre essas duas ruas viria a ser na década de 1940 a praça do Largo do Bom Jesus - A “praça do Espeto” que hoje em dia deu lugar a outros edifícios. Logo, essa imagem apresentam algumas especificidades que nos chamam a atenção.

É possível contemplar alguns edifícios, entre eles a residência de Emílio Sarmiento¹⁰⁷ à esquerda, logo em seguida o antigo prédio da prefeitura¹⁰⁸. A direita da fotografia podemos

¹⁰⁷ Foi um importante político de Sousa. Foi o primeiro a adquirir um carro na cidade. Sua residência hospedou os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

¹⁰⁸ Construído entre 1880 e 1905, o prédio foi demolido na década de 1960.

observar o prédio do antigo Colégio Cônego José Viana “O Comercial”¹⁰⁹, podemos contemplar também ao lado deste prédio um edifício que parece sofrer algum tipo de reforma tendo em vista instrumentos presentes à frente da casa.

Na fotografia podemos atentar para a presença de várias pessoas que percorrem as ruas da cidade. Por ser uma localidade comercial, já que estamos falando do centro da cidade, o fluxo é maior. É possível observar pessoas nas portas dos estabelecimentos, um homem que aparenta estar trabalhando na casa que está em reforma (à direita da fotografia). Além do mais, podemos atentar para as crianças que também estão presentes nas calçadas dos edifícios, algumas delas parecem estar sentadas nas calçadas fazendo algum tipo de atividade seja brincando ou outros afazeres.

Verifique no centro da fotografia as torres da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios. Além da Cruz sob o edifício é possível observar um sino em uma das torres da igreja. Sem dúvida, o sino demarcava o tempo e as cerimônias que eram desenvolvidas na Igreja. Mas o que nos chama a atenção nessa imagem é o cata-vento, considere o seguinte recorte.

Figura 38 - Recorte: Largo do Bom Jesus



Fonte: *Além do Rio* (1930, p. 57)

Nela é possível contemplar um desses cata-ventos que existiam pela cidade. O cronista Gastão de Medeiros Forte ao descrever algumas das suas memórias da cidade chega a mencionar esse cata-vento e o da Vila Maria, que ficava na residência de Eladio Melo. Ele menciona que:

¹⁰⁹ Construído em 1928, o prédio passou por uma revitalização, o local agora integra um complexo cultural passando a funcionar como centro histórico cultural.

Cataventos românticos, servia a todos e enfeitava a paisagem ao redor. Abastecia a água das classes, sem discriminação e sem cansaço. De manhã fazia-se romaria, multidão de latas nas cabeças na fila, apanhando a água que mata a sede e refresca o corpo. À tardinha a mesma cena se repetia num vai e vem alegre, de tagarelas mocinhas. Enchia o ambiente de vida e a natureza de sons de latas se encontrando como que num cumprimento cordial de quem já se conhecem. (Forte, 1979, p. 98)

Rotina que acontecia pelo menos duas vezes ao dia, segundo o cronista, era responsável por criar uma dinâmica na cidade, entre risos e conversas das mocinhas os cata-ventos parecem ser responsáveis por promover algum tipo de sociabilidade. Forte lembra inclusive, que por muitas vezes tomou banho nas águas que brotavam desses cata-ventos. O “precioso líquido” que brotava do chão, segundo ele, servia para o consumo, lavava, cozinhava e tomava banho.

Daniel Roche ao descrever sobre a água e sua utilidade na cidade antiga de Paris descreve que a utilização de poços e escavações, sejam públicas ou individuais, nos demonstram tanto a maneira de viver como os tipos de sociabilidade. Era nesses espaços onde as notícias circulavam, ali podiam acontecer brigas bem como reconciliação.

Para muitos parisienses, segundo Roche, o acesso ao abastecimento se dava pelas suas próprias forças, assim como a tarefa de inúmeros criados que entregavam a mercadoria a domicílios. Essa dinâmica provocava inúmeros conflitos que se davam pela disputa em volta dessas fontes, “praticando sua dura profissão a força de intimidação e insultos para proteger seu território” (2000, p. 205).

Ou seja, mesmo que os ricos e pobres bebessem da mesma água de má qualidade que era disponível, os nobres tinham o privilégio de dispor dela em quantidade maior, já que se dispunham de criadagem abundante, assim como tê-la com maior regularidade. Com isso, o autor afirma que ter acesso a água, mesmo mediante a essas condições, é um elemento do cenário de uma civilização aristocrática.

Não muito diferente esses relatos dos memorialistas sousenses parecem apontar para esse mesmo tipo de sociabilidade e dinâmica social que se constituíam nesses pequenos encontros no dia a dia dessa cidade interiorana da Paraíba.

Ainda segundo Roche os meios de abastecimentos em Paris só podiam chegar a aumentar se as necessidades levassem a busca por novas soluções. Ou seja, a população mais abastada possuía melhores e mais acessíveis condições de abastecimentos enquanto os demais não. Porém, essa ampliação só se deu com uma mudança de mentalidade onde o acesso a água deixa de ser apenas para a aristocracia e passa a ser coletiva com o propósito de “controle social, sanitário e econômico” (2000, p. 208).

Como bem descreve Gervácio Aranha (2003), a chegada de certos tipos de equipamentos urbanos, em especial de uso coletivo, que podem proporcionar conforto e aspectos higiênicos são percebidos como experiências modernizantes. Dessa forma, a água, em especial os sistemas de encanamentos de água se apresentam nessas sociedades como um anseio da população, em especial as classes mais favorecidas.

Mary del Priore (2017) ao descrever sobre o período da república no Brasil, afirma que apesar dos discursos higienistas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas a limpeza não chegou em todas as residências. Isso porque, as casas não possuíam água encanada e eram providas de forma precária. Logo, sem o acesso à água a “boa aparência física” tão propagada pelos discursos modernizantes, não se concretizaram porque ele não era limpo e nem higienizado.

O que Pereira Passos proporcionou com as reformas urbanas também apontavam para as reformas dos corpos e das mentes. Sevckenko afirma muito bem isso, nessa nova sociedade “o valor máximo é necessariamente a ideia de saúde, cuja a condição básica é a limpeza e cuja prova patente é a beleza” (1998, p. 571).

Waldeci Chagas (2004) afirma que a classe médica dizia que a Parahyba ainda vivia longe de ser uma cidade moderna, isso porque a cidade ainda estava longe de oferecer um serviço de água tratada e encanada nos primeiros anos do século XX. Ainda mais existiam hábitos de tomar banho de rio e retirar das cacimbas a água para consumo e para a preparação de alimentos. Dessa forma, a problemática passou a ser uma preocupação entre os governadores, haja vista que acreditavam que a cidade só poderia ser enxergada como moderna quando essa questão fosse superada. A preocupação na capital também se deu sobre que tipo de água estavam consumindo. Isso porque segundo o autor, do que valia ter acesso a um sistema moderno de abastecimento se a elite da cidade acabava consumindo a mesma água que a população mais carente usava.

Em Campina Grande, Cabral Filho (2007) afirma que a obra inaugural da adutora de Vaca Brava, com a instalação de um sistema de saneamento sanitário, significou para a cidade um processo de modernização, idealizado pela elite campinense. Essa obra era carregada de significados modernizantes e civilizatórios e como afirma o historiador ancoradas nos princípios científicos. Isso porque o sistema de abastecimento antigo passa a ser descrito como risco à saúde pública. Diante disso, a cidade não poderia retroceder no longo progresso que já havia alcançado em direção ao desenvolvimento e modernização.

Podemos observar que o interesse em oferecer esse serviço para a população como todo muitas vezes está atrelada a concepções higienistas. A preocupação com as melhores condições de consumo de água implica necessariamente ter como prioridade as questões de saúde.

Algumas capitais do país estavam experimentando mudanças na estética e nas questões higienistas e sanitárias desde a metade do século XIX. Como aponta Fábio Gutemberg de Sousa a maneira como as cidades escolhiam lidar com as questões de higiene/sanitárias correspondiam a um ritual, desde de posturas municipais, projetos, mudanças na urbe e etc. Claro que elas se dão de formas diferentes em cada localidade, desde questões econômicas e localidades. Porém, como afirma o autor, os discursos levantados em volta das questões higienistas correspondiam tanto aos problemas de saúde pública quanto aos requisitos do capitalismo.

Em Sousa esse fenômeno também se faz presente. A preocupação com a higiene da cidade parece permear entre a população em especial a elite da cidade. Segundo nos apresenta Rivaldo Amador de Sousa (2011) por meio de algumas fontes periódicas, na cidade sousense existiam acúmulos de esterco, com a chegada das chuvas esses locais se tornaram criadores de insetos, em especial as moscas. Elas além de causarem incômodo a população provocaram críticas aos responsáveis pela falta de prática higienista da cidade.

Além dessas questões, o comércio de carnes era um outro fator que provocava discussões referentes à higiene da cidade. Os jornais locais acusavam que o açougue público que havia sido reformado apenas na parte frontal do edifício tinha deixado uma parte do fundo do local em estado sujo e velho, logo aquele ponto estava em estado perigoso para a saúde pública. Logo, podemos observar que o próprio governo público deveria ser responsável pela vigilância sanitária, segundo o jornal.

Rivaldo Sousa ainda afirma que a presença de animais pelas ruas da cidade era vista pela elite local como uma ameaça à saúde pública. Podemos observar esse cenário quando Gadelha relatou que Eladio Melo construiu os “famosos ‘mata-burros’” que o mesmo havia construído com o “propósito de manter a cidade limpa” (Gadelha, 1986, p. 102). Observe que existia um desejo por parte do próprio prefeito da cidade em manter uma cidade limpa, demonstrando assim um desejo higienista da que já existia na cidade nas décadas de 1930.

Segundo Rivaldo Sousa afirma que a população tinha esperança de que com a construção do açude de São Gonçalo chegaria água encanada na cidade, porém sem um projeto que possibilitasse a construção de uma adutora para o abastecimento, esse desejo não se concretizou.

Zygmunt Bauman afirma que não existe a possibilidade de pensar pureza sem relacionar com ordem. Colocando as coisas nas devidas localidades, já o sujo e o imundo são sinônimos de desordem.

Dessa maneira como afirma o autor:

Baratas, moscas, aranhas ou camundongos, que em nenhum momento podem resolver partilhar um lar com os seus moradores legais (e humanos) sem pedir permissão aos donos, são por esse motivo, sempre e potencialmente, hóspedes não convidados, que não podem, desse modo, ser incorporados a qualquer imaginável esquema de pureza. (Bauman, 1998, p. 15)

Seguindo essa lógica, as sociedades ditas modernas, ou pós-modernas, que não conseguissem resolver o problema da limpeza/pureza revelariam fraqueza, instabilidade e desordem.

Segundo Julieta Gadelha, a primeira corporação de água da cidade foi a Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste (CAENE). Foi a partir daí que passou a existir uma mudança dessa rotina, já que agora a água passava a jorrar da torneira das residências. Gadelha descreve da seguinte forma:

A primeira companhia de água de Sousa foi a CAENE. As residências começaram a ser saneadas, a água escorria pela torneira da cozinha, do banheiro, da mangueira no jardim, assim tomando o lugar das bacias e gamelas onde se lavavam os pratos. Acabou-se o “banho de cúia” e, com saudade, foram extintas as famosas cantareiras, de madeira ou de tijolos, com areia dentro, sempre molhada para água esfriar, onde se colocavam cântaros, jarras e potes. As cantareiras ficavam na sala de copa ou na cozinha, bem como nas áreas, e os potes cobertos com boinas ou panos bordados com desenhos de peixes, e tiras para amarrar. (Gadelha, 1986, p. 124)

Sendo assim a população por muito tempo viveu sob a rotina de buscar água nos postos de abastecimento tendo em vista que a água encanada só chega a cidade nos finais dos anos de 1950.

Os anos de 1950 e 1960 o Brasil vivia no auge do discurso nacional desenvolvimentista. O governo de Juscelino Kubitschek foi marcado pela criação de órgãos que procuravam apresentar soluções para os problemas do Brasil. É o caso do Programa de Metas, que tinha como princípio transformar a base econômica do País com a criação de Indústrias, a Operação Pan-Americana (OPA), que tentava redefinir as relações entre o Brasil e a América Latina, bem como as do Brasil e a dos Estados Unidos.

Outro órgão importante que foi criado nesse momento foi a SUDENE, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Segundo o Octavio Ianni (2009) a SUDENE foi criada no momento em que as desigualdades nesta região passaram a ter “conotações políticas de cunho pré-revolucionário”.

Para Laner e Farias a SUDENE “visava a reestruturação econômica do Nordeste e a

industrialização como única solução ao desenvolvimento regional.” (2019, p. 186). Com o objetivo de integrar economicamente todos os estados nesse pensamento desenvolvimentista as desigualdades deveriam ser superadas nesse plano econômico. Porém, como afirmam os autores, isso só seria possível quando tivessem “como pré-requisito o suporte infra estrutural por meio da implantação, sobretudo, de uma rede rodoviária nacional e o aumento da capacidade energética”. Dessa forma, era preciso que o Nordeste fizesse parte dessa lógica desenvolvimentista nacional, ou seja, das concepções de industrialização e infraestrutura.

Segundo Rosilene Montenegro (2003), Campina Grande viveu durante a década de 1950 um grande crescimento econômico. Favorecendo ainda mais o imaginário da “Rainha da Borborema”. Porém, segundo a autora, o que a cidade vivia neste período é importante para entendermos os projetos políticos e econômicos do governo de JK. Isso porque, segundo Montenegro, o que acontecia em Campina Grande neste período diz mais sobre “recepção das ideias de modernização e modernidade, do que mesmo na sua concretização”. Enquanto o governo defendia a modernização via Industrialização, em Campina Grande a economia predominante era a comercial.

Na década de 1950, a cidade de Sousa ainda enfrentava diversas carências relacionadas à infraestrutura. No entanto, de maneira gradual, a cidade começou a vivenciar novas transformações, resultado de uma política nacional que, aos poucos, passou a influenciar sua administração. Rafaela Dario afirma que, em 1956, foi inaugurada uma filial do Banco Industrial de Campina Grande na cidade de Sousa. Esse acontecimento foi comemorado pela elite intelectual da cidade ganhando destaque na revista *Letras do Sertão*.

Segundo Rafaela Dario, em Sousa, as políticas desenvolvimentistas difundidas no país chegaram à cidade por meio do poder público, uma vez que o setor empresarial local não era tão forte¹¹⁰. A administração de Felino Gadelha seguiu a política do governo do JK que buscava o desenvolvimento do Nordeste através de órgãos como a SUDENE.

O governo de Felinto Gadelha aparentemente atendeu às expectativas da elite sousense, pois, durante seu mandato, foram implantados na cidade a luz elétrica e a água encanada. Julieta Gadelha destaca essas realizações em sua apresentação sobre as ações desenvolvidas pelos prefeitos da região. Além do mais, a elite sousense através do jornal *Letras do Sertão* exalta esses feitos.

¹¹⁰ DÁRIO, Rafaela Pereira. **Nos caminhos do progresso, nas veredas da modernização**: representações da cidade de Sousa-PB. Dissertação – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2012.

Nesta edição¹¹¹, onde já apresentamos uma série de fotografias que foram expostas sobre o abastecimento de água neste capítulo, apresenta outras imagens que seguem ao longo da edição. O objetivo era promover uma espécie documental sobre esse governo mostrando como essa administração contribuiu para o desenvolvimento da cidade. Assim podemos contemplar as principais obras desenvolvidas pelo governo e analisar os interesses e objetivos dessa administração.

Entre elas estão praças, vista do calçamento das ruas, saneamento, açougues, serviço de eletrificação da cidade, construção de maternidade e abastecimento de água. A edição que apresenta uma matéria sobre a inauguração da luz pública faz os seguintes agradecimentos:

A cidade tomou outra feição moderna e tudo indica que o seu futuro será de prosperidade, graças a esse imenso melhoramento público, empreendido pela atual administração municipal.

LETRAS DO SERTÃO que prima por registrar fatos e inteteresses de projeção em prol do progresso da cidade, consigna em suas páginas esse aocntecimento de singular expressão histórica para um povo, bem assim para uma administração municipal, que teve de enfrentar o problema com bastante coragem, devotaamento e empenho.

Aqui ficam os nossos parabens ao sr. Prefeito Municipal Felinto da Costa Gadelha, por esse melhoramento tão importante à vida de nossa cidade.¹¹²

Observe que essas obras destacadas pela revista são vistas como “em prol do progresso da cidade”. A edição completa o grande número de fotografias com a própria imagem do prefeito da cidade. Acompanhada por uma descrição: “O operoso Prefeito Felinto Gadelha, cuja administração foi classificada entre os 10 melhores do Brasil, pelo IBAM”. Veja:

Figura 39 - Felinto Gadelha

¹¹¹ Ver: **Letras do Sertão**. Outubro de 1959. Ano 6, nº 18.

¹¹² Ver: **Letras do Sertão**. Outubro de 1959. Ano 6, nº 18. p. 28.



Fonte: *Letras do Sertão* (1959)

A gestão de Felinto Gadelha recebeu o diploma do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), em reconhecimento ao desempenho administrativo. A administração de Sousa demonstrou alinhamento com os planos governamentais voltados para o desenvolvimento do Nordeste.

Dessa forma, percebe-se que a elite local promovia essas novas conquistas e exaltava as figuras públicas à medida que novos avanços eram feitos. No entanto, é fundamental destacar que a imagem construída pela elite intelectual da cidade, por meio da revista *Letras do Sertão*, idealizava Sousa como uma cidade inserida no contexto da modernidade e do desenvolvimento.

Observe o que afirma Dário:

Lembramos que o projeto de cidade moderna que na nossa visão fora elaborado pela revista é fruto das paixões políticas e também das visões de mundo de seus idealizadores, logo, uma vez coincidindo com a proposta do prefeito para o desenvolvimento da cidade, a cidade ideal implicitamente desenhada nas páginas de *Letras do Sertão* estaria a cada dia mais perto de se tornar real. (Dario, 2012, p. 100)

Em uma outra edição¹¹³ do jornal *Letras do Sertão* os redatores apresentam uma espécie de atualização do governo de Antônio Mariz em 1967. Dessa forma, além de expor a história da cidade é divulgado as obras públicas que estavam sendo desenvolvidas. Com isso podemos observar, segundo a descrição, que a água da cidade, já provinha de São Gonçalo, abastecia 1.252 prédios, enquanto a rede de esgoto servia a 23 logradouros públicos e a 467 prédios.

¹¹³ Ver: **Letras do Sertão**. Abril, Maio e Junho de 1967. Ano 16, n° 28. p. 34

Ainda nesse relatório, é descrito que em várias áreas da cidade haviam sido desenvolvidas obras de esgotos. Já no tópico sobre o abastecimento de água é afirmado que a CAENE havia iniciado seus trabalhos na cidade e que estavam montando um sistema de recalque que iria ajudar na pressão da água nas torneiras, tendo como objetivo a diminuição do desperdício. Aparentemente era uma preocupação a questão do desperdício, tendo em vista que a cidade também passava por escassez de água.

Mediante o exposto, a água se constitui como elemento moderno. Isso porque, carrega narrativas de higienização, civilidade e de desenvolvimento. Observe que, desde o governo de Epitácio Pessoa, havia a expectativa de que essa região seria beneficiada com a construção de açudes. Com isso, além da população, também seriam favorecidos os grupos sociais que lucrariam economicamente com a obra da barragem. Isso porque a economia local desfrutaria de melhores condições para o desenvolvimento de suas atividades.

Observe também que existe uma narrativa política e ideológica atrelada a concretização das obras nas décadas de 1930, isso porque tanto o governo nacional como estadual tinham interesses políticos na região.

As narrativas de modernidade também se fazem presentes no cotidiano da cidade de Sousa com a chegada da água encanada. Mesmo que esse sistema só passou a existir durante os anos de 1950 na cidade, percebe-se que já existia um interesse por parte da elite local em desfrutar de novos elementos ditos como "modernos".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos caminhos trilhados ao longo da pesquisa percebemos a importância da fotografia enquanto fonte histórica. Ela nos permite, através de um trabalho analítico, estudar a cidade de Sousa durante as décadas de 1920-1960. Por meio das imagens presentes no livro *Além do Rio*, foi possível observar fotografias que retratavam o cotidiano da cidade, assim como registros da chegada de elementos "modernizantes".

Desde a inauguração da estação ferroviária até a construção do açude de São Gonçalo, passando pela urbanização e criação de praças, as produções imagéticas nos apresentam a cidade por meio de eventos "extraordinários" que marcam as transformações da urbe e a presença de elementos "redentores" capazes de contribuir com o imaginário de modernidade.

Somado a isso, as fotografias que registraram a chegada dos símbolos modernizantes acabam eternizando aspectos do cotidiano da cidade. Esses registros permitem analisar as transformações urbanas e sociais pelas quais a cidade passou durante esse período, bem como as relações na vida cotidiana dos moradores. Dessa forma, é possível estudar a vida dos cidadãos por meio dessa fonte e examinar suas nuances e desdobramentos ao longo dos anos, percebendo como os discursos e narrativas sobre a cidade impactaram as transformações e de que maneira esses novos investimentos foram realizados.

A cidade de Sousa vivenciou diversos contextos ao longo dos anos. Assim, buscamos, por meio de uma contextualização, compreender os diferentes cenários pelos quais a cidade percorreu. Vale destacar que, nas décadas de 1920 e 1930, Sousa ainda apresentava características predominantemente rurais, cenário que começou a mudar entre as décadas de 1940 e 1960, quando a cidade adquiriu uma configuração mais urbana. Dessa forma, procuramos interpretar essas fotografias de modo a evidenciar as transformações que marcaram a cidade ao longo do tempo.

Durante a pesquisa, observamos que, com a chegada de símbolos modernizantes à cidade (como o trem, a luz elétrica e a água encanada), a elite sousense acompanhava com grande expectativa as novas empreitadas urbanas, monitorando e fiscalizando o desenvolvimento de novas atividades. Esse grupo cobrava que a cidade seguisse os padrões de modernidade, de modo que a presença desses elementos a fazia ser compreendida como "moderna" e "civilizada". Essas concepções podem ser acompanhadas na revista *Letras do Sertão*, administrada pela elite letrada da cidade.

Ao analisarmos o jornal *A União* percebemos que existia também uma expectativa pela elite do estado em implementar nesta região elementos modernizantes que seriam responsáveis por trazer “civilidade” para o sertão paraibano, claro acompanhada de interesses econômicos e políticos. Observamos que essas iniciativas estabeleceram novas dinâmicas sociais, valores e sociabilidades que construíram as vivências da cidade. É por meio de cronistas e memorialistas que esse cotidiano pode ser observado.

Por meio das fotografias, também foi possível perceber que nem todos tiveram acesso à modernidade. Nem todas as casas foram beneficiadas com luz elétrica e água encanada, e, para uma grande parcela da população, esses elementos demoraram a se tornar uma realidade.

Além disso, a própria fotografia evidencia a coexistência entre símbolos de modernidade, como o automóvel, e elementos tradicionais, o uso de animais como meio de transporte. Essas rupturas e permanências nos ajudam a compreender como a modernidade se desenvolveu no sertão da Paraíba. Diferentemente do que ocorreu em grandes metrópoles, aqui a modernidade foi introduzida gradualmente, com a incorporação de novos elementos ao cotidiano, resultando em um cenário onde o novo e o tradicional coexistem. Assim, uma cidade passava a ser considerada moderna pela introdução de símbolos com caráter modernizador, como o trem, a luz elétrica ou a água encanada. Como esses elementos eram vistos como portadores de progresso e redenção, sua simples presença conferia à cidade a imagem de um espaço civilizado e moderno.

Para um pesquisador as fotografias podem provocar inquietudes e perspectivas sobre o objeto de pesquisa que ampliam a leitura, bem como apresentando caminhos alternativos. Percebe-se que a leitura da cidade é feita por meio de diversas imagens, sejam as fotografias produzidas por fotógrafos com diferentes objetivos, sejam as imagens geradas por grupos sociais. As representações da cidade também são construídas pelas narrativas presentes em jornais, revistas, além dos relatos de cronistas e memorialistas.

O recorte temporal nos permitiu perceber as rupturas e permanências nas dinâmicas sociais da cidade, assim como a consolidação dos elementos modernizantes que, ao longo dos anos, moldaram essa sociedade. Este trabalho buscou destacar como esses elementos modernizantes passaram a integrar o cotidiano da cidade, a partir da chegada do trem, percorrendo até os anos de 1960 onde outras transformações passam a fazer parte dessa sociedade. Logo, trilhar o caminho por meio desse recorte temporal foi necessário para perceber como a chegada desses símbolos estava atrelada a discursos e narrativas presentes nessa sociedade ao longo dos anos.

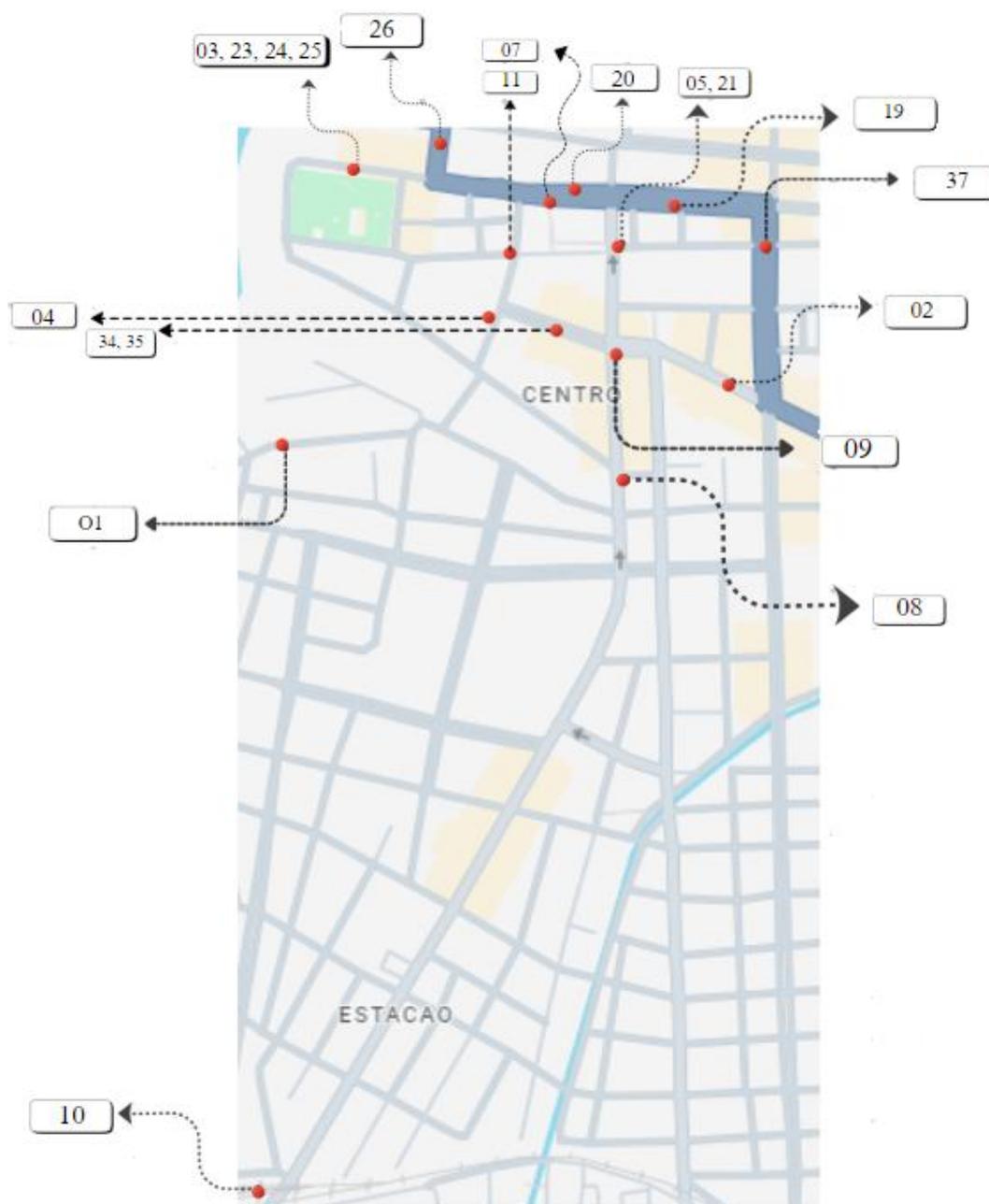
Deste modo, observamos ao longo da pesquisa que a imagem fotográfica apresenta uma infinidade de alternativas para se pensar a cidade. Neste trabalho, entendemos que apenas alguns fragmentos foram abordados diante das possibilidades que as fontes nos apresentam. Ao escolhermos trabalhar com as imagens com o objetivo de estudar a cidade, compreendemos as limitações e possibilidades que elas oferecem ao pesquisador. Contudo, estamos cientes de que nem todos os aspectos foram considerados e trabalhados nesta pesquisa. Outras facetas da cidade poderiam ser exploradas e investigadas. No entanto, buscamos focar nos aspectos que mais se aproximavam do nosso objeto de interesse.

Entre as limitações encontradas está a de informações sobre as fontes imagéticas, isso porque o livro *Além do Rio* apenas apresenta breves informações sobre as imagens, sem apresentar mais detalhes sobre quem as produziu. Além do mais, não encontramos estudos sobre a história da fotografia da cidade de Sousa, logo em muitas questões o trabalho do pesquisador se limita a interpretações e narrativas de memorialistas e cronistas na tentativa de contextualizar a fonte imagética.

Por conseguinte, entre as outras possibilidades de investigação sobre a cidade e a fonte imagética está a de pensar sobre a história da fotografia na cidade e como esse ofício foi desenvolvido. Muitas dessas fotografias estão presentes nos estabelecimentos da cidade, e fazem parte da memória dos cidadãos, logo entre os possíveis caminhos para novas pesquisas pode ser a de pensar sobre o impacto dessas imagens, ainda nos dias atuais, bem como o uso dessa ferramenta na construção da imagem de Sousa e suas narrativas.

A pesquisa teve como objetivo refletir sobre a cidade de Sousa e buscou traçar caminhos possíveis para a análise das imagens que revelam o cotidiano da cidade. Consequentemente, o estudo possibilita novas leituras e interpretação permitindo novas abordagens e perspectivas. Dessa forma, consideramos que este trabalho se apresenta como uma das várias formas de pensar a cidade, sem desconsiderar outras possibilidades de investigação. Fica, portanto, a provocação de que o estudo da cidade é um processo contínuo, onde novas camadas de interpretação podem ser desenvolvidas à medida que novas fontes e perspectivas são consideradas.

APÊNDICE A - Mapa das fotografias



Edição: Suzana Alves (2025)

Observação:

1. Os números referem-se às Figuras da dissertação, as quais estão devidamente numeradas.
2. Nem todas as fotografias foram incluídas neste mapa, pois estão situadas em regiões afastadas do centro urbano da cidade.

APÊNDICE B - Fontes Utilizadas

JORNAIS E REVISTAS

Jornal *A União*. João Pessoa, 1920, 1923, 1926, 1932, 1933, 1934, 1936.

Revista *Era Nova*. João Pessoa, 1923.

Revista *Letras do Sertão*, 1952 - 1954, 1963, 1967.

Revista *Letras do Sertão*, Sousa, 1952 - 1954, 1963, 1967.

Revista *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, 1922.

FONTES ICONOGRÁFICAS

FERRAZ, Augusto. **Além do rio**: uma fotografia da paisagem urbana - Sousa - Paraíba. AGT Produções, 2011.

DOCUMENTOS OFICIAIS

PESSOA, E. **Mensagem apresentada ao Congresso Nacional**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

FILMES

CARVALHO, Vladimir. **O País de São Saruê**. Brasília, UNB, 1986.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

FORTE, Gastão de Medeiros. **Minha terra, minha gente**. S/L: s/e, 1979.

GADELHA, Julieta Pordeus. **Antes que ninguém conte**. João Pessoa: A UNIÃO, 1986.

LEITÃO, Deusdedit. **Inventário do Tempo**: Memórias. João Pessoa: Edições Empório dos Livros, 2000.

MARIZ, Ignez. **A barragem**: romance. 2. ed. João Pessoa: A União, 1994.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 3 ed. João Pessoa: A União Cia Editora, 1980.
- ARANHA, Gervácio Batista Aranha. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In Agra do Ó, Alarcon [et alii] **A Paraíba no Império e na República: estudos de História Social e Cultural**. João Pessoa, Idéia, 2003, p. 79-132.
- ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. Tese de Doutorado em História. Campinas, Unicamp, 2001.
- ASSUNÇÃO, L. M.; Livingstone, I. Desenvolvimento inadequado: construção de açudes e secas no sertão do Nordeste. **Revista Brasileira de Economia**, 47, 425-448, 1993.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço** (romance). São Paulo: Martins Editora, s/d.
- BARRETO, Maria Cristina Rocha. **Imagens da Cidade: a ideia de progresso nas fotografias da cidade da Parahyba (1870-1930)**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1996.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1998.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. O prefeito Francisco Pereira Passos. In: **PEREIRA PASSOS: um Haussmann tropical - a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992. (Biblioteca Carioca), p. 192-203.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade**. Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo. Cia. Das Letras, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BORGES, Maria. E. L. **História e Fotografia**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BRAGANÇA, Roberta Gualberto. **A mulher e o espaço doméstico**. Trabalho de conclusão de curso (curso de arquitetura urbanismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade. **Espaço & Debates** n. 34,1991a, p.10-18.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1988. p. 237-258.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. São Paulo, Cia. das Letras. 1987.

CARVALHO, Telma Campanha. **Fotografia e Cidade: São Paulo na década de 1930**. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As singularidades da modernização na Cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930**. Recife: Tese (Doutorado) – UFPE/CFCH, 2004.

COLINS, Jones. O Haussmanismo e a cidade da modernidade (1851-1889). In: **PARIS: biografia de uma cidade**. Tradução de José Carlos Volcato e Henrique Guerra. 6. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017. p. 323-367.

DÁRIO, Rafaela Pereira. **Nos caminhos do progresso, nas veredas da modernização: representações da cidade de Sousa-PB**. Dissertação – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2012.

ELIAS, Norberto. **O Processo Civilizador**. Vol 1: Uma História dos Costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

FABRIS, Annateresa. **Usos e funções da fotografia no século XIX**, São Paulo, Edusp, 1992.

FONSECA, Cláudia. (2004). Ser mulher, mãe e pobre. Em M. Del Priore (Org.), **História das mulheres no Brasil**. 7ª ed., São Paulo: Contexto.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GUIMARÃES, Arthur Silveira. Os caminhos de uma “Revolução”: o movimento de 1930 na Paraíba. **Anais XIII Encontro Est. de História da ANPUHPB**. XX. 13., 2008. Anais [...]. Guarabira - PB, 2008.

GUINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad, de Frederico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras 1989.

HARVEY, David. “O direito à cidade”. In: **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução de Jefferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 27 -66.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições In HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

IANNI, Octávio. **Estado e Planejamento econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

JOYCE, James. **Ulisses** (romance). Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Fotografia e Cidade. In KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.) **Imagens e Ciências Sociais**. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1998.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. No estúdio do photographo, o rito da pose: Brasil, segunda metade do século XIX. **Revista Agora**, Vitória, n.5, p.1-25, 2007.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

LACERDA, Aline Lopes de. *A obra getuliana* ou como as imagens comemoram o regime. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.7, n.14, p. 241-263, 1994.

LANER, Izadora V; FARIA, Rodrigo de. Operação Nordeste: A criação da Sudene como política regional de desenvolvimento e integração nacional. In: **Revista Política e Planejamento Regional**. vol. 6, nº 2, maio a agosto de 2019, p. 184 – 203.

LE GOFF, J. Documento/monumento. In: **História e memória**. Traduzido por Bernardo Leitão et al. 7.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: leitura de fotografia histórica**. São Paulo, Edusp, 1993.

LEITÃO JÚNIOR, Artur Monteiro. **As imagens do sertão na literatura nacional: o projeto da modernização na formação territorial brasileira a partir dos romances regionalistas da geração de 1930**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia, 2012.

LIRA, A. C. G. DE; FELDHUES, P. R. P. Entre o desenvolvimentismo e a fome: percursos da ASCOFAM no Nordeste dos anos JK. **Revista de História Regional**, v. 23, n. 1, p. 151-168, 30 jul. 2018.

LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950)**. João Pessoa, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1997.

LUCA, Regina de, **Historia dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Pinsky, Carla Bassanezi (organizadora) - 2.ed., 1º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008. P. 111-153.

LUCCHESI, Fernanda. As obras contra as secas e a interiorização da burocracia: a ação o DNOCS no sertão da Paraíba. **Revista Euroamericana de Antropologia**. n.2. jun. 2015.

MALUF, Marina. e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. Em Fernando A. Novais (Org.), **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. 7ª ed., pp. 367-422. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARINS, P. C. G. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”. In: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil-3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira Livre: Territorialidade Popular e Cultura na Metrópole Contemporânea. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico – UFG – IESA**. V.2, n.4. ago2008. P.72-87.

MAUAD, Ana Maria de S. A. Através da imagem: fotografia e história: interfaces. **Revista Tempo**, Niterói, UFF, Relume-Dumará, v. 1, p. 73-98, 1996.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. In: **Revista de História**, São Paulo, USP, n. 115, p. 103-117, 1985. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796/64659>. Acesso: 08 de fev. 2025

MONDENARD, Anne de. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918. In **Projeto História** nº. 18, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, EDUC, maio de 1999 (pp. 107-113).

MONTENEGRO, R. D. História e imaginário nos anos 1950, em Campina Grande. In: **ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, João Pessoa, Anais [...], 2003.

NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na Era Vargas. **Revista Brasileira de História**. v. 21, n. 40, 2001, p. 107–131.

PESEZ, Jean-Marie. A história da Cultura Material. In LE GOFF, Jacques. **A Nova História**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PEZZI, Nathália Santos. Les Miserables: Victor Hugo e o cotidiano do século XIX. **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 10, nº. 1, 2019.

PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira**. Volume 3: República – Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: Le Ya, 2017.

QUEIROZ, Marcus Vinícius Dantas de. **Arquitetura, cidade e território das secas: ações da IFOCS no semiárido do Brasil (1919-1945)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2020.

RÉGO, José Lins do. **Menino de engenho** [recurso eletrônico]. 100. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. Apresentação de Ivan Cavalcanti Proença.

REZENDE, Antonio Paulo. A modernidade e o modernismo - significados. **Revista Clio**, Recife, v.1, n.14, 1993. (Série História do Nordeste).

ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais** – Nascimento do Consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

ROUILLÉ, André. A Modernidade Fotográfica. In: **A Fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil** – República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998, p. 423-512.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno** (1892-1928). Tese (Doutorado em história). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

SILVA, Waniéry Loyvia de Almeida. **Autoritarismo, repressão e propaganda**: a Paraíba no governo Argemiro de Figueiredo (1937-1940). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, Bárbara Bezerra Siqueira. **O poder político de José Américo de Almeida**: A construção do americanismo (1928-1935). João Pessoa: Dissertação de Mestrado – UFPB, 2015.

SILVA, Célia Nonata da; Carneiro, Maria Fabiana L. O estranho sertão da primeira república. **XII Simpósio Internacional - Processo Civilizador**. Recife, 2009. Disponível em: https://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Silva1.pdf. Acesso em: 09/04/2024.

SILVA, Jéssica Naiara. **A estação do bairro**: nos trilhos da memória contada vida, cotidiano e trabalho na ferrovia sousense (1960-2000). Cajazeiras, 2017.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos de. “Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste” (pp. 61-92). In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 46, 2006.

SOUSA, Rivaldo Amador de. **Encantos e desencantos das cidades**: sensibilidades e sociabilidades em Sousa-PB (1922-1960). Dissertação de mestrado, Campina Grande-PB: Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos**: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889). Rio de Janeiro: Rocco, 1995.